

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA – CEPA/SC

SÍNTESE INFORMATIVA
SOBRE A
AGRICULTURA CATARINENSE
1977

SÍNTESE INFORMATIVA SOBRE A

AGRICULTURA CATARINENSE

1977



A P R E S E N T A Ç Ã O

A exemplo do trabalho realizado em 1976, a Comissão Estadual de Planejamento Agrícola - CEPA/SC elaborou este documento agora ampliado, revisado e atualizado, visando fornecer subsídios a todos os órgãos envolvidos em planejamento, controle, fiscalização e execução, do setor agrícola e correlatos, através de dados estatísticos e informações sobre a atual situação da agropecuária catarinense.

O presente trabalho, aborda desde os aspectos gerais da agropecuária do Estado, tais como estrutura fundiária; utilização do solo; emprego e população rural, até as estimativas das necessidades de insumos e serviços para o presente ano e para 1978.

Cumpre-nos destacar, que no presente documento foram incluídos mapas que apresentam as áreas de concentração da produção dos principais produtos agrícolas e criações de Santa Catarina, bem como comentários e informações estatísticas dos produtos alho, cebola e tomate, tendo em vista que os mesmos têm grande participação no cesto alimentar brasileiro merecendo, portanto, destaque.

Foram incluídos também, o reflorestamento e a produção de madeiras, e ainda, do pescado, em virtude da alta importância que estes produtos representam para a economia do Estado, não esquecendo a importância social da pesca e ecológica do reflorestamento.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer a todos os órgãos que colaboraram conosco na elaboração deste trabalho, através do fornecimento de dados estatísticos, informações técnicas e conjunturais, aguardando, ao mesmo tempo, críticas e sugestões sobre o presente documento, para que ano a ano, possamos aperfeiçoá-lo ainda mais.

ÍNDICE GERAL

<u>CÓDIGO</u>		<u>PÁGINA</u>
I	ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE.....	1
	1. Estrutura Fundiária.....	1
	2. Utilização do Solo.....	4
	3. Emprego e População Rural.....	5
	4. Renda "Per Capita".....	8
	5. Participação do Setor Agropecuário na Economia Estadual.....	9
II	PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS CULTURAS E CRIAÇÕES DO ESTADO.....	13
	1. Milho.....	13
	2. Mandioca.....	14
	3. Fumo.....	15
	4. Arroz.....	17
	5. Feijão.....	19
	6. Trigo.....	20
	7. Batata.....	21
	8. Cana de Açúcar.....	22
	9. Soja.....	23
	10. Alho.....	25
	11. Cebola.....	25
	12. Tomate.....	27
	13. Fruticultura.....	28
	14. Reflorestamento.....	33
	15. Suinocultura.....	35
	16. Avicultura.....	37
	17. Gado Leiteiro.....	39
	18. Gado de Corte.....	40
	19. Pescado.....	41
III	ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	43
IV	BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS	45

V	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO.....	51
	1. Pesquisa e Experimentação.....	51
	2. Insumos Modernos.....	52
	2.1. Insumos Modernos na Lavoura.....	52
	2.1.1. Fertilizantes e Corretivos.....	52
	2.1.2. Defensivos Agrícolas.....	52
	2.2. Insumos Modernos na Pecuária	53
	2.2.1. Rações e Concentrados	53
	2.2.2. Produtos Veterinários	53
	3. Mecanização Agrícola	54
	4. Sementes e Mudanças Seleccionadas	56
	5. Promoção e Extensão Rural	58
	6. Reprodutores e Matrizes	61
	6.1. Suinocultura	61
	6.2. Bovinocultura	66
	6.3. Avicultura	69
VI	INFRAESTRUTURA AGRÍCOLA	70
	1. Drenagem	70
	2. Eletrificação Rural	70
	3. Estradas Vicinais	71
VII	COMERCIALIZAÇÃO E ABASTECIMENTO	72
	1. Comercialização e Abastecimento	72
	1.1. Milho	72
	1.2. Mandioca	73
	1.3. Fumo	74
	1.4. Arroz	75
	1.5. Feijão	76
	1.6. Trigo	76
	1.7. Batata	77
	1.8. Cana de Açúcar Industrial.....	77
	1.9. Soja.....	77
	1.10. Cebola.....	79
	1.11. Banana.....	79
	1.12. Fruticultura de Clima Temperado.....	80
	1.13. Bovinos de Corte.....	81

1.14. Suínos.....	81
1.15. Aves.....	82
1.16. Leite.....	83
2. Exportação.....	85
3. Informação de Mercado.....	91
4. Armazenamento.....	92
VIII FINANCIAMENTO.....	95
1. Crédito.....	95
2. Preços Mínimos.....	97
IX CONTROLE E FISCALIZAÇÃO.....	98
1. Inspeção, Padronização e Classificação.....	98
1.1. Produtos de Origem Vegetal.....	98
1.2. Produtos de Origem Animal.....	102
2. Defesa Sanitária.....	103
2.1. Defesa Sanitária Vegetal.....	103
2.2. Defesa Sanitária Animal.....	104
3. Controle e Fiscalização da Fauna e Flora.....	105
3.1. Fauna.....	105
3.2. Flora.....	105
X ESTIMATIVA DAS NECESSIDADES DE INSUMOS E SERVIÇOS	106
XI ANEXOS	
- Mapa do Estado com Micro-Regiões.....	122
- Relação das Micro-Regiões de Santa Catarina.....	123
- Relação dos Municípios das Micro-Regiões.....	124
- Relação das Associações de Municípios.....	132

ÍNDICE DOS QUADROS

<u>NÚMERO</u>	<u>ESPECIFICAÇÃO</u>	<u>PÁGINA</u>
01	Classes de Imóveis Rurais.....	2
02	Classificação dos Imóveis Rurais Segundo as Categorias - Lei 4.504.....	3
03	População Economicamente Ativa	6
04	Participação da População Rural na População Catarinense 1970/1995	7
05	Produto Interno Bruto de S.Catarina - 1976 ..	9
06	Estimativa da Renda Interna, Segundo os Setores da Economia	10
07	Origem da Ponderação	11
08	Valor da Produção do Setor Primário	12
09	Área, Rendimento e Produção do Milho	13
10	Área, Rendimento e Produção da Mandioca	14
11	Área, Rendimento e Produção do Fumo	16
12	Área, Rendimento e Produção do Arroz	18
13	Área, Rendimento e Produção do Feijão	19
14	Área, Rendimento e Produção do Trigo	20
15	Área, Rendimento e Produção da Batata	21
16	Área, Rendimento e Produção da Cana de Açúcar	22
17	Área, Rendimento e Produção da Soja	24
18	Área, Rendimento e Produção da Cebola	26
19	Área, Rendimento e Produção do Tomate	27
20	Área e Produção da Maçã	29
21	Área e Produção do Pêssego	29
22	Área e Produção de Nectarina	30
23	Área e Produção de Ameixa	30
24	Área e Produção de Uva Vinífera	31
25	Área, Rendimento e Produção da Banana	32
26	Projetos de Reflorestamento com Incentivos Fiscais	33
27	Projeto de Reposição Obrigatória (Reflorestamento)	34
28	Produção de Madeira, Carvão e Lenha em Santa Catarina / 1974	34

29	Abate e Produção de Suínos.....	36
30	Abate e Produção de Frangos de Corte.....	38
31	Produção de Leite.....	39
32	Efetivo, Abate e Produção de Bovinos.....	40
33	Produção Catarinense de Pescado.....	42
34	Balanco de Oferta e Demanda dos Principais Produtos - 1976.....	48
35	Balanco de Oferta e Demanda dos Principais Produtos - 1977.....	49
36	Balanco de Oferta e Demanda dos Principais Produtos - 1978.....	50
37	Evolução do Parque de Máquinas no período 1976/78.....	55
38	Estabelecimentos Registrados no PBB-1970/76..	62
39	Reprodutores Inscritos por Santa Catarina no Big Book Brasileiro - 1970/1976.....	63
40	Inscrição de Reprodutores no PBB, por Estado.	64
41	Participação Percentual de Santa Catarina no Total de Reprodutores Inscritos no PBB.....	65
42	Exportação de Reprodutores p/ Outros Estados.	66
43	Bovinos Registrados na ACCB até 1975.....	67
44	Bovinos Registrados na ACCB - 1976.....	68
45	Efetivo de Matrizes de Corte (aves) - 1976...	69
46	Exportação Catarinense de Produtos Agrícolas 1976.....	87
47	Exportação Catarinense de Produtos Agroindus- triais - 1976.....	88
48	Exportação Catarinense de Produtos Agrícolas Janeiro a Julho de 1977.....	89
49	Exportação Catarinense de Produtos Agroindus- triais - Janeiro a Julho de 1977.....	90
50	Capacidade de Armazenamento das Cooperativas. Agropecuárias Catarinenses - 1977.....	93
51	Total de Financiamentos Concedidos a Produto- res e Cooperativas - 1976.....	96
52	Levantamento dos Produtos Classificados Desti- nados à Comercialização Interestadual - 1976	99
53	Levantamento dos Produtos Classificados Desti- nados para EGF - 1976.....	100
54	Levantamento Total dos Produtos Classificados 1976.....	101

55	Número de Animais Abatidos sob Inspeção Federal - 1976.....	102
56	Necessidades de Insumos por Produtos 1977/78	
	A - Sementes, Calcário e Herbicidas.....	107
	B - Formicidas, Inseticidas, Fungicidas e Inoculantes.....	108
	C - Fertilizantes.....	109
57	Necessidade Total de Insumos - 1977/78.....	110
58	Necessidades de Serviços por Produto 1977/78..	
	A - Preparo da Terra e Aração - Gradagem.....	111
	B - Preparo da Terra - Outros; Semeadura e Adubação.....	112
	C - Cultivo de Adubação de Cobertura.....	113
	D - Aplicação de Defensivos e de Herbicidas...	114
	E - Colheita.....	115
	F - Transporte, Trilhas, Classificação e Beneficiamento.....	116
	G - Inoculação de Sementes; Irrigação e Drenagem.....	117
59	Necessidade Total de Serviços por Fase e por Unidade de Tempo - 1977/78.....	118
60	Necessidades de Serviços de Trator e Colhedeira - 1977.....	119
61	Necessidades de Serviços de Trator e Colhedeira - 1978.....	120

I - ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE

1.- A Estrutura Fundiária

Conforme Recadastramento do INCRA-1972 (quadro nº 1) verifica-se que 70,36% dos imóveis rurais ocupando 24,25% da área total, possuem menos de 25 ha. Da mesma forma, 19,01% dos imóveis correspondendo a 20,08% da área, situam-se na faixa de 25 a 50 ha.

Tal situação retrata bem a predominância da pequena propriedade, que explorada em regime de economia familiar, constitui assim mesmo, a principal base produtiva da agropecuária catarinense. Estas propriedades são responsáveis por 71,8% do valor da produção agropecuária.

Quadro nº 1 : Classes de Imóveis Rurais

CLASSE - HA	I M Ó V E I S		%	Á R E A - Ha		%
	TOTAL	TOTAL ACUMULADO		TOTAL CLASSE	TOTAL ACUMULADO	
. Menos de 1	5.550	5.550	2,22	3.589,4	3.589,4	0,04
. 1 a menos 2	10.497	16.047	6,42	14.739,3	18.328,7	0,22
. 2 a menos 5	28.629	44.676	17,88	96.415,6	114.744,3	1,43
. 5 a menos 10	37.392	82.068	32,8	273.223,6	287.967,9	4,85
.10 a menos 25	93.790	175.858	70,36	1.548.400,5	1.936.368,0	24,25
.25 a menos 50	47.520	223.378	89,37	1.602.752,7	3.539.121,1	44,33
.50 a menos 100	16.265	239.643	95,88	1.086.542,9	4.625.664,5	57,93
.100 a menos 200	5.807	245.450	98,20	784.036,0	5.409.700,6	67,76
.200 a menos 500	3.111	248.561	99,45	941.514,2	6.351.214,8	79,55
.500 a menos 1000	896	249.430	99,80	610.960,0	6.962.182,8	87,20
. 1.000 a menos 2.000	374	249.804	99,95	507.089,5	7.469.272,3	93,55
. 2.000 a menos 5.000	128	249.932	99,96	364.692,5-	7.833.964,8	98,12
. 5.000 a menos 10.000	13	249.945	99,97	86.595,3	7.920.560,1	99,21
.10.000 a menos 20.000	4	249.949	99,99	41.623,5	7.962.183,6	99,73
.20.000 a menos 50.000	1	249.950	100,00	21.371,0	7.983.555,3	100,0

FONTE: INCRA - Recadastramento - 1972

A classificação dos imóveis rurais, segundo as categorias previstas na lei nº 4.504, caracteriza o predomínio do minifúndio que representa 83,34% dos imóveis e 38,29% da área.

Quadro nº 2 - Classificação dos Imóveis Rurais, segundo as categorias previstas na Lei 4.504 - Recadastramento - INCRA - 1972

CATEGORIA	IMÓVEIS RURAIS		Á R E A	
	NÚMERO	%	HECTARES	%
. Minifúndio	208.328	83,34	3.056.918	38,29
. Empresa Rural	4.620	1,85	308.268	3,86
. Latifúndio por <u>ex</u> ploração	37.029	14,81	4.618,369	57,85

FONTE: INCRA

2. Utilização do Solo

As culturas contempladas no presente trabalho ocupam mais de 2 milhões de hectares. A superfície total do Estado é de 9.598.500 hectares, sendo que, a superfície agrícola útil, segundo dados do INCRA, soma 6.973.160 hectares, equivalendo a 72% da superfície total de Santa Catarina.

Segundo dados do "Levantamento de Reconhecimento dos Solos de Santa Catarina", cerca de 34% da área estadual é considerada apta para culturas anuais, apresentando o restante, restrições para tal atividade, sendo, no entanto, agricultáveis, em termos de pastagens, culturas permanentes e reflorestamento.

Entre as limitações que influem de forma mais acentuada cita-se, a topografia, a pedregosidade e a falta de drenagem.

Na região litorânea, cerca de 200.000 hectares permanecem improdutivos, devido à necessidade de drenagem e de obras de contenção das cheias.

O regime fundiário prevalente - pequenas propriedades - conduz ao uso intensivo, ao desmatamento não controlado, tendo a erosão como uma das consequências mais danosas.

Quanto ao grau de fertilidade, observa-se que as áreas de maior potencial correspondem as de relevo mais acidentado, enquanto que os solos de topografia plana e levemente ondulada apresentam baixa fertilidade devido, principalmente, a sua elevada acidez e baixo teor de fósforo disponível. Dessa forma, a obtenção de altas produtividades agrícolas, implica em correção da fertilidade natural.

3. Emprego e População Rural

Segundo projeções do IBGE a população catarinense, em 1977, é estimada em 3,5 milhões de habitantes. Desse total, ... 1.800.000 (51,4%) vivem no meio rural, desenvolvendo atividades agrícolas, para subsistência e comercialização.

O processo de colonização dirigida, que prevaleceu na maioria das regiões do Estado, tem levado a um contínuo fracionamento da propriedade rural e conseqüentemente a uma limitação de renda do agricultor. Este, desestimulado, vem migrando para as cidades de médio porte que polarizam as diversas micro-regiões.

A dinâmica de alguns processos de produção, de forma especial o reflorestamento em escala industrial, tem levado à aglutinação de pequenas propriedades, gerando excedente de mão de obra.

É digno de nota que, em várias regiões do Estado, o próprio desenvolvimento agrícola tem gerado o crescimento dos demais setores - indústria e serviços.

O Quadro nº 3, identifica a população economicamente ativa na Região Sul e em Santa Catarina, no período de 1970 à 1975, enquanto o Quadro nº 04, mostra a participação percentual da população rural na população catarinense, no período de 1970 à 1995.

QUADRO Nº 3 - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA NA REGIÃO SUL E SANTA CATARINA

Período de 1970/95

ANO	REGIÃO SUL			SANTA CATARINA		
	AGRÍCOLA	NÃO AGRÍCOLA	TOTAL	AGRÍCOLA	NÃO AGRÍCOLA	TOTAL
1970	2.934,0	2.491,0	5.425,0	451,7	430,5	882,2
1975	3.235,0	3.067,0	6.302,0	498,0	530,1	1.028,1
1980	3.583,0	3.810,0	7.393,0	551,7	658,7	1.210,4
1985	3.921,0	4.667,0	8.588,0	603,8	896,4	1.410,2
1990	4.290,0	5.712,0	10.002,0	660,7	987,3	1.648,0
1995	4.695,0	7.119,0	11.814,0	723,1	1.004,9	1.728,0

FONTE - FIBGE e estimativa da SUPLAN/MA

OBSERVAÇÕES - Para o Estado de Santa Catarina, a população economicamente ativa no período de 1975/1995, foi estimada pela CEPA/SC, levando em consideração as mesmas taxas de crescimento verificadas para a Região Sul. (taxa histórica com variação em cada 5 anos).

Quadro nº 4: PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL NA POPULAÇÃO CATARINENSE - 1970 à 1995

A N O	SANTA CATARINA			PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL (%)
	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO RURAL		
1970	2.901,7	1.665,7		57,06
1975	3.351,4	1.777,7		53,30
1980	3.880,7	1.921,0		49,50
1985	4.532,0	2.090,0		46,12
1990	5.331,0	2.288,0		42,92
1995	6.364,0	2.571,0		40,40

FONTE - Elaboração CEPA/SC a partir de dados da FIBGE, período 1970/80

4. Renda "Per Capita"

Segundo estimativa preliminar do ITEP - Instituto Técnico de Economia e Planejamento, o Produto Interno Bruto (PIB) de Santa Catarina, atingiu o montante de Cr\$ 41.236.200.000,00.

A renda "Per Capita", considerando-se a população estimada para 1976 pelo IBGE, atingiu os valores seguintes:

PIB "Per Capita"	Cr\$/hab.	US\$/hab. (1)
Santa Catarina	11.950,00	1.120
População Rural	5.713,00	535
População Urbana	18.788,00	1.761

FONTE: ITEP e IBGE.

(1) US\$ = 10,669 (FGV - Conjuntura Econômica).

Pode-se observar a grande disparidade de renda entre o setor primário e o resto da economia: a renda "per capita" da população rural representa apenas 30% da renda "per capita" da população urbana e 48% da renda "per capita" média do Estado.

5. Participação do Setor Agropecuário na Economia Estadual

Em 1976, o setor primário participou com 25% na formação do Produto Interno Bruto do Estado, segundo estimativa preliminar do ITEP - Fundação Instituto Técnico de Economia e Planejamento.

Esta participação, todavia, deve situar-se em níveis acima de 25%, uma vez que no cálculo não foi considerada a produção florestal, em virtude da inexistência de dados estatísticos.

Cabe considerar também, que o setor agrícola contribui ainda indiretamente para a formação do Produto Interno Bruto, através das agroindústrias, que se situam tanto a montante como a jusante da agricultura e que integram o setor secundário da economia. As agroindústrias participaram, em 1976, com 42% na formação do PIB do setor industrial.

Quadro nº 5

PRODUTO INTERNO BRUTO - Estimativa Preliminar - 1976 SANTA CATARINA

SETOR	MONTANTE (A preços constantes) Cr\$ 1.000	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL
Agricultura	10.309.000	25
Indústria	11.133.800	27
Serviços	17.793.400	48

FONTE: ITEP

O setor primário vem perdendo importância relativa na economia catarinense, enquanto que o setor industrial vem aumentando sua participação relativa, o que é uma tendência perfeitamente normal no processo de desenvolvimento.

Observa-se, entretanto, um crescimento excessivamente rápido do setor terciário, que de 38% em 1959, passou a representar 48% da Renda Interna em 1970. Este crescimento é devido, principalmente aos subsetores Governo e Intermediários Financeiros, que de 4 e 12% em 1959, passaram a representar, respectivamente, 11 e 16% da renda interna do setor terciário, em 1970.

Quadro nº 6

Estimativa da Renda Interna, Segundo os Setores da Economia
Distribuição Percentual

ANOS	SETOR		
	Primário	Secundário	Terciário
1949	41	23	36
1959	35	27	38
1970	24	30	47

FONTE: Conjuntura Econômica - Vol. 31 nº 7
Fundação Getúlio Vargas

No cálculo do desempenho do setor primário catarinense, em 1976, o ITEP fundamentou-se nos valores da produção de 1973, conforme pode ser visto abaixo, devendo-se salientar que a produção florestal não foi considerada.

Quadro nº 7

Origem da Ponderação

	Valor	Ponderação	%
LAVOURAS			<u>64,2</u>
Permanentes	95.532.000	0,034564	3,4
Temporárias	1.679.641.000	0,067695	60,8
VARIAÇÃO DOS REBANHOS	24.875.381	0,008999	<u>0,9</u>
ABATE			<u>21,7</u>
Suínos	280.542.150	0,101500	10,2
Bovinos	242.221.290	0,087636	8,8
Aves	75.937.080	0,027474	2,7
PESCA	101.129.035	0,036589	<u>3,7</u>
DERIVADOS DA PRODUÇÃO ANIMAL			<u>9,5</u>
Leite	101.969.000	0,065836	6,5
Ovos	71.724.000	0,025950	2,6
Mel	10.383.000	0,003757	0,4

FONTE: ITEP

Quanto à participação relativa dos sub-setores agrícolas, observa-se no quadro nº 8, que o sub-setor lavoura contribui com 51% do valor total. Entre as lavouras, o milho ocupa o 1º lugar, representando 42% do valor da produção lavoureira e 21% do valor da produção total do setor primário.

Segue-se a extração da madeira, que continua representando a segunda maior fonte de renda do setor primário, com 20% sobre o valor total da produção do setor primário. Infelizmente, devido à não disponibilidade, até o momento da elaboração deste documento, de dados estatísticos do sub-setor silvicultura para os anos 1975 e 1976, não se pôde proceder à uma análise mais completa do comportamento dos sub-setores do setor primário.

Observa-se que o sub-setor lavoura cresceu no período 1974-1977 à uma taxa média anual de 5%.

A produção de milho cresceu 6% ao ano no período 1974-1977, a soja 3%, o fumo 16% e o tomate 17% ao ano. A produção de trigo, por sua vez, vem registrando uma redução no valor da produção, de 37% ao ano.

No sub-setor fruticultura, enquanto a produção de banana apresentou uma redução média anual de 11%, as frutas de clima temperado, tem apresentado um incremento médio anual de 70%, destacando-se a maçã com um aumento médio de 101% ao ano.

No sub-setor pecuária, que no período 74-76 cresceu a uma taxa média anual de 17%, destacam-se a avicultura, com crescimento médio de 54%, e a suinocultura, com crescimento médio de 21% ao ano. A produção de carne bovina vem crescendo a uma taxa de 3% e a produção de leite a 4% ao ano.

A produção pesqueira registrou um declínio médio de 16% ao ano. A sardinha representa a principal espécie de pescado e sua captura de forma indiscriminada vem reduzindo os cardumes, constituindo-se, pois, num dos fatores responsáveis pelo decréscimo deste sub-setor.

Quadro nº 8 Valor da Produção do Setor Primário

PRODUTOS	VALOR DA PRODUÇÃO - Cr\$ 1.000 A PREÇOS DE 1974			
	1974	1975	1976	1977
LAVOURA	<u>3.185.169</u>	<u>3.284.973</u>	<u>3.283.190</u>	<u>3.635.518</u>
Milho	1.353.041	1.295.030	1.496.103	1.632.772
Mandioca	279.411	243.320	171.199	171.420
Fumo	267.574	297.894	346.042	420.106
Arroz	252.226	319.043	346.929	362.916
Feijão	244.289	323.363	189.023	256.851
Trigo	87.286	32.923	36.258	21.954
Batatinha	133.461	165.355	132.601	117.937
Cana-de-açúcar	25.357	28.117	25.058	36.140
Soja	457.761	495.232	434.478	504.947
Tomate	26.762	32.893	47.156	42.855
Cebola	58.001	51.803	58.343	67.720
FRUTICULTURA	<u>57.514</u>	<u>58.830</u>	<u>62.215</u>	
Maçã	2.750	9.000	15.120	22.239
Pêssego	360	660	1.710	1.102
Nectarina	2.179	1.900	1.161	3.958
Ameixa	431	70	245	708
Banana	51.794	47.200	40.979	(1)
SILVICULTURA	<u>1.489.332</u>	(1)	(1)	(1)
Madeira	1.284.772	(1)	(1)	(1)
Carvão	3.486	(1)	(1)	(1)
Lenha	201.074	(1)	(1)	(1)
PECUÁRIA	<u>1.422.826</u>	<u>1.641.107</u>	<u>1.970.553</u>	(1)
Suínocultura	527.458	551.801	777.048	(1)
Bovinos de corte	333.503	349.856	352.378	(1)
Leite	375.869	390.948	405.257	(1)
Avicultura	185.996	348.501	435.870	(1)
PESCADO	<u>149.871</u>	<u>124.861</u>	<u>105.214</u>	<u>42.115(2)</u>
Peixes	92.570	59.190	37.070	17.804(2)
Crustáceos	55.483	63.977	67.440	24.060(2)
Moluscos e outros	1.818	1.694	704	251(2)
TÓTAL	<u>6.304.712</u>	(1)	(1)	(1)

FONTE: CEPAL/SC

(1) - Dado ainda não disponível

(2) - Apenas 1º semestre

II - PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS CULTURAS E

CRIAÇÕES DO ESTADO

1. Milho

É cultivado em todo o Estado, embora 80% da produção esteja concentrada nas regiões Oeste e Vale do Rio do Peixe, como pode ser verificado no mapa de concentração da produção.

Santa Catarina situa-se entre os seis Estados maiores produtores brasileiros de milho com cerca de 166 mil agricultores dedicados a esta cultura.

A utilização de áreas mecanizáveis para o cultivo do produto, a adoção de tecnologia com o conseqüente aumento da produtividade, são fatores que contribuem para o incremento da produção.

O quadro a seguir mostra a evolução da produção estadual de milho, no período de 1970/77, bem como a estimativa da safra 1977/78.

Quadro nº 9 Área, Rendimento e Produção de Milho
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	INDICE	Kg/Ha	INDICE	TON.	INDICE
. 1969/70	563.604	100	1.919	100	1.081.556	100
. 1970/71	706.077	125,3	1.740	90,7	1.228.573	113,6
. 1971/72	695.593	123,4	1.770	92,2	1.231.119	113,0
. 1972/73	800.142	142,0	1.950	101,6	1.560.276	114,3
. 1973/74	936.320	166,1	2.369	123,4	2.218.100	205,1
. 1974/75	942.400	167,2	2.253	117,4	2.123.000	196,3
. 1975/76	1.005.274	178,4	2.440	127,1	2.452.627	226,8
. 1976/77	1.063.584	188,7	2.517	131,2	2.676.675	247,5
. 1977/78(*)	1.080.000	191,6	2.520	131,3	2.721.600	251,6

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) - Estimativa

2. Mandioca

Cultivada em todo o estado, a mandioca tem importância maior no Vale do Itajaí e no Litoral, especialmente no Sul do Estado, onde dez mil famílias rurais se dedicam a essa cultura.

No Vale do Itajaí, onde se concentram as fecularias, a raiz de mandioca é transformada em fécula, subproduto de alto valor, procurado pelo mercado internacional (indústrias alimentícias dos Estados Unidos e do Canadá) e nacional (indústrias têxteis, alimentícias e de papel).

A mandioca, no Litoral e principalmente no Sul de Santa Catarina, é transformada em farinha industrial e comestível, sendo a industrial utilizada na composição de rações.

Segue o quadro com a evolução da área, rendimento e produção, no período 1970/77 e estimativa para a safra 1977/78.

Quadro nº 10 Área, Rendimento e Produção da Mandioca
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/Ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	142.816	100	21.127	100	3.017.273	100
. 1970/71	155.431	108,8	19.721	93,3	3.065.254	101,6
. 1971/72	152.585	106,8	18.345	86,8	2.799.171	92,8
. 1972/73	161.708	113,2	14.210	67,2	2.297.870	76,2
. 1973/74	142.174	99,6	14.969	70,8	2.128.200	70,5
. 1974/75	85.046	59,5	16.805	79,5	1.429.241	47,4
. 1975/76	80.846	56,6	16.129	76,3	1.303.973	43,2
. 1976/77(*)	84.520	59,2	15.448	73,1	1.305.663	43,3
. 1977/78(*)	85.000	59,5	16.000	75,7	1.360.000	45,0

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) - Estimativa

3. Fumo

Cultura típica de pequenas propriedades, não exigindo grandes áreas, mas requerendo mão-de-obra abundante em todas as fases de seu cultivo e no período pós-colheita.

A produção de fumo no Estado é totalmente ligada à indústria que, por sua vez, orienta os produtores durante todas as fases da cultura, através de assistência técnica integral, e facilitando a obtenção do crédito. Em troca, os fumicultores se comprometem a vender toda a produção à firma contratante.

No período 1970/73, a lavoura de fumo apresentou uma área mais ou menos constante enquanto, nos anos 1974 e 1975, houve um considerável aumento da área plantada. Já em 1976 verificou-se um incremento considerável na área colhida, que passou de 49.000 ha, na safra 74/75 para 75.760 ha. na safra 1975/76 e 80.533 ha. na safra de 1976/77.

Para análise do comportamento desta cultura no período 1970/77, com estimativas para a safra 1977/78, segue um quadro com área, rendimento e produção.

Quadro nº 11 Área, Rendimento e Produção do Fumo
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/Ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	32.879	100	1.528	100	50.239	100
. 1970/71	34.905	106,16	1.549	101,4	54.067	107,6
. 1971/72	35.980	109,43	1.485	97,2	53.430	106,4
. 1972/73	34.727	105,62	1.377	90,1	47.819	95,2
. 1973/74	43.151	131,24	1.635	107,0	70.600	140,5
. 1974/75	49.000	149,03	1.603	104,9	78.600	156,4
. 1975/76	75.760	230,42	1.205	78,9	91.304	181,7
. 1976/77	80.533	244,90	1.488	97,4	119.846	238,6
. 1977/78 (*)	90.000	273,7	1.450	94,9	130.500	259,8

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) - Estimativa

4. Arroz

O arroz irrigado é cultivado no Sul do Estado, Vale do Itajaí e Litoral Norte, enquanto que no resto do Estado, destacando-se as regiões Colonial do Peixe, Coloniais do Oeste Catarinense e Planalto de Canoinhas, é cultivado o arroz de sequeiro.

Na safra 1975/76, a área cultivada com arroz se - queiro (78.362 ha.) ultrapassou a área plantada com arroz irrigado (75.231 ha.) em decorrência de que muitas áreas anteriormente ocupadas pela soja, foram usadas para o plantio do arroz, visando a alternância de culturas, para combater a rizoctoniose que atacou a soja na safra anterior e devido a fatores conjunturais que levaram ao plantio do arroz.

Na safra 1976/77, a área plantada com arroz sequeiro foi novamente reduzida, representando cerca de 50% do total da área cultivada com este cereal.

É evidente que o arroz de sequeiro não produz 50% do volume total do arroz catarinense, pois, a produtivi - dade que ele apresenta é bastante inferior ao irrigado.

O quadro que segue identifica o comportamento da cultura, no período 1970/77, mostrando as estimativas para 1978.

Quadro nº 12 Área, Rendimento e Produção do Arroz
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/ha	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	86.128	100	2.486	100	214.114	100
. 1970/71	97.222	112,9	2.138	86,0	207.860	97,1
. 1971/72	101.896	118,3	2.131	85,7	217.140	101,4
. 1972/73	107.184	124,4	2.074	83,4	222.299	103,8
. 1973/74	101.576	117,9	2.279	91,7	231.400	108,1
. 1974/75	124.975	145,1	2.342	94,2	292.700	136,7
. 1975/76	153.593	178,3	2.072	83,3	318.283	148,7
. 1976/77	148.164	172,0	2.247	90,4	332.950	155,50
. 1977/78(*)	120.000	139,3	2.300	92,5	276.000	128,9

FONTE: SAA - GCEA

(*) - Estimativa - CEPA/SC

5. Feijão

O feijão das águas (1a. safra) é cultivado predominantemente nas microrregiões Campos de Curitibanos, Colonial do Oeste Catarinense e Planalto de Canoinhas, representando 76% da produção total; enquanto que a microrregião Colonial do Oeste Catarinense detém cerca de 75% da produção do feijão da seca (2a. safra).

Além das variações climáticas, contribuem para as baixas produtividade apresentadas pela cultura, a tecnologia utilizada que, com poucas exceções, é rudimentar.

O mercado consumidor do feijão catarinense é representado pelo Rio de Janeiro e São Paulo, onde a preferência pelo feijão preto coincide com o tipo aqui produzido.

O quadro que segue fornece dados estatísticos sobre área, rendimento e produção da cultura, referentes ao período 1970/77, com estimativa para a safra 1977/78

Quadro nº 13 Área, Rendimento e Produção do Feijão
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	112.351	100	886	100	99,542	100
. 1970/71	159.023	141,5	587	66,2	93.346	93,8
. 1971/72	155.143	138,1	677	76,4	105.031	105,5
. 1972/73	126.450	112,6	725	81,8	91.682	92,1
. 1973/74	173.466	154,4	737	83,2	127.900	128,5
. 1974/75	185.065	164,7	915	103,3	169.300	170,1
. 1975/76	158.025	140,7	626	70,7	98.965	99,4
. 1976/77	188.880	173,2	712	80,4	134.477	135,1
. 1977/78(*)	224.182	199,5	750	84,6	168.136	168,9

FONTE: SAA - IBGE - GCEA - SUPLAN

(*) - Estimativa - CEPA/SC

6. Trigo

A cultura do trigo, tradicional em Santa Catarina, é feita em pequenas propriedades como lavoura de subsistência e em algumas áreas maiores onde existem condições de mecanização, sendo cultivado em sucessão com a soja.

Esta lavoura vem apresentando baixo rendimento por área, provocando constantes frustrações aos triticultores, em virtude das constantes e bruscas alterações meteorológicas que ocorrem anualmente durante seu ciclo vegetativo.

O desinteresse pelo cultivo do trigo vem aumentando a cada ano que passa, conforme pode ser verificado no quadro que segue.

Quadro nº 14 Área, Rendimento e Produção do Trigo
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	119.434	100	772	100	92.203	100
. 1970/71	116.302	97,4	672	87,0	78.154	84,8
. 1971/72	121.500	101,7	510	66,1	61.965	67,2
. 1972/73	71.950	60,2	768	99,5	55.250	60,00
. 1973/74	99.100	83,0	816	105,7	80.820	87,7
. 1974/75	67.776	56,7	450	58,3	30.484	33,1
. 1975/76	40.851	34,2	822	106,5	33.572	36,4
. 1976/77	37.522	31,4	542	70,2	20.328	22,0
. 1977/78(*)	16.585	13,9	707	91,6	11.726	12,7

FONTE: SAA - GCEA

(*) - Estimativa - CEPA/SC

7. Batata

Cultivada em todo o Estado como lavoura de subsistência, a cultura da batata (das águas) apresenta maior concentração de produção nas microrregiões Colonial do Alto Itajaí, Carbonífera, Campos de Lages e Planalto de Canoinhas, enquanto que cerca de 64% da produção da safra das secas (1975), é oriunda das microrregiões Carbonífera, Colonial do Oeste Catarinense e Planalto de Canoinhas.

Santa Catarina é um dos maiores produtores nacionais de batata-semente certificada, da qual parte é utilizada no Estado, sendo o restante exportado para outros Estados.

O quadro que segue identifica o comportamento da cultura no período 1970/77, bem como a estimativa da safra 1977/78.

Quadro nº 15 Área, Rendimento e Produção da Batata
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/Ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
.1969/70	25.625	100	6.697	100	171.610	100
.1970/71	18.545	72,4	6.629	99,0	122.934	71,6
.1971/72	18.665	72,8	6.066	90,6	113.221	60,0
.1972/73	17.317	67,6	6.790	101,4	117.582	68,5
.1973/74	18.349	71,6	7.737	115,5	141.980	82,7
.1974/75	24.000	93,6	7.330	109,5	175.910	102,5
.1975/76	17.984	70,2	7.844	117,1	141.065	82,2
.1977/77	15.474	60,4	8.108	121,0	125.468	73,1
.1977/78(*)	15.923	62,1	7.750	115,7	123.403	71,9

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) - Estimativa CEPA/SC

8. Cana de Açúcar

A cana de açúcar para fins industriais é produzida na sua totalidade, nas microrregiões Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Florianópolis e Colonial Serrana Catarinense, destacando-se a microrregião Litoral de Itajaí.

Grande parcela da área plantada pertence às usinas de açúcar, que utilizam modernas práticas agrônomicas, inclusive, colheita mecânica.

O quadro a seguir demonstra a evolução da cultura no período 1970/76, bem como as estimativas para as safras 1976/77 e 1977/78.

Quadro nº 16 Área, Rendimento e Produção da Cana-de-açúcar - Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO (*)	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/Ha,	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
.1969/70	35.060	100	40.744	100	1.428.484	100
.1970/71	33.313	95,0	42.285	103,8	1.408.640	98,6
.1971/72	31.871	91,0	42.437	104,2	1.352.509	94,7
.1972/73	25.331	72,2	37.469	92,0	949.127	66,4
.1973/74	13.980	39,9	39.994	98,2	559.130	39,1
.1974/75	15.500	44,2	40.000	98,2	620.000	43,4
.1975/76	10.626	30,3	52.000	127,6	552.552	38,7
.1976/77(*)	13.282	37,9	60.000	147,3	796.920	55,8
.1977/78(*)	15.950	45,5	62.000	152,2	988.900	69,2

(*) - 1970 - 1973 - Considerou-se a produção forrageira e industrial
1974 - 1978 - Considerou-se somente a produção industrial

FONTE: IBGE - USINAS - I.A.A.

(*) - Estimativa

9. Soja

Cerca de 62.200 produtores rurais dedicam-se ao cultivo desta leguminosa, explorada em pequenas e grandes propriedades.

Ao redor de 90% da produção procede do Vale do Rio do Peixe e Oeste Catarinense.

A quantidade produzida em Santa Catarina quintuplicou no período 1970/73. Nesse ano, os preços no mercado externo atingiram os valores mais elevados, de até US\$. 600,00/t, gerando para a safra seguinte, grande interesse por parte dos produtores.

Em consequência, a safra 73/74, alcançou o volume de 431.850 t, representando sobre a safra anterior, um incremento de 66%. Esse aumento de área plantada deveu-se, entre outros fatores, à utilização de áreas mecanizáveis, onde foram instaladas lavouras de maior extensão, notadamente no Noroeste do Estado.

A partir da safra 1973/74, a área cultivada e produção, estabilizaram-se.

Observa-se em Santa Catarina, uma defasagem entre o volume da soja produzida e a capacidade instalada das indústrias produtoras de óleo e rações, que é de aproximadamente 900.000 t/ano.

Quadro nº 17 Área, Rendimento e Produção de Soja
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
.1969/70	65.956	100	800	100	52.998	100
.1970/71	101.694	154,2	760	95,0	77.376	146,0
.1971/72	115.930	175,8	857	107,1	99.448	187,6
.1972/73	202.000	306,3	1.287	160,9	260.000	490,6
.1973/74	364.985	553,4	1.183	147,9	431.850	799,8
.1974/75	361.475	548,1	1.292	161,5	467.200	881,5
.1975/76	339.370	514,5	1.208	151,0	409.885	773,4
.1976/77	350.642	531,6	1.359	169,9	476.365	898,8
.1977/78(*)	407.986	618,6	1.220	152,5	497.743	939,2

FONTE: SAA - GCEA

(*) - Estimativa - CEPA/SC

10. Alho

É um produto que, embora ainda pouco cultivado, apresenta grande importância para o Estado, que busca culturas alternativas de maior rentabilidade por área, para fazer face aos problemas do minifúndio e aumentar a renda destes agricultores.

Além do mais, Santa Catarina apresenta um grande potencial para o cultivo de alho, face às condições edafo-ecológicas muito favoráveis.

As áreas de produção encontram-se bastante pulverizadas, destacando-se as microrregiões dos Campos de Curitiba e do Planalto de Canoínas.

A atual área cultivada destinada a comercialização é estimada em 150 ha. com produção de cerca de 527 toneladas. A falta de sementes tem impedido a expansão da área, notadamente na microrregião Colonial do Oeste Catarinense.

A área cultivada total é estimada em cerca de 600 ha., com produção de aproximadamente 900 toneladas.

11. Cebola

Santa Catarina situa-se entre os quatro Estados de maior produção, no Brasil.

Conforme pode ser verificado nos mapas de concentração da produção, as microrregiões Colonial do Alto Itajaí e Colonial Serrana Catarinense respondem por 76,5% da produção total do Estado sendo que, a microrregião Colonial do Alto Itajaí produz 53,8% da Cebola colhida no Estado.

Através da análise do quadro que segue, pode-se verificar que no ano de 1974, a produção sofreu um aumento de 139,87% em relação ao ano anterior, permanecendo mais ou menos estável, nos anos subsequentes.

Quadro nº 18 Área, Rendimento e Produção da Cebola
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	Á R E A		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/Ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
.1969/70	-	-	-	-	6.604	100
.1970/71	3.164	100	5.834	100	18.458	279,5
.1971/72	3.138	99,2	5.777	99,0	18.129	274,5
.1972/73	3.500	110,6	5.080	87,0	17.780	269,2
.1973/74	5.590	176,7	7.629	130,8	42.648	645,8
.1974/75	5.030	159,0	7.573	129,8	38.090	576,8
.1975/76	5.934	187,5	7.229	123,9	42.899	649,6
.1976/77	6.846	216,4	7.273	124,7	49.794	754,0
.1977/78(*)	6.850	216,5	7.260	124,4	49.731	753,0

FONTE: IBGE - GCEA/SC

(*) - Estimativa

12. Tomate

Do total produzido no Estado, cerca de 70% é proveniente das microrregiões de Florianópolis, Colonial Serra na Catarinense, Carbonífera e Campos de Lages, destacando-se esta última que é responsável por 30% do total produzido no Estado, sendo que o município maior produtor nesta microrregião é Urubici.

O problema enfrentado pelos produtores de tomate não é propriamente a produção e sim a comercialização, devido a inexistência de estrutura de comercialização que propicie melhores condições de venda.

No quadro que segue, tem-se a visão da área, rendimento e produção de tomate, nos últimos anos.

Quadro nº 19 Área, Rendimento e Produção de Tomate
Santa Catarina - 1970/78

	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	Ha.	ÍNDICE	Kg/ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
.1969/70	-	-	-	-	10.426	100
.1970/71	872	100	19.273	100	16.775	160,9
.1971/72	1.184	135,8	20.431	106,2	24.190	232,0
.1972/73	740	84,9	21.845	113,6	16.165	155,0
.1973/74	621	71,2	23.045	119,8	14.311	137,3
.1974/75	740	84,9	23.770	123,6	17.590	168,7
.1975/76	943	108,1	26.741	139,0	25.217	241,9
.1976/77	926	106,2	24.748	128,8	22.917	219,8
.1977/78(*)	940	107,8	25.000	130,0	23.500	225,4

FONTE: IBGE

(*) - Estimativa

13. Fruticultura

O Estado de Santa Catarina apresenta condições favoráveis para o cultivo de frutas de clima tropical e temperado.

A fruticultura de clima tropical é desenvolvida atualmente em toda a faixa litorânea, Vale do Itajaí e Nordeste do Estado, através do Projeto de Fruticultura de Clima Tropical, enquanto que a de clima temperado é explorada nas regiões fisiográficas do Planalto de Lages e Vale do Rio do Peixe, através do Projeto de Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT).

Através do PROFIT são cultivados pêssegos, maçãs, nectarinas, uvas viníferas e ameixas.

Seguem os quadros com área e produção de cada uma destas frutíferas, no período 1970/77, com estimativas para 1978 (dados referentes à área do PROFIT).

Quadro nº 20 Área e Produção de Maçã (PROFIT)
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	265	100	-	-
. 1970/71	555	209,4	-	-
. 1971/72	797	300,8	-	-
. 1972/73	1.375	518,9	-	-
. 1973/74	1.965	741,5	1.528	100
. 1974/75	2.668	1.006,8	5.000	327,2
. 1975/76	3.816	1.440,0	8.400	549,7
. 1976/77	4.816*	1.817,4	12.355	808,6
. 1977/78	6.571*	2.479,6	31.300*	2.048,4

FONTE: PROFIT - ACARESC
(*) - Estimativa

Quadro nº 21 Área e Produção de Pêssego (PROFIT)
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	65	100	-	-
. 1970/71	155	238,5	-	-
. 1971/72	292	453,9	-	-
. 1972/73	385	592,3	-	-
. 1973/74	429	660,0	600	100
. 1974/75	521	801,5	1.100	183,3
. 1975/76	533	820,0	2.850	475,0
. 1976/77	550 *	846,0	1.836	306,0
. 1977/78	570 *	877,0	6.899*	1.149,8

FONTE: PROFIT - ACARESC
(*) - Estimativa

Quadro nº 22 Área e Produção de Nectarina (PROFIT)
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	110	100	-	-
. 1970/71	311	282,7	-	-
. 1971/72	578	525,5	-	-
. 1972/73	711	646,4	-	-
. 1973/74	721	655,5	1.147	100
. 1974/75	797	724,6	1.000	87,2
. 1975/76	816	742,0	2.190	190,9
. 1976/77	843*	766,4	2.083	181,6
. 1977/78	872*	793,0	12.329*	1.074,9

FONTE: PROFIT - ACARESC

(*) - Estimativa

Quadro nº 23 Área e Produção de Ameixa (PROFIT)
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	219	100	-	-
. 1970/71	340	155,3	-	-
. 1971/72	395	180,4	-	-
. 1972/73	423	193,2	-	-
. 1973/74	427	195,0	615	100
. 1974/75	427	195,0	100	16,0
. 1975/76	450	206,0	350	57,0
. 1976/77	482*	220,0	1.012	165,0
. 1977/78	526*	240,0	7.993*	1.300,0

FONTE: PROFIT - ACARESC

(*) - Estimativa

Quadro nº 24 Área e Produção de Uva Vinífera (PROFIT)
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	124	100	-	-
. 1970/71	169	136,3	-	-
. 1971/72	209	168,6	-	-
. 1972/73	271	219,0	-	-
. 1973/74	307	248,0	693	100
. 1974/75	323	260,5	1.000	144,3
. 1975/76	377	304,0	2.450	354,0
. 1976/77	-	-	1.805	260,0
. 1977/78	-	-	-	-

FONTE: PROFIT - ACARESC

O Projeto de Fruticultura de Clima Tropical engloba as culturas de citrus, abacaxi, abacate, banana e goiaba. Este Projeto está em fase de implantação, sendo que das frutíferas citadas, atualmente apenas a banana tem expressão econômica no Estado.

No quadro que segue, verifica-se a evolução da área, rendimento e produção da banana no período 1970/76 e as estimativas para as safras 1976/77 e 1977/78.

Quadro nº 25 Área, Rendimento e Produção da Banana
Santa Catarina - 1970/78

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	Kg/ha	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1969/70	7.285	100	12.957	100	94.392	100
. 1970/71	7.836	107,6	14.252	110,0	111.680	118,3
. 1971/72	8.508	116,8	13.946	107,6	118.656	125,7
. 1972/73	12.926	177,4	10.400	86,3	134.432	142,4
. 1973/74	13.056	179,2	13.679	105,6	178.600	189,2
. 1974/75	11.690	160,5	14.046	108,4	164.200	174,0
. 1975/76	13.842	190,0	10.200	78,7	141.308	149,7
. 1976/77*	16.000	219,6	10.200	78,7	163.200	172,9
. 1977/78*	18.270	250,8	10.200	78,7	186.354	197,4

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA - ACARESC

(*) - Estimativa - Projeto de Fruticultura de Clima Tropical

14. Reflorestamento

Entre outras atividades, a Delegacia Estadual do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) atua através de três projetos específicos, sendo que dois deles (Projetos 5106 - 1134) visam, através de incentivos fiscais, o aumento da área coberta com florestas, que atualmente ocupa apenas 15% da área total do Estado; o outro projeto (DC-10) que tem por escopo a manutenção da atual área ocupada com florestas, obriga as serrarias a fazer a reposição das árvores abatidas.

Expressando em números a área plantada e as mudas utilizadas através dos projetos citados em um período de 10 anos (1967/1977), temos:

Quadro nº 26 PROJETOS 5106-1134 - Incentivo Fiscal

ESPECIE	Nº DE HECTARES	Nº DE MUDAS
- Pinus	132.190,40	389.458.473
- Araucaria	14.027,04	33.695.589
- Outras nativas	10.693,77	19.900.938
- Kiri	223,70	155.657
- Nogueira Pecan	4.216,50	454.418
- Maçã	1.017,33	749.956
- Citrus	200,00	55.400
- Abacate	801,90	80.190
- Eucalipto	10.206,81	21.288.453

FONTE: IBDF (Delegacia Estadual)

Quadro nº 27 PROJETO DC-10 - De Reposição Obrigatória

ESPECIE	Nº DE HECTARES	Nº DE MUDAS
- Pinus	36.533,86	88.944.343
- Araucaria	7.981,86	19.904.643
- Outras nativas	4.543,08	16.595.204
- Kiti	245,00	267.600
- Eucalipto	4.297,95	10.614.918

FONTE: IBDF (Delegacia Estadual)

A previsão para 1978 é de que serão plantadas cerca de 20.000 hectares através dos Projetos 5106-1134 e 7.000 hectares de reposição (Projeto DC-10).

Apresentamos a seguir um quadro que fornece a produção de madeira, carvão e lenha, em 1974.

Quadro nº 28 Produção de Madeira, Carvão e Lenha
Santa Catarina - 1974

PRODUTOS	PRODUÇÃO
Madeira (m ³)	6.229.086
Carvão (t)	8.274
Lenha (m ³)	12.167.323

FONTE: IBGE

Cumprе destacar, o Projeto de Reflorestamento de Pequenas e Médias Propriedades, que se encontra em fase de implantação, através de convênio entre o IBDF e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento, que objetiva, além da preservação e multiplicação de essências florestais, contribuir como uma fonte adicional de renda para o agricultor.

15. Suinocultura

Santa Catarina possui tradição na criação de suínos apresentando condições de estrutura fundiária com predominância de minifúndios e topografia acidentada, características onde a exploração suínfcola se apresenta como uma alternativa viável. O rebanho suíno concentra-se no Oeste Catarinense e no Vale do Rio do Peixe, sendo as raças dominantes a Duroc, a Landrace e a Large White. Os cruzamentos, utilizando as raças existentes, já vem sendo utilizado, objetivando a obtenção do "three cross", com rendimento de carcaça acima da média obtida com animais' puros.

Dos animais abatidos na indústria, 80% são classificados como pertencentes a estas três raças ou oriundas dos cruzamentos entre elas. Desses 80%, de 15 a 20% são classificados como "tipo exportação", apresentando os requisitos mínimos exigidos pelo mercado importador.

Os dezesseis frigoríficos existentes no Estado são abastecidos por 164.000 estabelecimentos suínfcolas, sendo que a suinocultura é a principal fonte de renda de 50.000 famílias.

Apresentamos a seguir um quadro com a evolução do abate de suínos e produção de carne, no período 1970/76 com estimativas para 1977 e 1978.

Quadro nº 29 Abate e Produção de Suínos no Estado de Santa Catarina - 1970/78

A N O	ABATE		PRODUÇÃO DE CARNE	
	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	TONELADAS	ÍNDICE
. 1970	1.261.000	100	77.884	100
. 1971	1.387.760	110,0	79.380	101,9
. 1972	1.545.460	122,6	88.400	113,5
. 1973	1.734.700	137,6	99.225	127,4
. 1974	2.050.000	102,6	117.265	150,6
. 1975	2.144.720	170,1	122.677	157,5
. 1976	2.688.362	213,2	172.754	221,8
. 1977*	2.700.000	214,1	173.502	222,7
. 1978*	2.800.000	222,0	179.928	231,0

FONTE: DIPOA - SECRETARIA DA FAZENDA - CEPA/SC

(*) - Estimativa - CEPA/SC

16. Avicultura

Dentro do cenário da economia catarinense, a participação da avicultura na formação da renda interna, es tã crescendo gradativamente, de tal sorte que vem assumindo posição de destaque, colocando Santa Catarina, inclusive, entre os principais produtores brasileiros de frangos de corte.

Considerando-se a estrutura fundiária do Estado, onde 70% das propriedades rurais são formadas por áreas inferiores a 25 hectares, oscilando em torno de 15 ha. na região Sul do Estado e 20 a 25 ha. no Meio e Extremo Oes te; levando-se em consideração ainda a fácil adaptação do agricultor catarinense à prática da criação de aves em bases empresariais, pode-se considerar a avicultura co mo uma alternativa que se enquadra perfeitamente nas con dições existentes no meio rural catarinense.

Cerca de 1.000 agricultores dedicam-se à avicultu ra através do "Sistema Integrado Produtor-Indústria".

No setor secundário, a maioria das indústrias que tem o frango como matéria prima, estão ampliando sua ca pacidade de industrialização. Verifica-se que as microrregiões do Vale do Rio do Peixe e Colonial Oeste Catarinense detêm mais de 94% do abate de frangos do Estado.

A evolução do abate de frangos de corte, no perío do 1970/76 e estimativas para 1977 e 1978, podem ser ana lisadas no quadro que segue.

Quadro nº 30 Abate e Produção de Frangos de Corte no
Estado de Santa Catarina - 1970/78

A N O	A B A T E		PRODUÇÃO DA CARNE (*)	
	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	TONELADAS	ÍNDICE
. 1970	3.321.986	100	4.650	100
. 1971	5.779.140	174,0	8.091	174,0
. 1972	9.436.521	284,1	13.211	284,1
. 1973	15.586.763	469,2	21.821	469,3
. 1974	26.517.809	798,2	37.125	798,4
. 1975	49.686.513	1.495,7	69.561	1.495,7
. 1976	62.141.869	1.870,6	87.000	1.871,0
. 1977 (**)	90.000.000	2.709,2	126.000	2.709,5
. 1978 (**)	100.000,000	3.010,2	140.000	3.010,2

FONTE: DIPOA, Indústrias frigoríficas.

(*) - Considera-se que o peso médio por carcaça é de
1,40 Kg.

(**) - Projeções - CEPA/SC

17. Gado Leiteiro

Em Santa Catarina, a produção leiteira concentra-se nas áreas do Litoral Norte, Alto e Baixo Vale do Itajaí, Grande Florianópolis, Tubarão e Lages.

Os índices de produtividade da pecuária leiteira são muito baixos, devido ao manejo inadequado; alimentação deficiente; precário estado sanitário, onde a ocorrência de endo e ectoparasitas, de doenças carenciais e da esfera produtiva, provocam baixos índices de fertilidade e natalidade.

A produção de leite por vaca no Estado está entre 3 a 4 litros diários, em média.

Segue o quadro que registra a produção de leite no período 1970/76, com estimativas para os anos de 1977 e 1978.

Quadro nº 31 Produção de Leite
Santa Catarina - 1971/78

A N O	Nº TOTAL DE VACAS	Nº DE VACAS EM LACTAÇÃO	PRODUÇÃO (1.000 l)	ÍNDICE
. 1971	682.104	341.052	373.452	100
. 1972	678.710	339.355	371.594	99,5
. 1973	683.397	341.698	374.159	100,2
. 1974	693.455	346.727	379.666	101,7
. 1975	721.274	360.637	394.898	105,7
. 1976	747.673	373.836	409.350	109,6
. 1977 (*)	759.197	379.598	415.660	111,3
. 1978 (*)	770.899	385.449	422.067	113,0

FONTE: Nº de Vacas - GEPA - DEMA/SC

(*) - Estimativa

18. Gado de Corte

O rebanho bovino de corte está distribuído em todo o Estado, com maior concentração nas regiões do Planalto e Norte.

Salienta-se, outrossim, que Santa Catarina não é auto-suficiente na produção de carne bovina, necessitando importá-la de outros Estados, principalmente do Paraná e do Rio Grande do Sul.

O desfrute médio do rebanho é de 12%, considerado baixo se comparado com outras regiões do Brasil.

A seguir, um quadro demonstrativo do comportamento da produção de bovinos para abate, no período 1970/76, com estimativas para 1977 e 1978.

Quadro nº 32 Efetivo do Rebanho e Produção de Bovinos no Estado de Sta. Catarina -1970/78

A N O	REBANHO		ABATE		PRODUÇÃO DE CARNE(*)	
	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	TON.	ÍNDICE
. 1970	1.963.118	100	215.942	100	47.507	100
. 1971	2.003.449	102,0	220.380	102,0	48.483	102,0
. 1972	2.105.220	107,2	231.574	107,2	50.946	107,2
. 1973	2.100.253	107,0	231.028	107,0	50.826	107,0
. 1974	2.131.333	108,6	234.447	108,6	51.578	108,6
. 1975	2.235.847	113,9	245.943	113,9	54.107	113,9
. 1976	2.251.972	114,7	247.717	114,7	54.497	114,7
. 1977(**)	2.296.572	117,0	252.646	117,0	55.582	117,0
. 1978(**)	2.342.055	119,3	257.626	119,3	56.677	119,3

FONTE: IBGE, GECOFA

(*) - PRODUÇÃO - Para calcular a produção de carne bovina no Estado de Sta. Catarina, levou-se em consideração que o peso médio por carcaça é de 220 kg.

(**)- Estimativa - CEPA/SC

19. Pescado

Com uma extensão de aproximadamente 531 km, a faixa litorânea Catarinense se constitui numa fonte marítima de possibilidades comprovadas para o desenvolvimento do setor pesqueiro.

O litoral Catarinense caracteriza-se pela diversidade de espécies que se prestam à comercialização, tais como sardinhas, anchovas, camarões, cações, taíñas, pescadinhas, corvinas e outras.

A exploração da pesca em Santa Catarina, como nos demais Estados Brasileiros, é caracterizada pela coexistência da pesca artesanal e pesca industrial.

Pesca Artesanal - com exploração nas áreas onde predomina a captura de crustáceos, especificamente, camarões e siris, que representa cerca de 32% da produção estadual de pescado.

Caracteriza-se por embarcações de pequeno porte com raio de ação atingindo algumas milhas, utilizando-se de aparelhos como tarrafas, redes de emalhar, de arrasto de portas pequenas, espinhéis, etc.

Quanto ao desembarque do produto capturado, ocorre nos mais diversos pontos da costa catarinense, predominando nas áreas de maior ocorrência das espécies.

Cabe salientar, que toda a produção obtida através da pesca artesanal é consumida "in natura", deixando portanto, de sofrer qualquer transformação.

Pesca Industrial - é caracterizada por barcos equipados com redes tipo "traineira", "arrasto de porta grande" e "combinados".

A frota industrial catarinense, composta de 189 barcos de pesca (1975), é responsável pela entrada da matéria prima destinada a atender a demanda das indústrias pesqueiras no Estado.

O desembarque do produto é efetuado através do porto de Itajáí, considerado o mais importante do Estado, onde é desembarcado o maior volume de pescado, seguido dos portos de Navegantes, Penha, Ganchos do Meio, Armação da Piedade, Florianópolis, Laguna e Garopaba.

O comportamento do setor pesqueiro catarinense no período de 1970 a 1977 é identificado no quadro que segue, lembrando-se que o dado de 1977 refere-se apenas ao 1º semestre.

Quadro nº 33 Produção Catarinense de Pescado
Período de 1970/77

A N O	PRODUÇÃO DE PESCADO (t)
. 1970	46.786,3
. 1971	58.150,7
. 1972	64.697,7
. 1973	118.213,2
. 1974	126.817,9
. 1975	86.053,2
. 1976	57.905,9
. 1977 (*)	44.110,7

FONTE: PDP/SUDEPE

(*) - Primeiro semestre

III - ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

A seguir é apresentada uma série de mapas que localizam as áreas de maior concentração da produção das culturas mais significativas na economia agrícola catarinense.

Estas áreas foram delimitadas, com base nos dados de produção referentes à safra de 1974/75 e apresentadas a nível de microrregiões para facilitar outros trabalhos de planejamento que vem sendo desenvolvidos a nível de microrregiões.

A determinação das áreas de concentração da produção foi baseada na safra 74/75, porque, comparada com outras safras apresentou-se como representativa, não atípica e mais recente disponível.

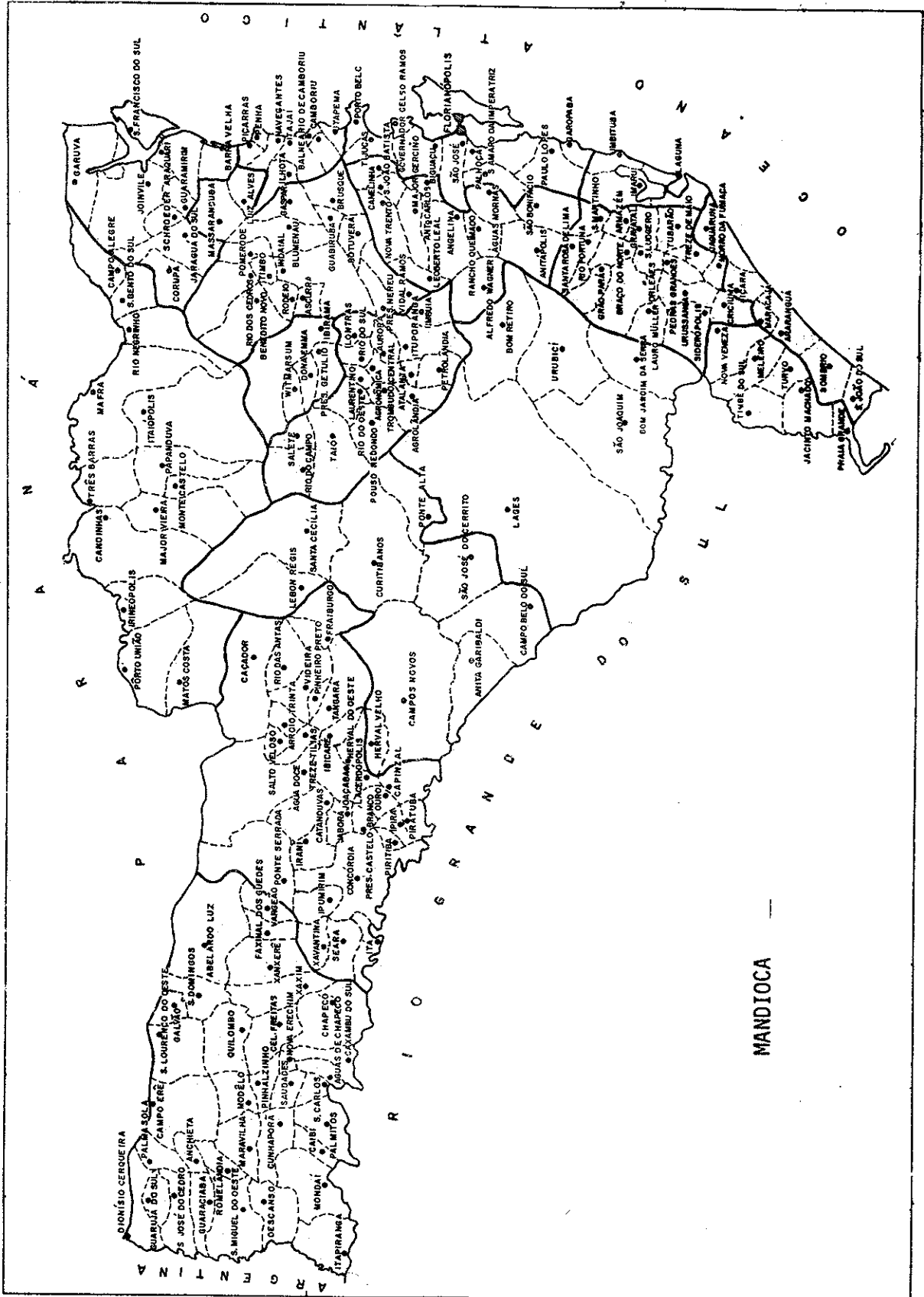
As áreas de concentração da produção representam no mínimo, 60% da área estadual cultivada com o produto a saber:

- arroz irrigado	72,3%
- arroz sequeiro	77,8%
- batata 1a.safra	66,8%
- batata 2a.safra	64,2%
- cebola	76,5%
- feijão 1a. safra	76,4%
- feijão 2a. safra	75,5%
- fumo	61,0%
- mandioca	60,8%
- milho	79,2%
- soja	87,0%
- tomate	68,8%
- trigo	87,5%
- cana-de-açúcar	95,9%
- banana	78,4%

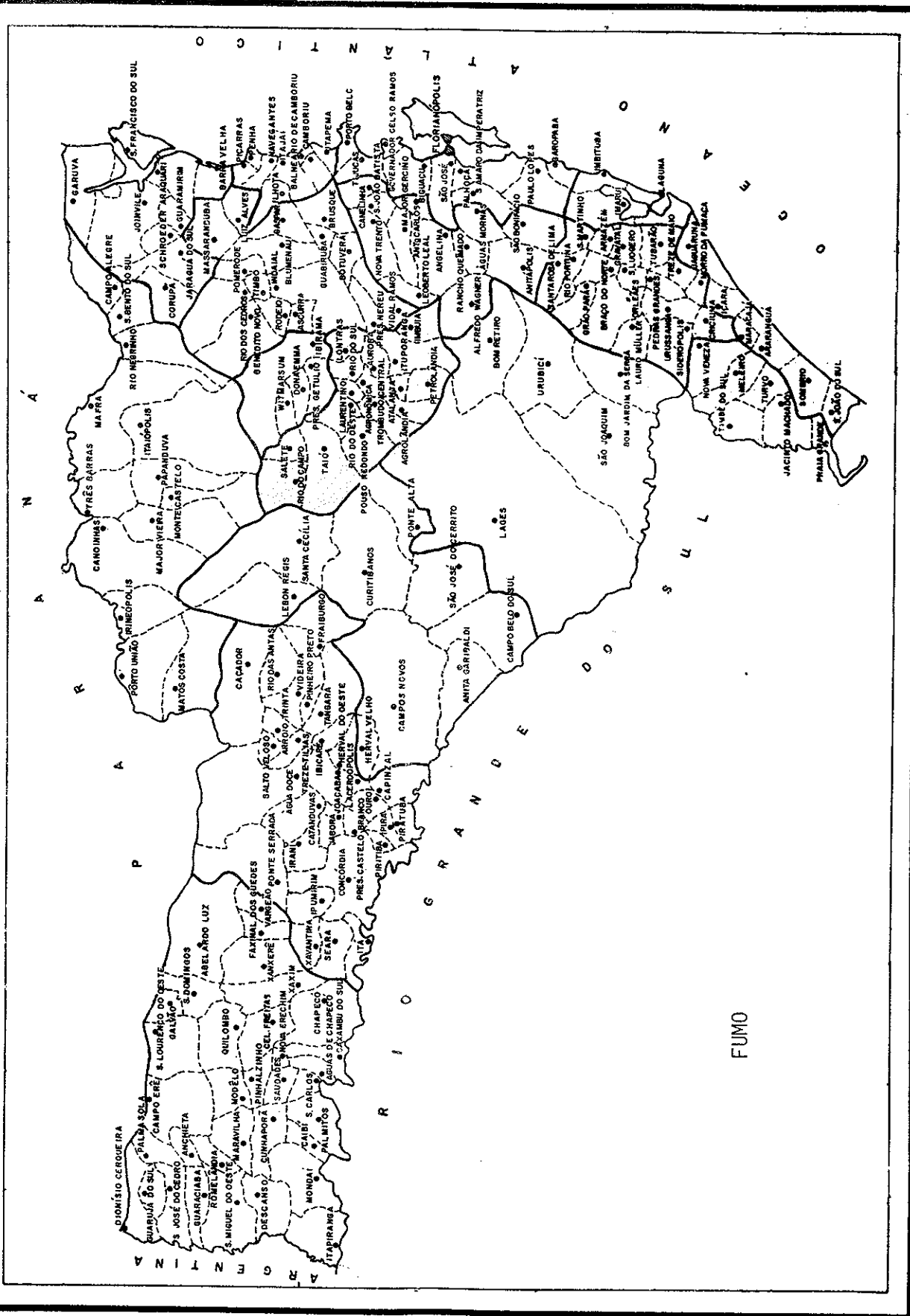
Os mapas referentes à fruticultura contemplam as regiões assistidas pelos projetos específicos, referidos mais adiante, não seguindo portanto, a metodologia utilizada na elaboração dos mapas dos demais produtos.

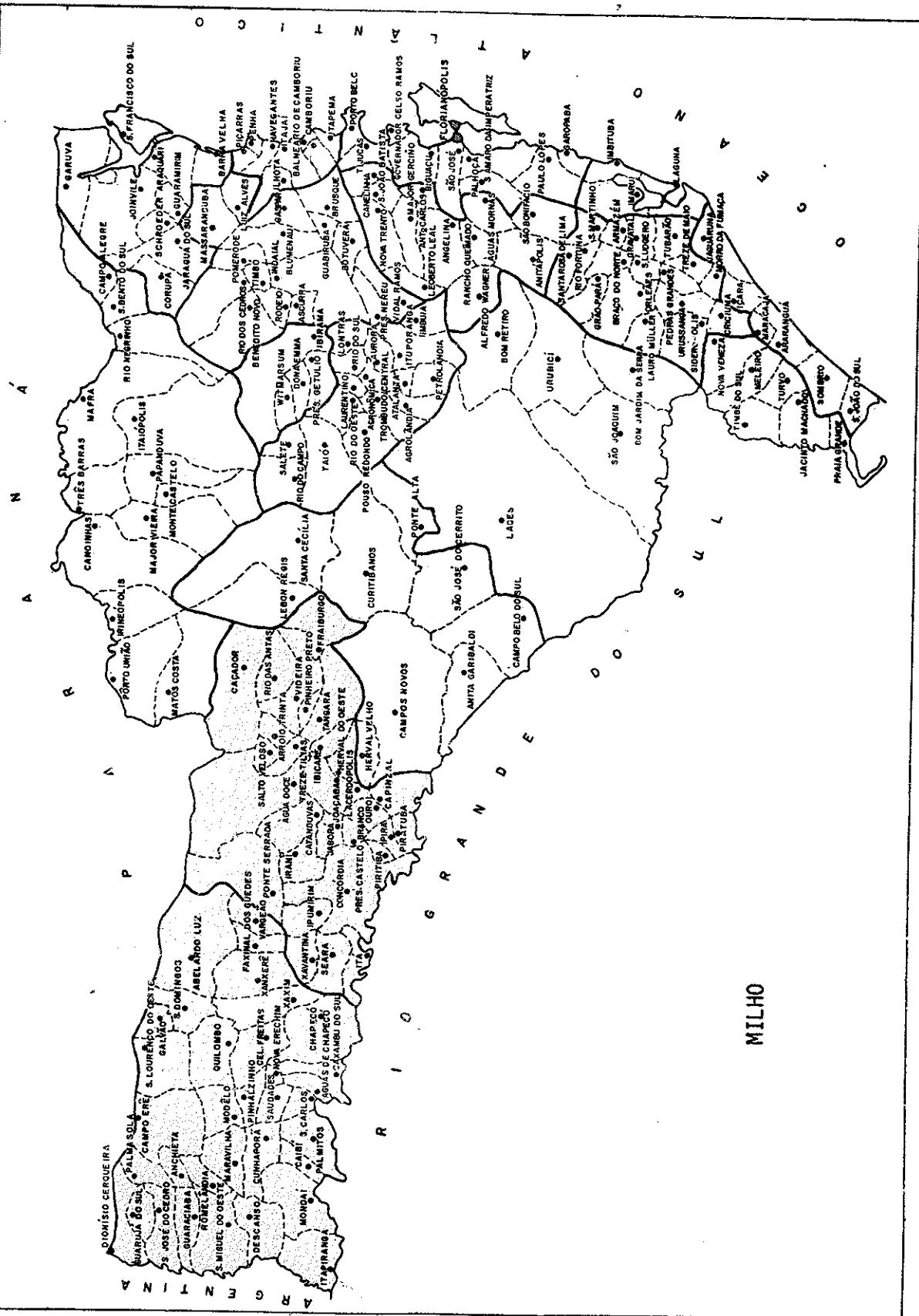
As áreas de concentração assinaladas para a pecuária são representadas no contexto estadual, pelos seguintes percentuais:

- bovinos	63,4%
- suínos	63,8%
- aves (frangos de corte)	94,5%

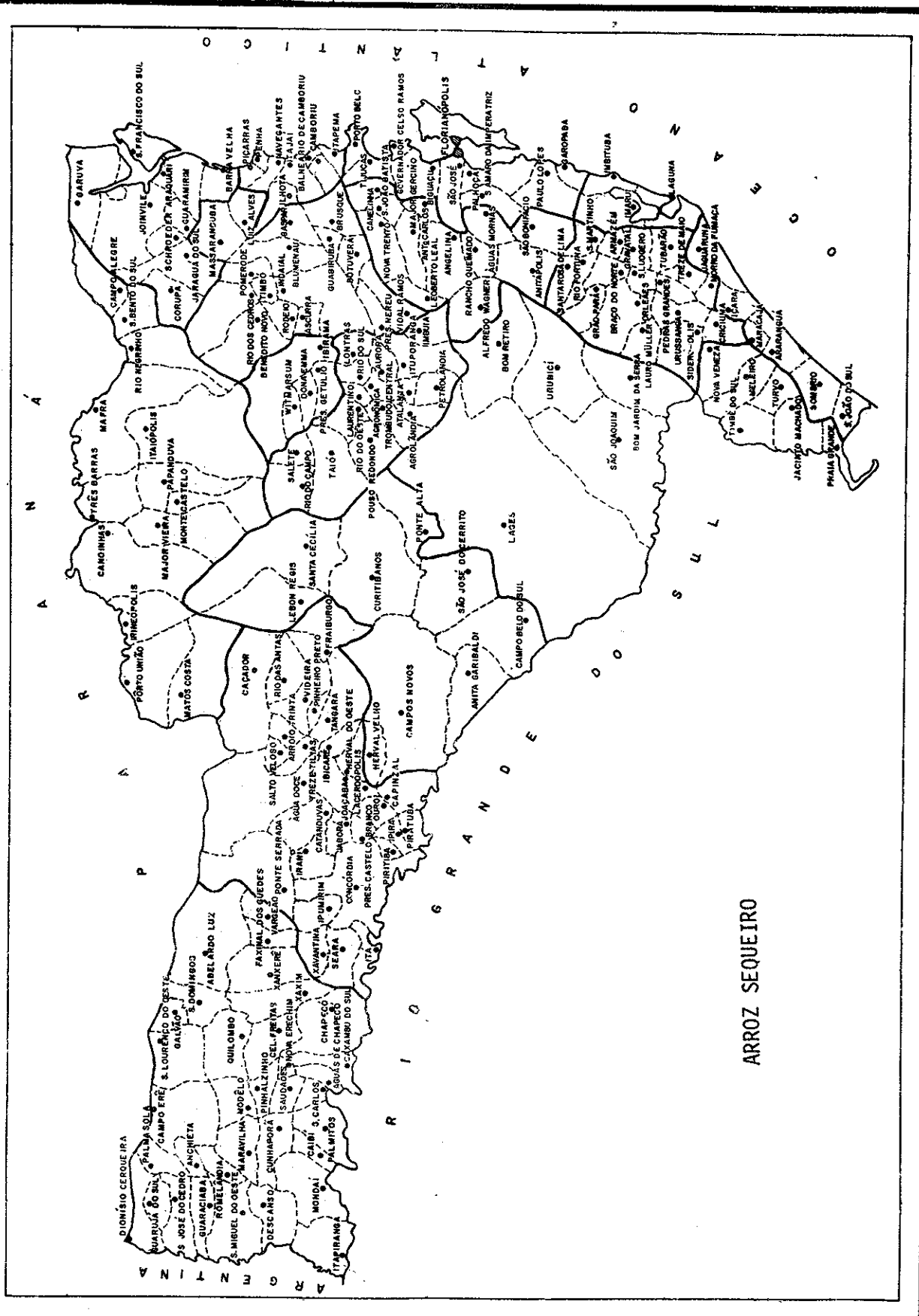


MANDIOCA

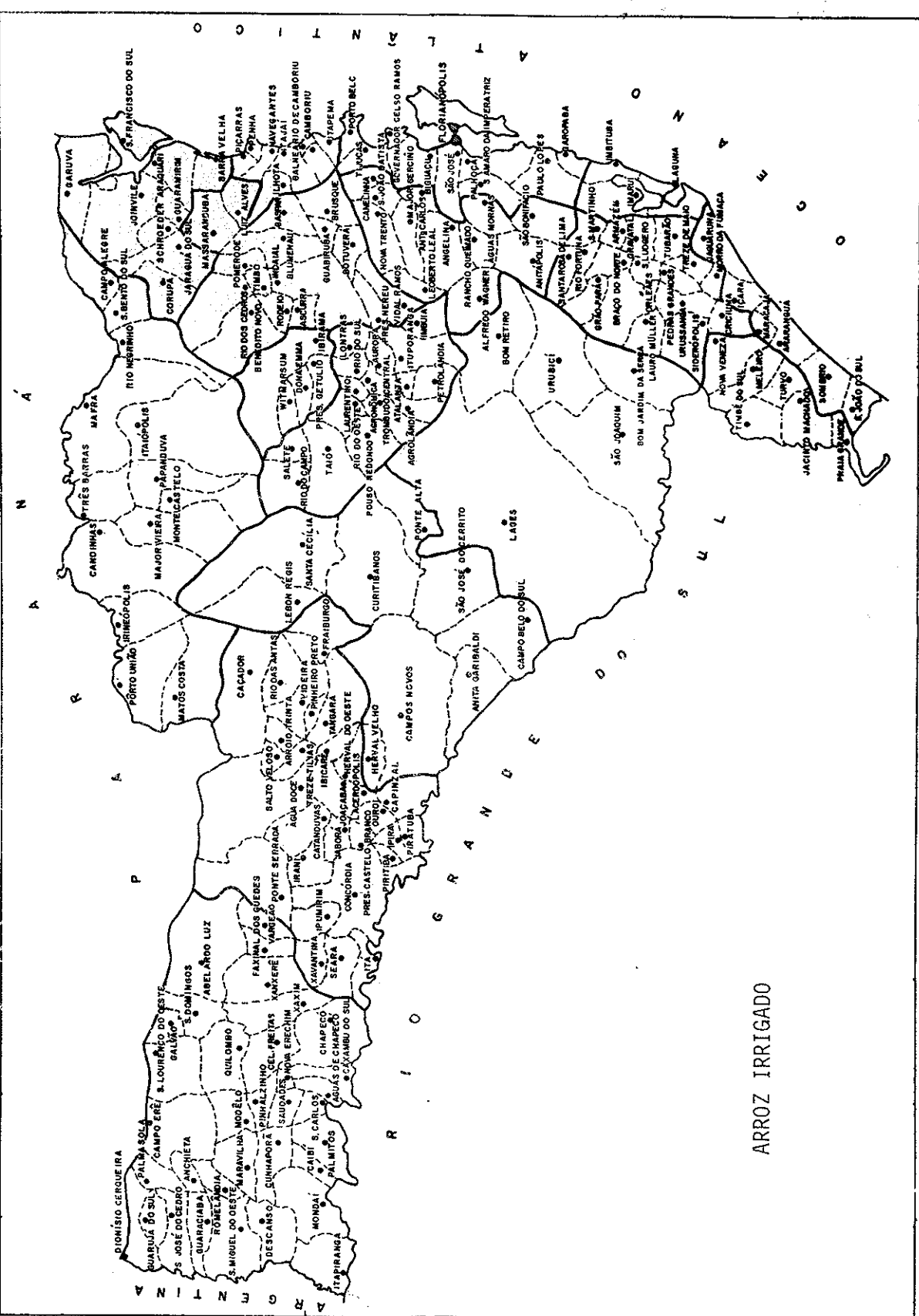




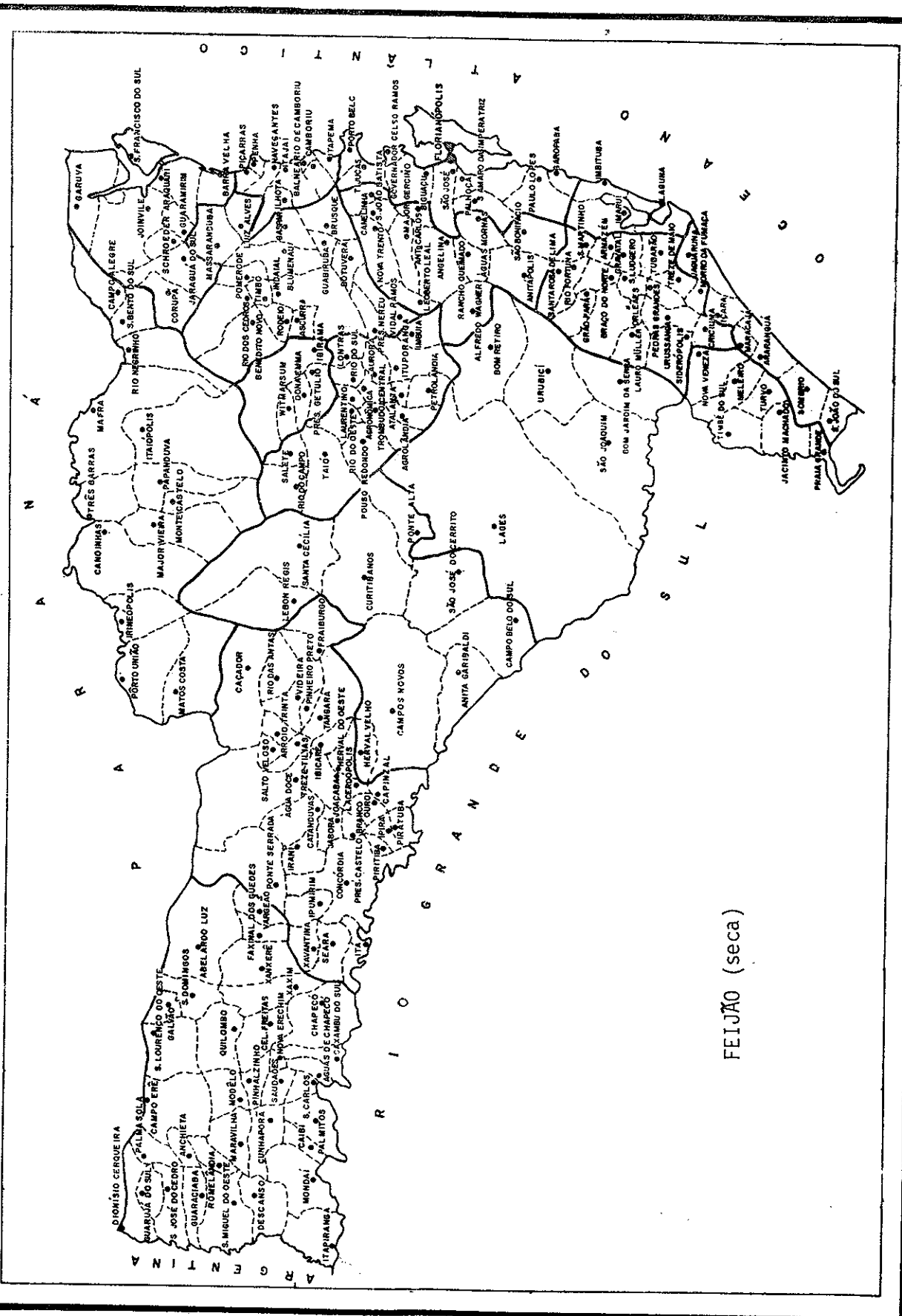
MILHO



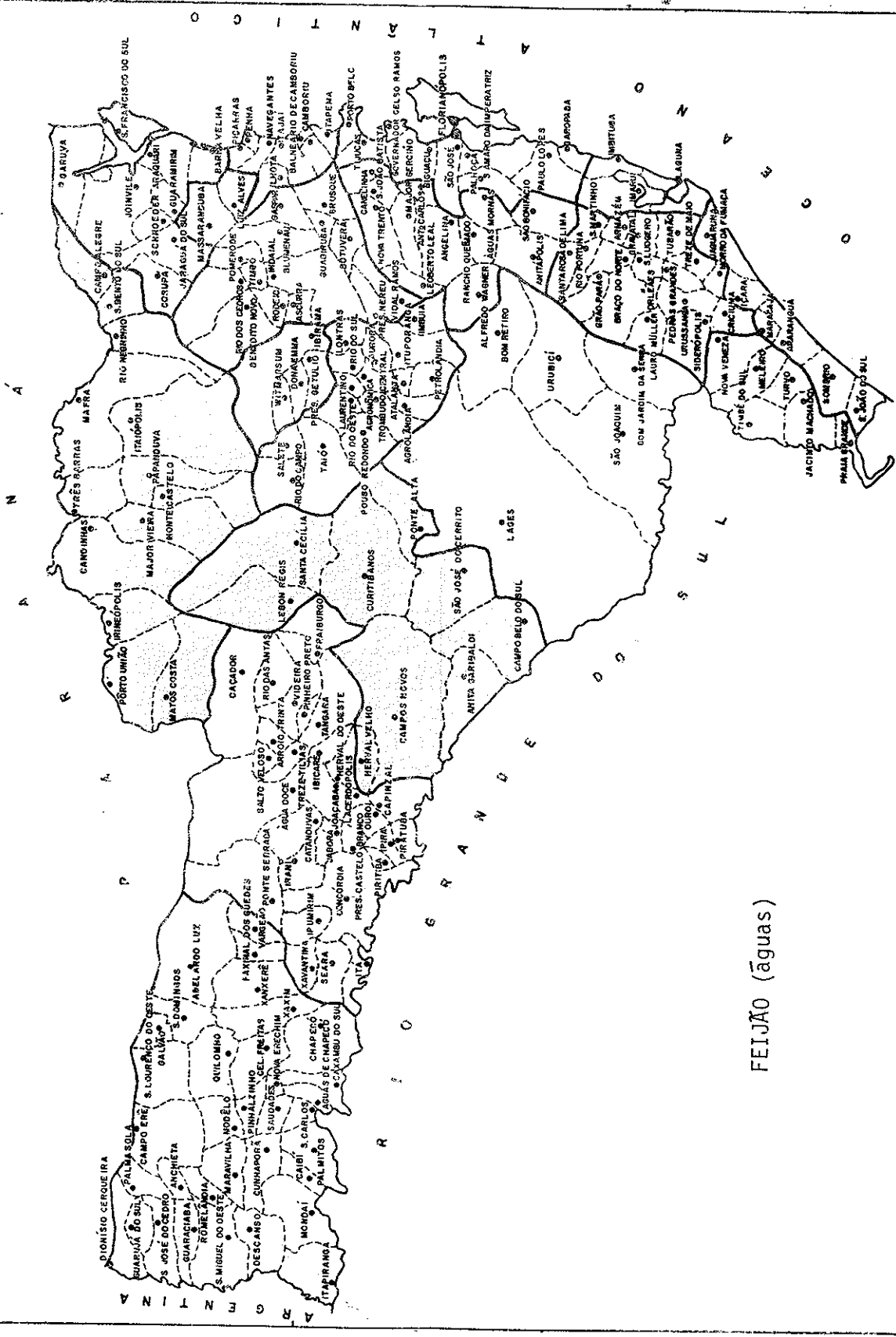
ARROZ SEQUEIRO



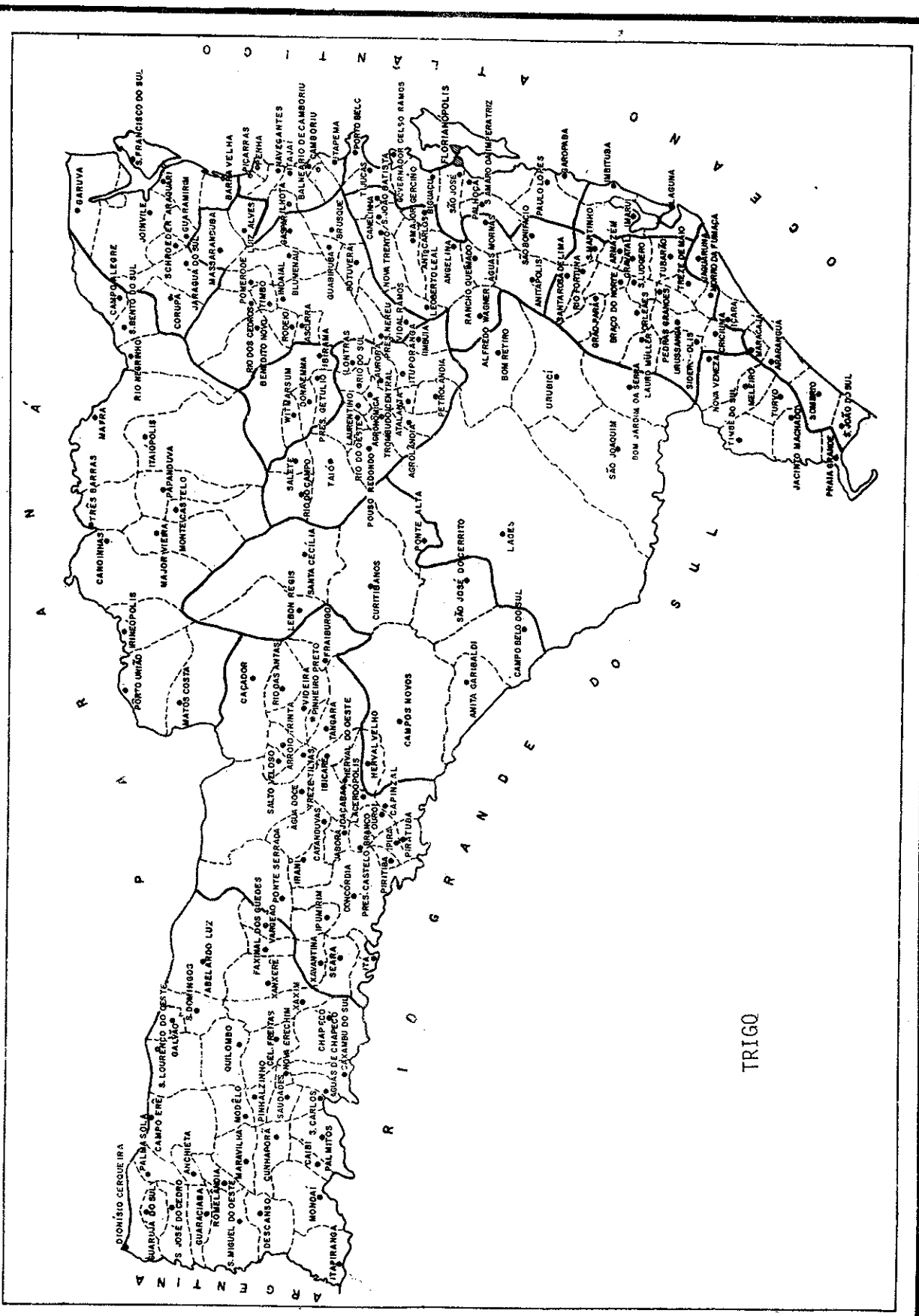
ARROZ IRRIGADO



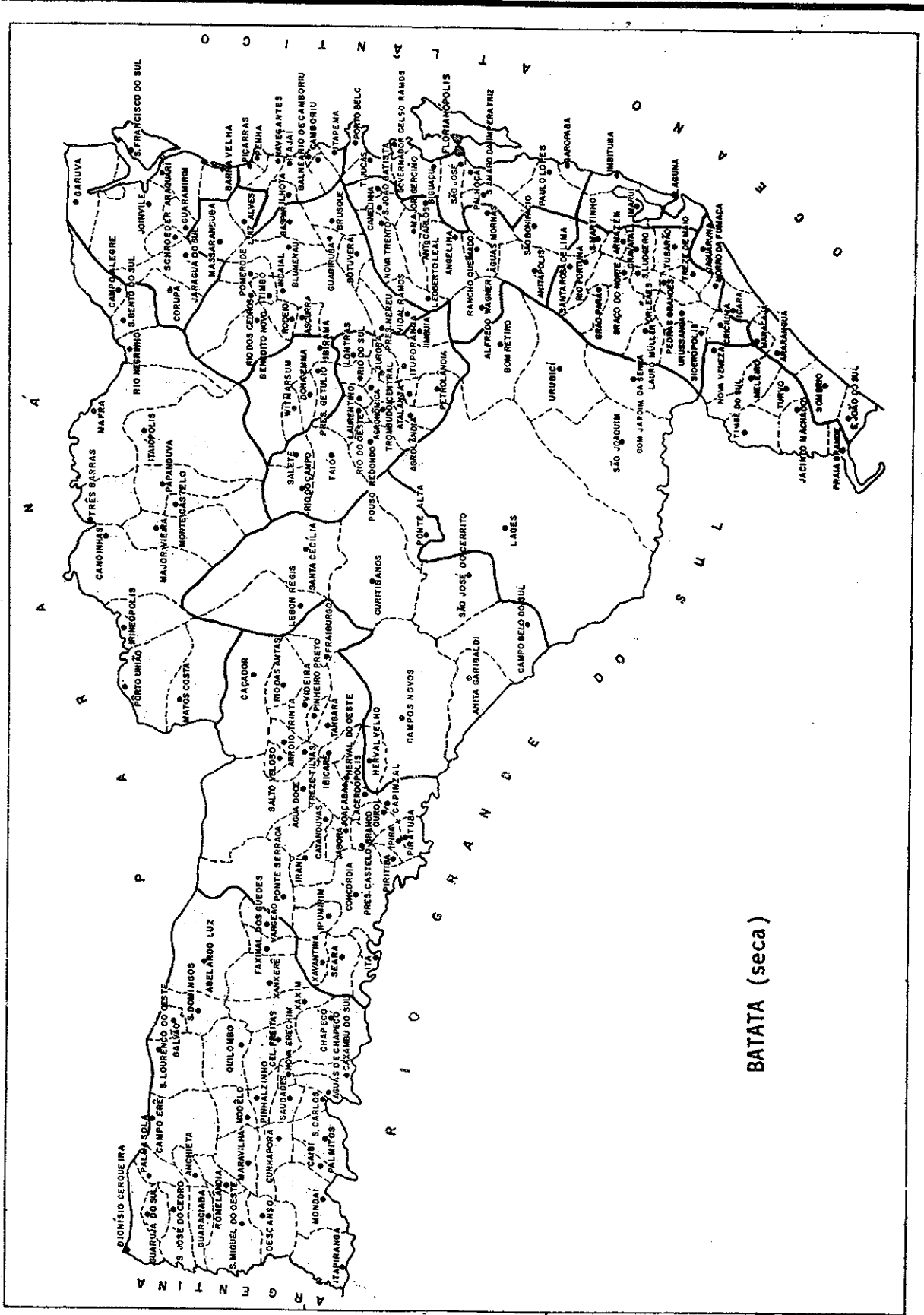
FEIJÃO (seca)



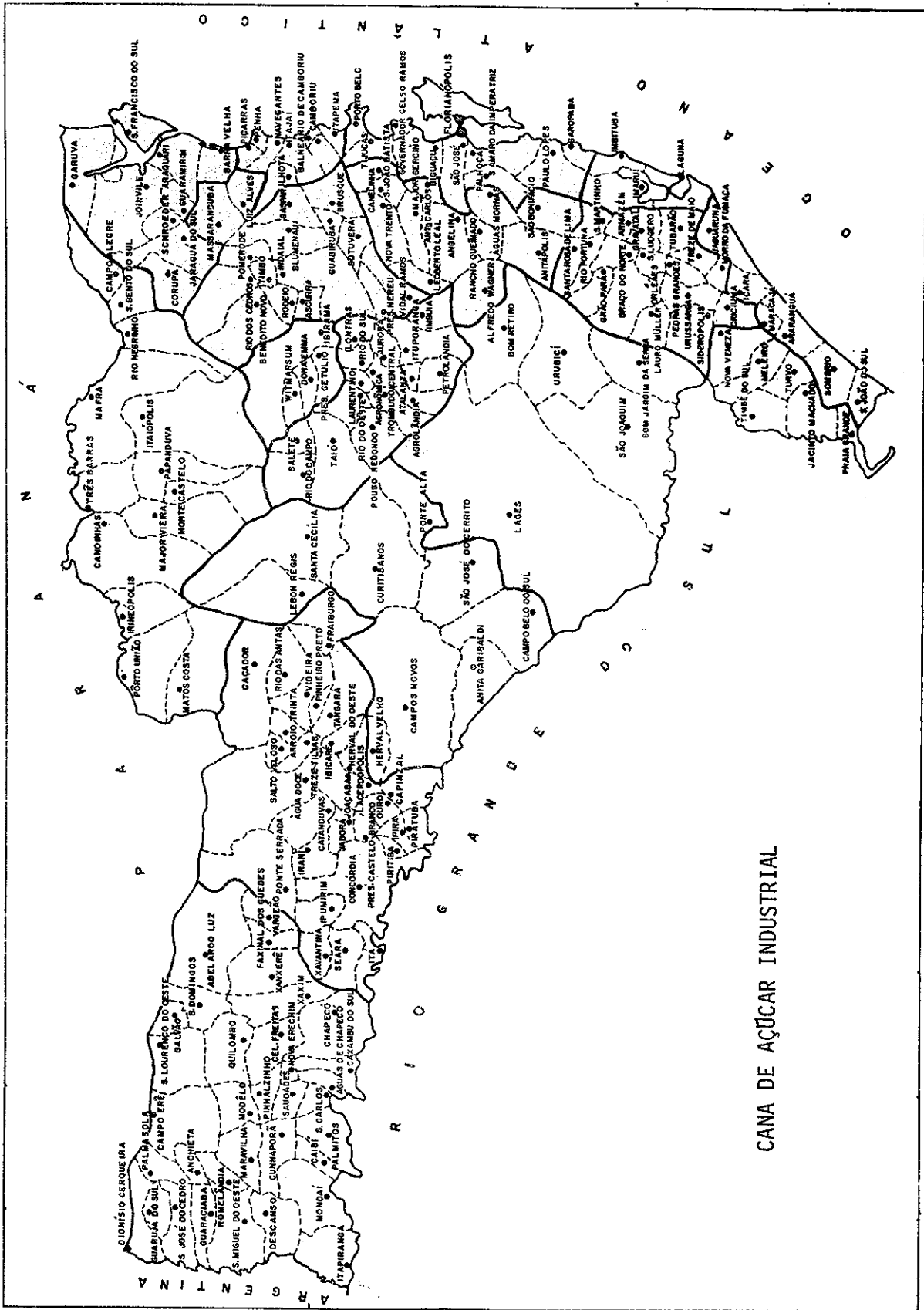
FEIJÃO (águas)



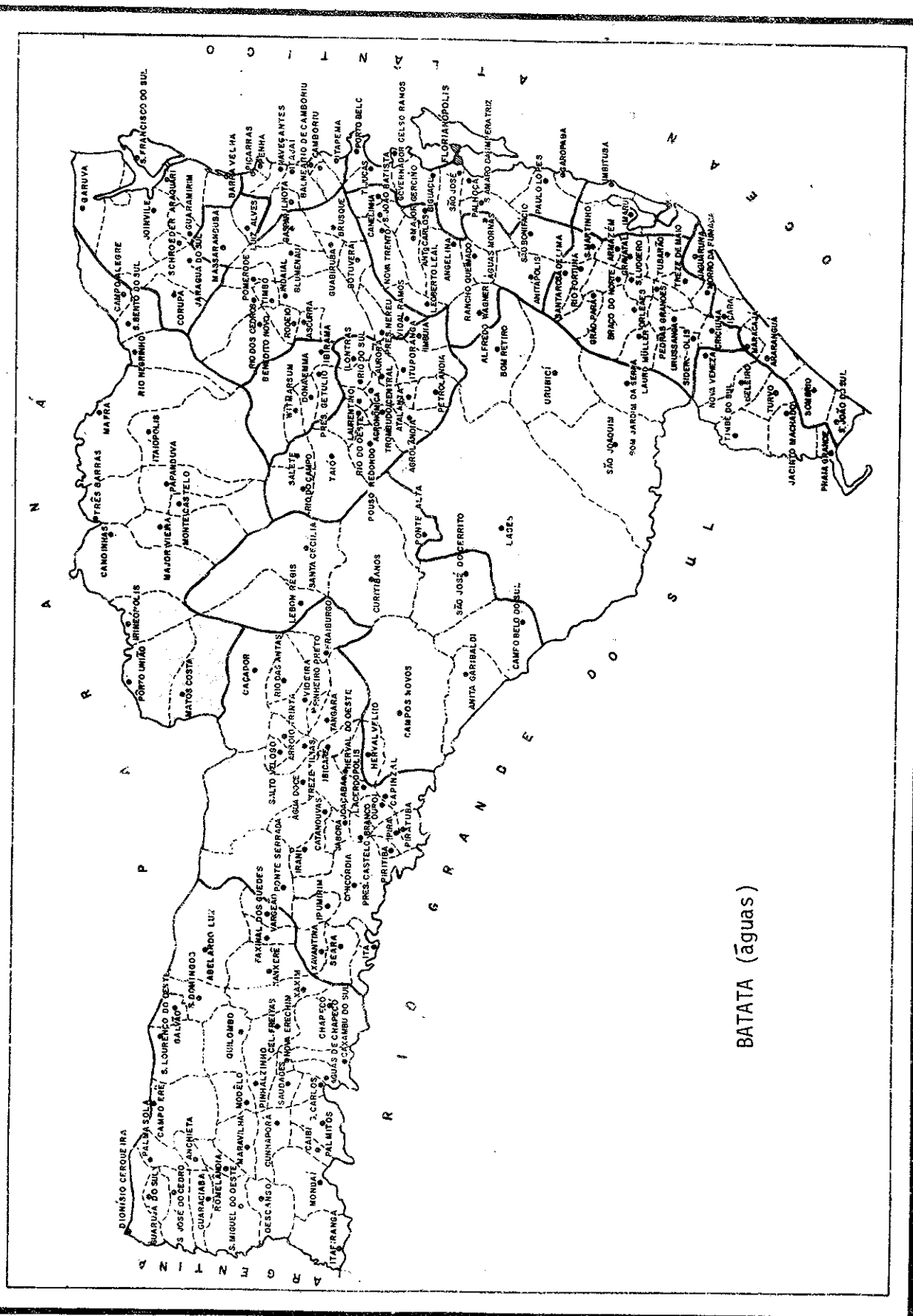
TRIGO



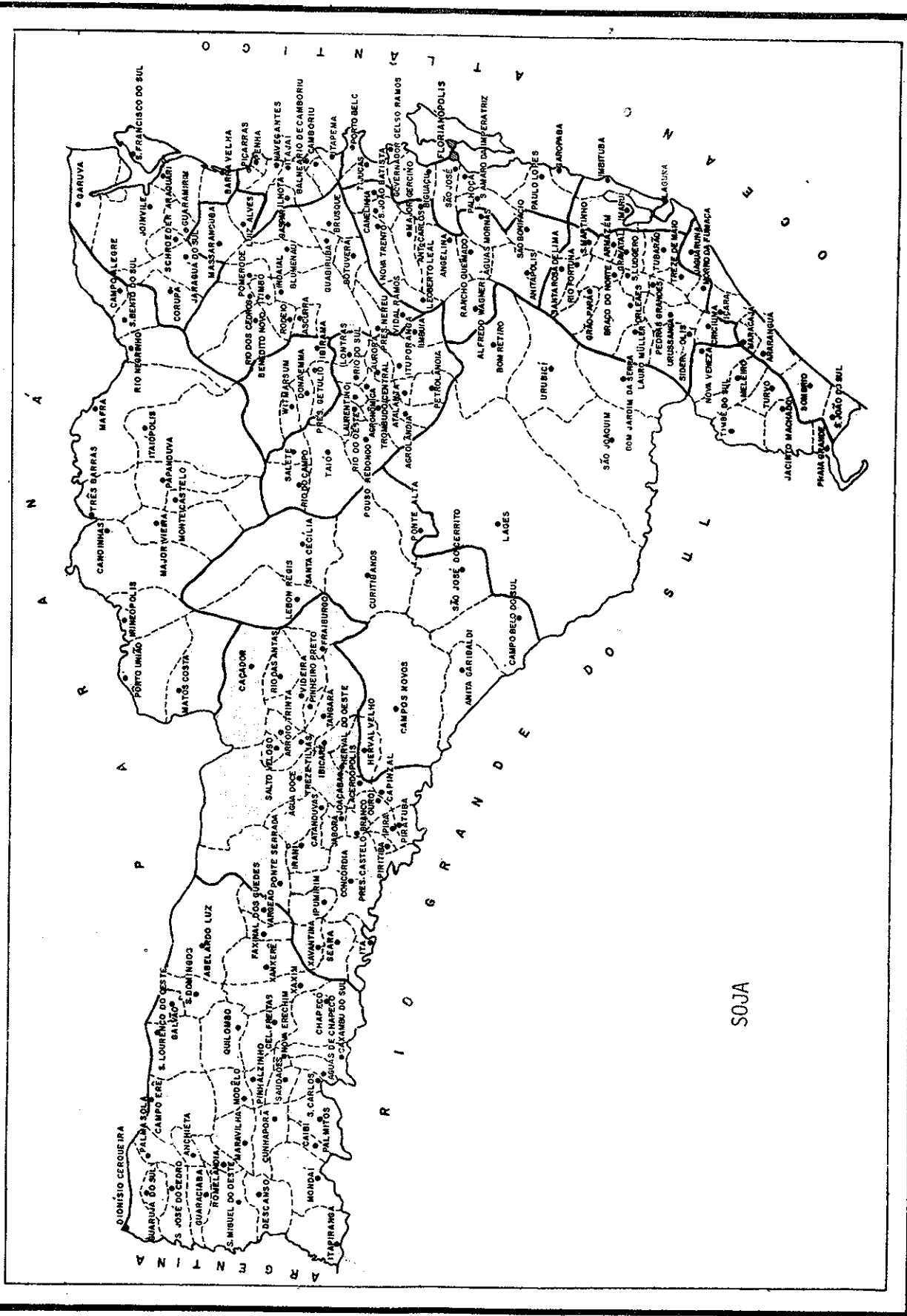
BATATA (seca)



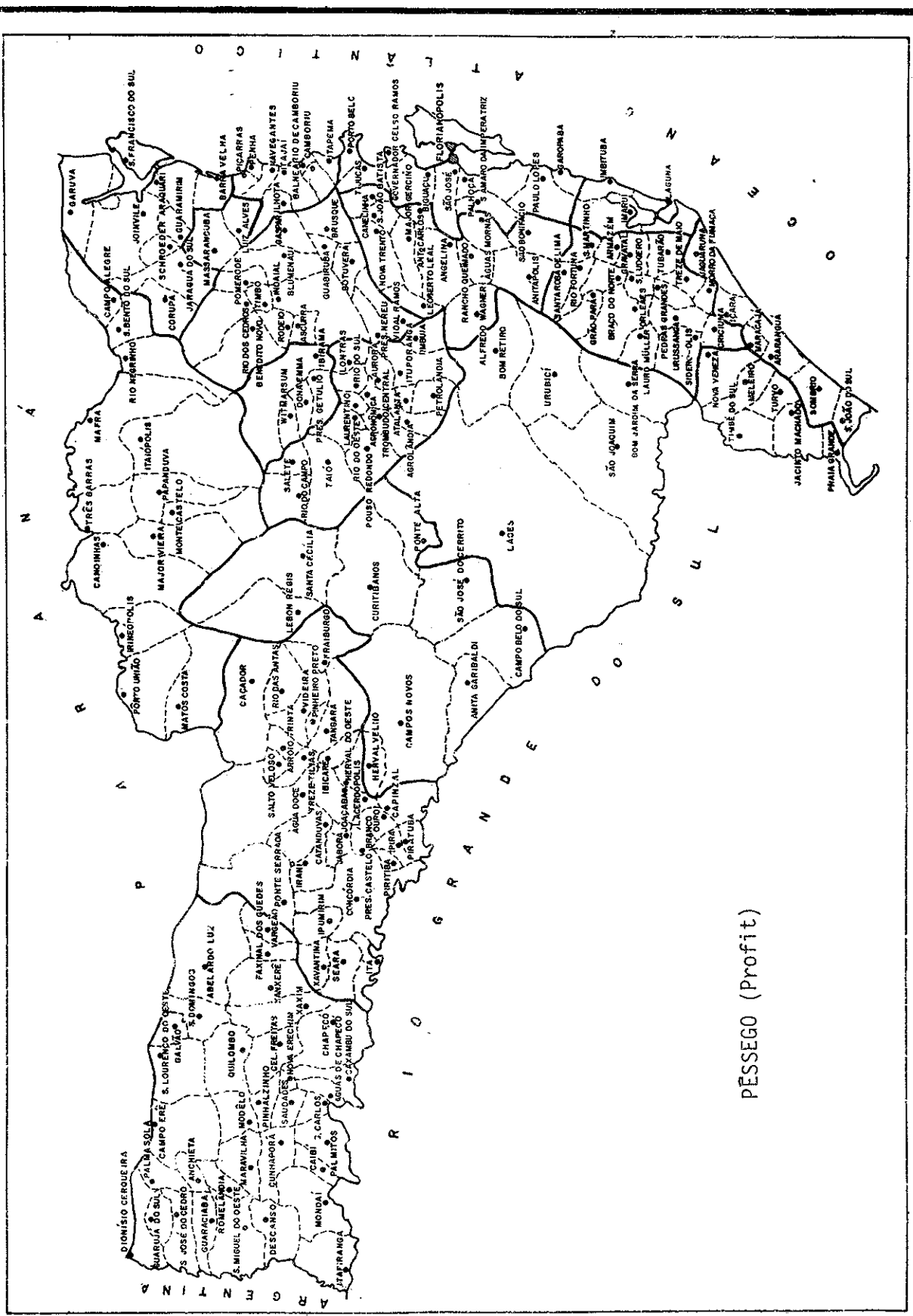
CANA DE AÇÚCAR INDUSTRIAL



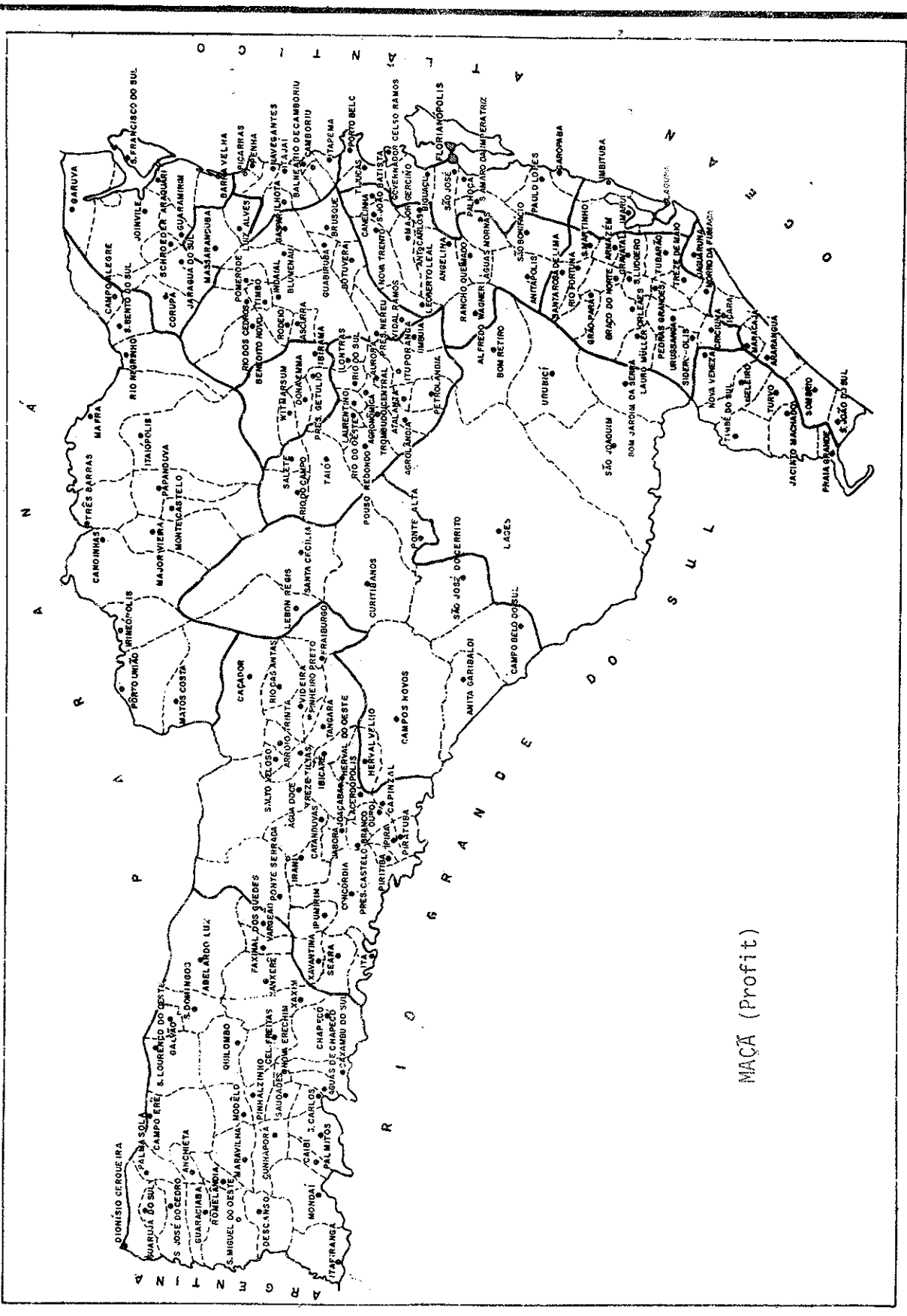
BATATA (aguas)



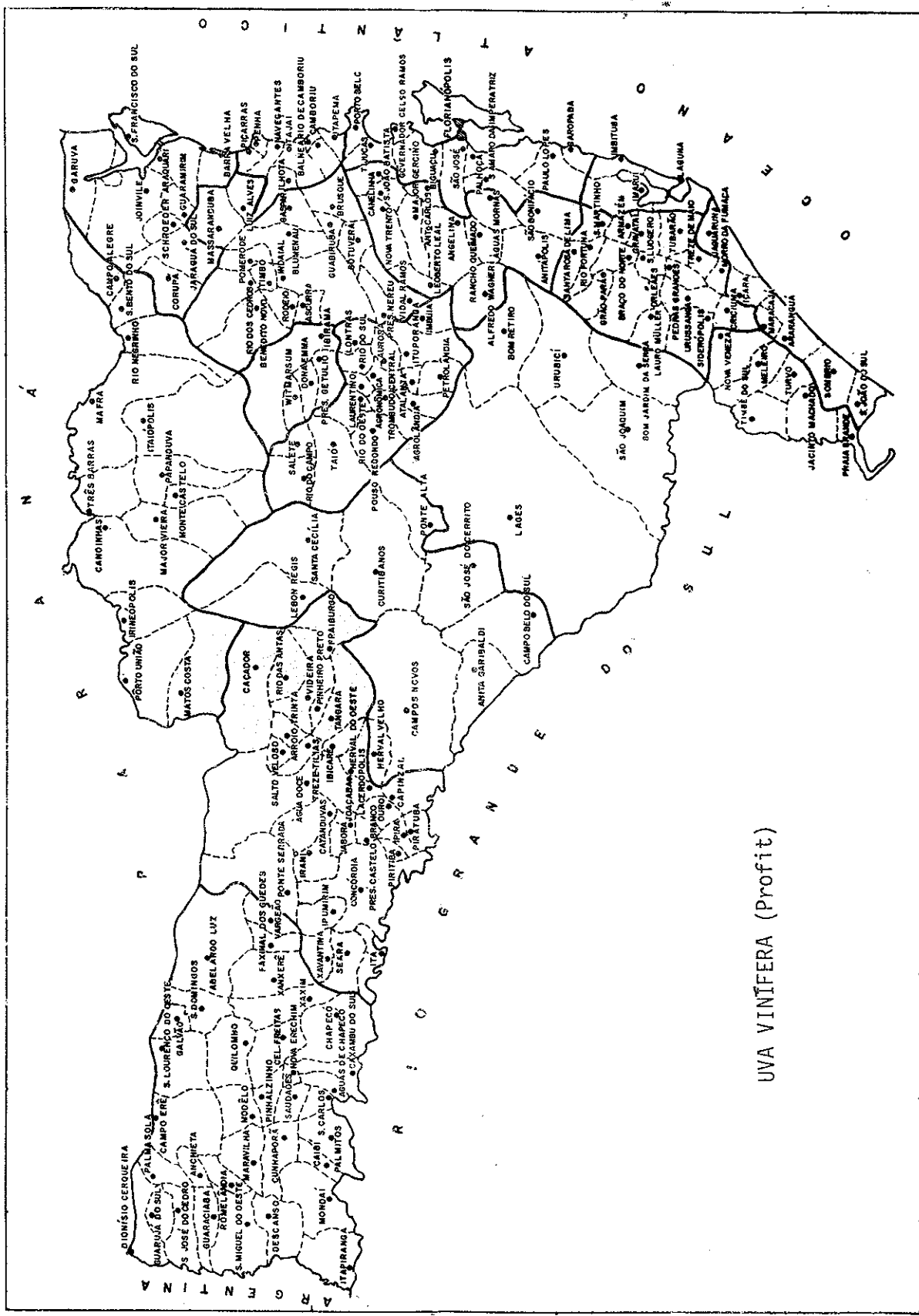
SOJA



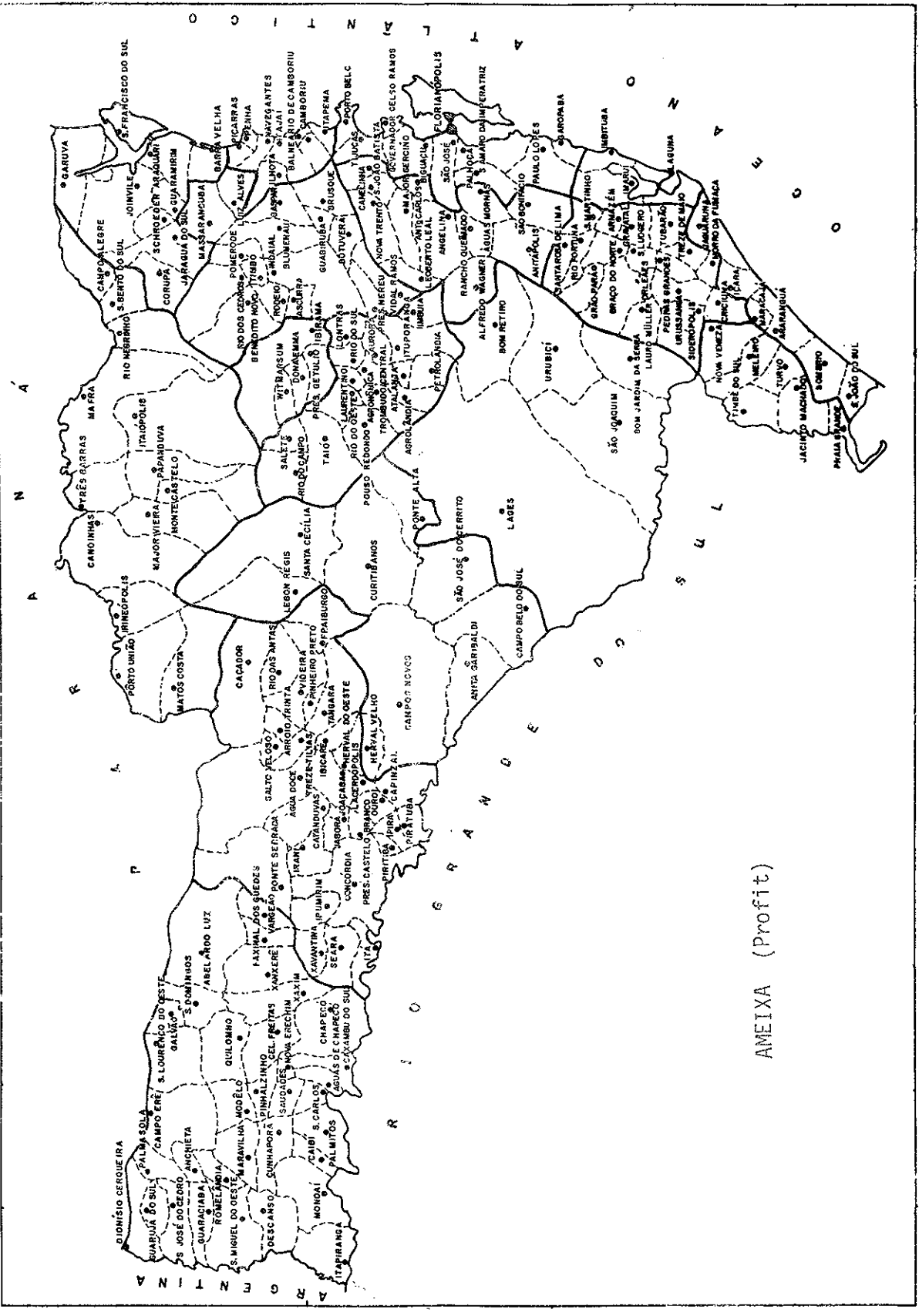
PÊSEGO (Profit)



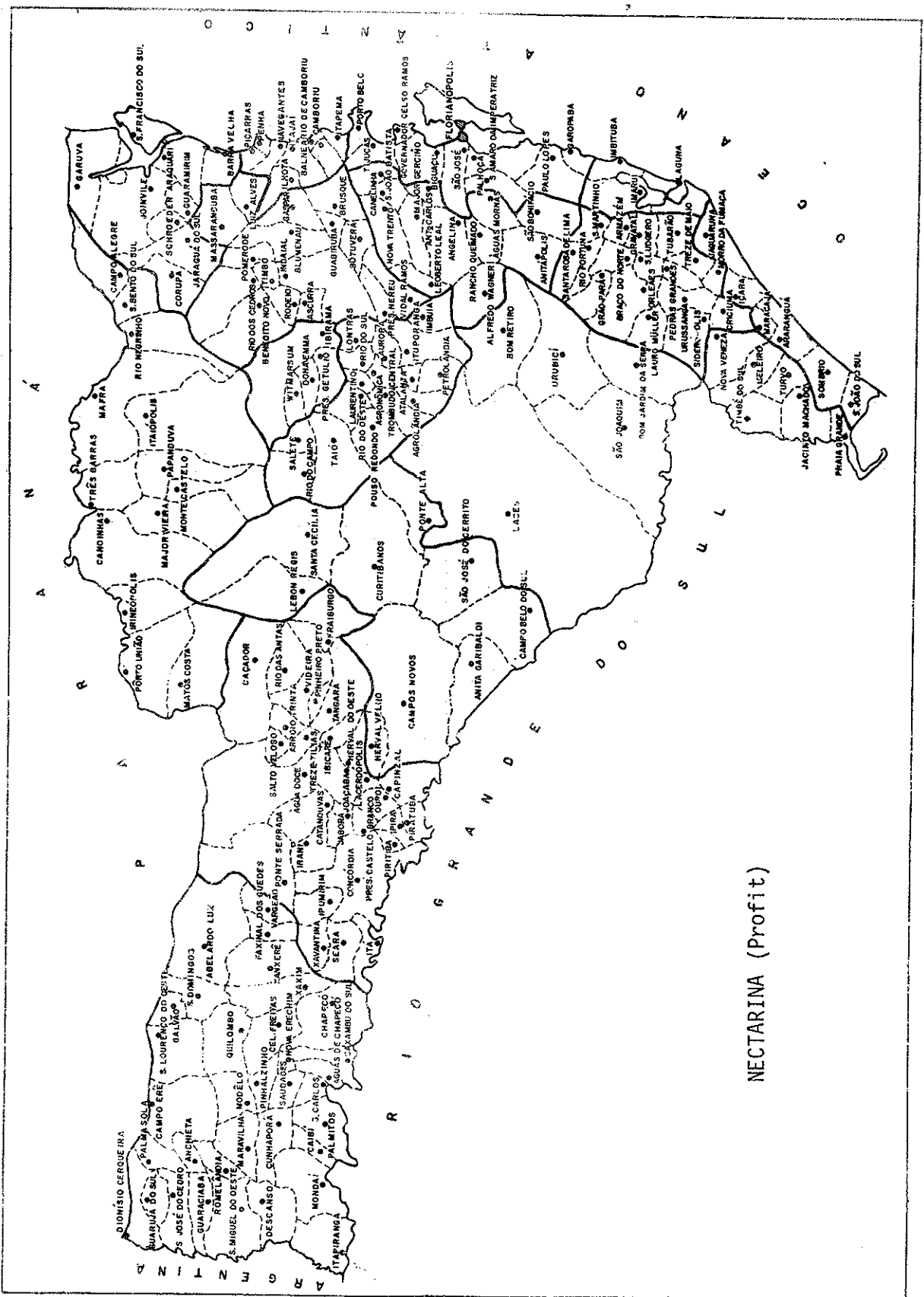
MAÇÃ (Profit)



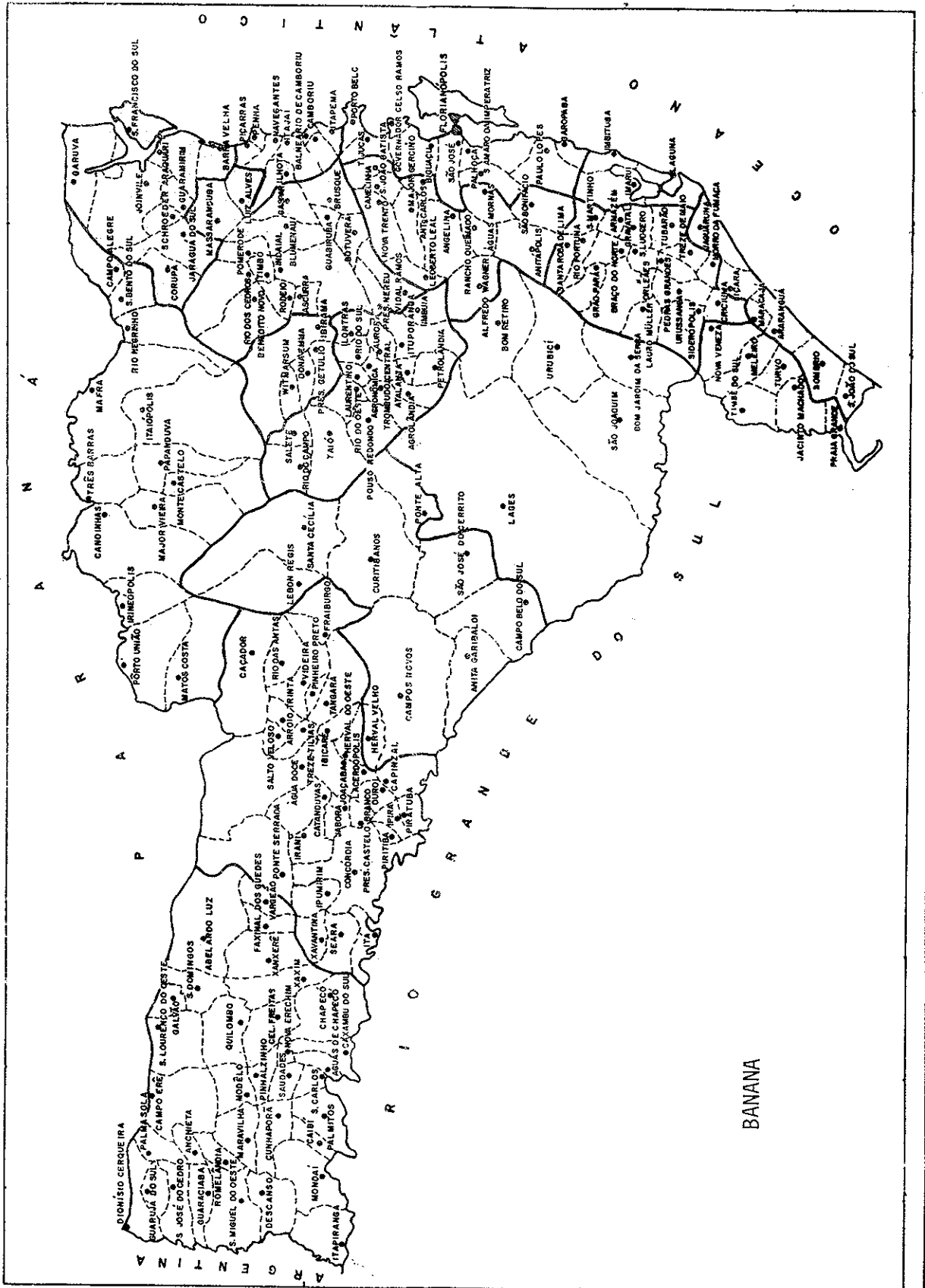
UVA VINÍFERA (Profit)



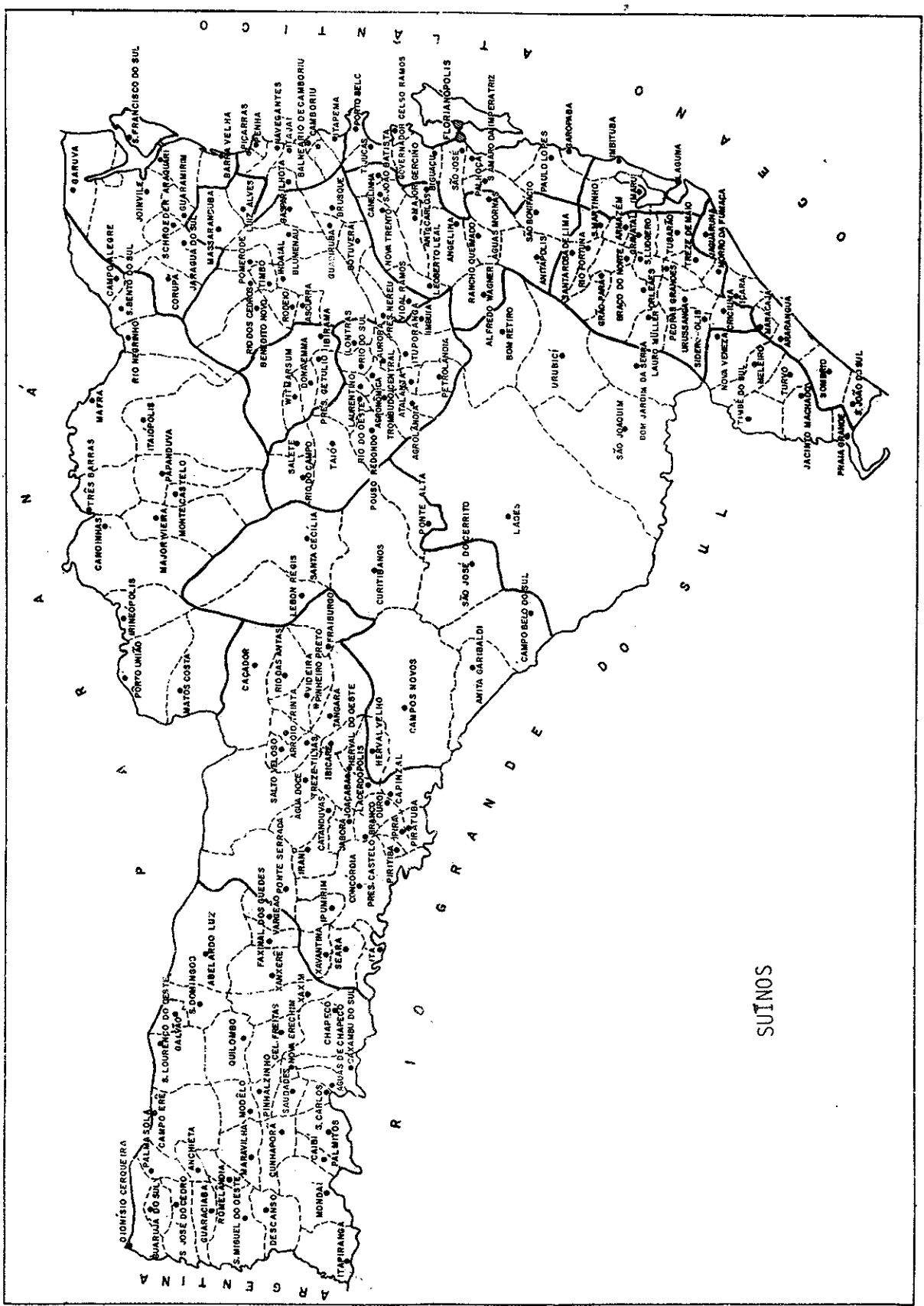
AMEIXA (Profit)



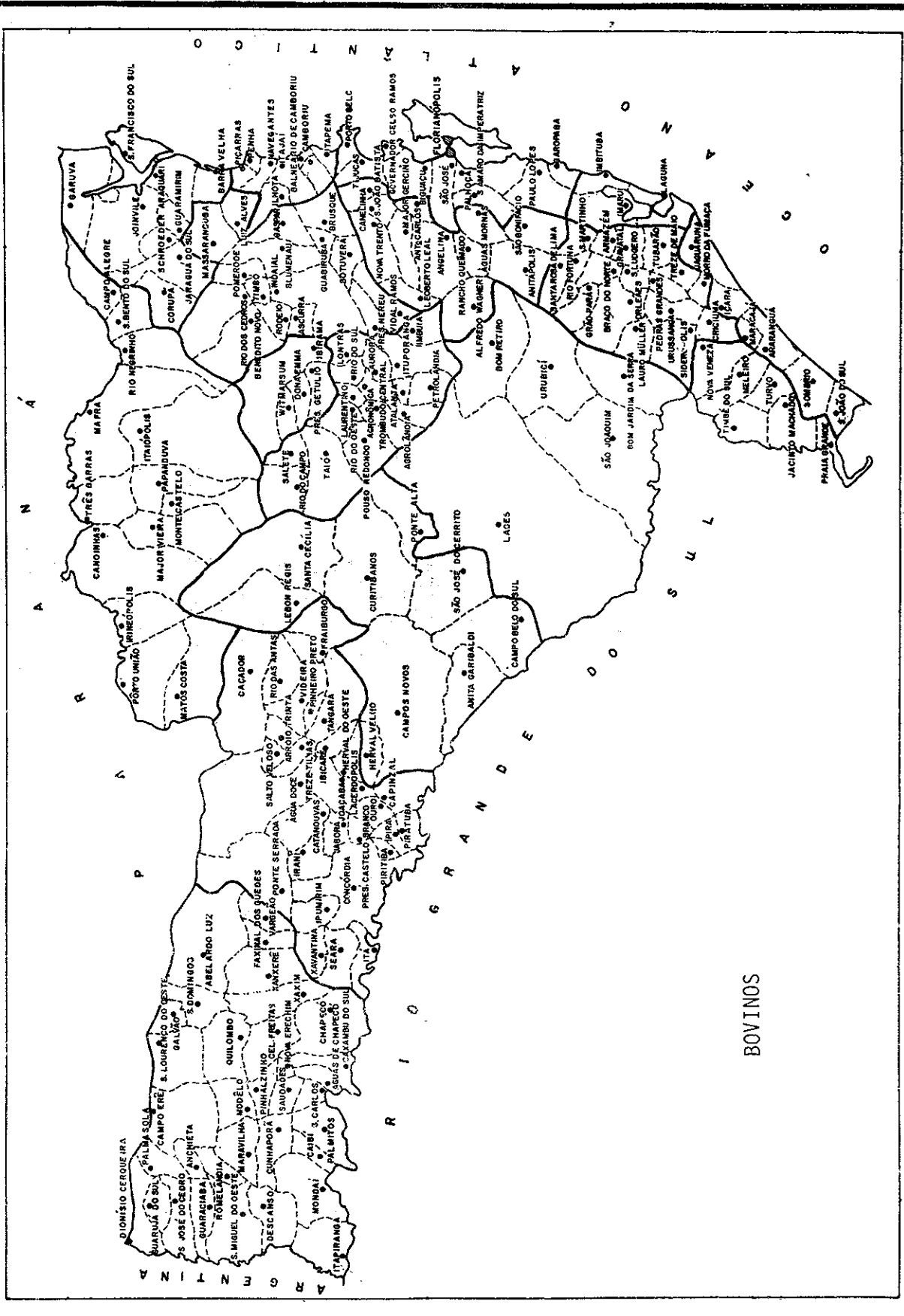
NECTARINA (Profit)



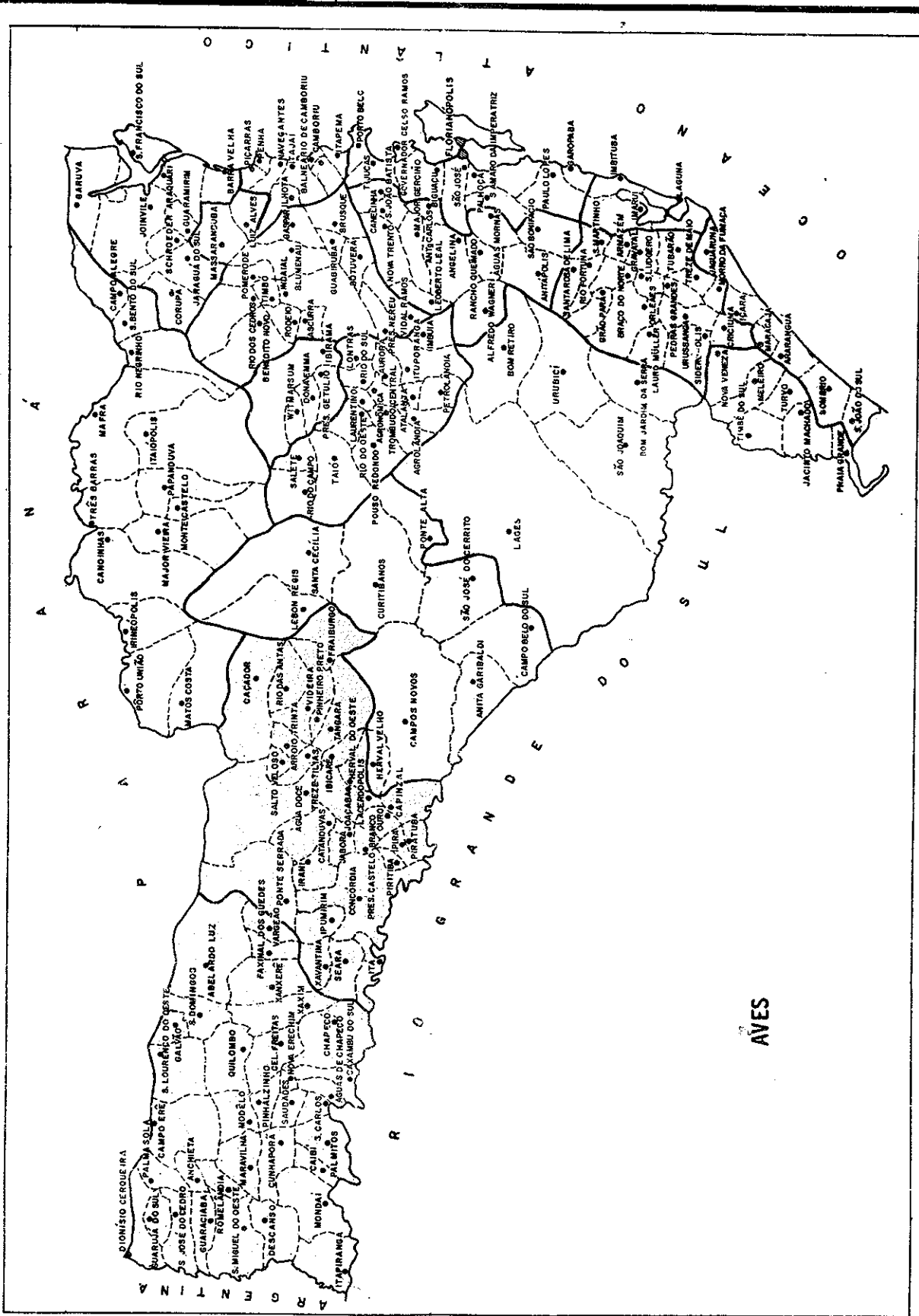
BANANA



SUINOS



BOVINOS



AVES

IV - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS

Para que se possa ter uma idéia do grau de equilíbrio entre a produção e o consumo dos produtos agropecuários em Santa Catarina, sintetizou-se, em quadros, as quantidades ofertadas, as perdas e os volumes demandados. Pode-se detectar destarte, as possibilidades de exportação de determinados produtos e a necessidade de importação de outros.

Nos quadros de Balanço de Oferta e Demanda dos Principais Produtos de Santa Catarina, os dados de produção foram fornecidos pelo GCEA - Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias (confirmados para 1976 e estimados para 1977). Para o ano de 1978 foram feitas estimativas de produção, baseadas no comportamento histórico das culturas e em fatores conjunturais atuais.

Os coeficientes de perdas utilizadas foram os seguintes:

- milho	11,5%
- mandioca	1 %
- fumo	5 %
- arroz	10 %
- feijão	10 %
- trigo	7 %
- batata	10 %
- cana-de-açúcar	3 %
- soja	10 %
- banana	10 %

Por falta de melhores informações, deixou-se de considerar os coeficientes de perdas para as culturas do alho, cebola, tomate e uva.

Para as frutas de clima temperado, excetuando a videira, considerou-se uma perda efetiva de 10% e um aproveitamento para fins industriais de ordem de 20% sobre a produção bruta colhida, coeficientes estes baseados na experiência de especialistas do setor.

A estimativa do consumo animal foi feita baseada nas necessidades dos rebanhos existentes (1976) e estimados (1977 e 1978), das espécies presentes no Estado, levando sempre em consideração, a forma predominante de alimentação usada.

Para o cálculo do consumo humano foram utilizados os seguintes coeficientes, baseados nos resultados do Estudo Nacional da Despesa Familiar realizada pela FIBGE em 1975.

<u>PRODUTO</u>	<u>Kg/hab/ano</u>
- milho	13,80
- trigo	44,50
- feijão	20,90
- arroz (com casca	43,20
- batata	24,70
- mandioca	19,70
- carne bovina	16,65
- carne suína	7,20
- carne de frango	10,35
- banana	4,55
- leite	94,0 litros/hab/ano
- alho	0,25
- cebola	3,90
- tomate	4,95
- maçã	1,60
- uva	0,50
- ameixa	0,25
- nectarina	0,25
- pêssego	0,50

O consumo industrial por sua vez, foi obtido através de consultas junto a agroindústrias e às diferentes entidades ligadas ao setor.

Para o cálculo de reservas de sementes, foram utilizados os seguintes coeficientes técnicos, baseado nas quantidades normalmente utilizadas no Estado:

<u>PRODUTO</u>	<u>Kg/ha</u>
- milho	18
- soja	70
- trigo	90
- feijão	60
- cana-de-açúcar	8.000
(renovação de 1/5 da área a cada ano)	
- arroz	100
- batata	1.000

Seguem os quadros de Balanço de Oferta e Demanda dos Principais Produtos, para 1976, 1977 e 1978.

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE SANTA CATARINA-1976

P R O D U T O	O F E R T A			D E M A N D A					S A L D O (±)	
	P R O D U Ç Ã O	C A R R Y O V E R	T O T A L	P E R D A S	C O N S U M O			R E S E R V A P A R A S E M E N T E S		T O T A L
					A N I M A L I N N A T U R A	H U M A N O I N N A T U R A	I N D U S T R I A L			
Milho	2.452.627	3.000	2.455.627	282.052	1.716.838	47.620	300.000	19.127	2.365.637	89.990
Mandioca	1.303.973		1.303.973	13.039	404.587	67.979	818.368	-	1.303.973	-
Fumo	91.304		91.304	4.565	-	-	86.739	-	91.304	-
Arroz	318.283		318.283	31.828	-	149.070	-	14.816	195.714	122.569
Feijão	98.965		98.965	9.896	-	72.120	-	11.677	93.693	5.272
Trigo	33.572		33.572	2.350	-	153.556	-	3.377	159.283	125.711
Batata Inglesa	141.065		141.065	14.106	-	85.232	-	15.474	114.812	26.253
Cana-de-açúcar IND	552.552		552.552	16.577	-	-	505.580	30.395	552.552	-
Soja	409.885		409.885	40.988	16.759	-	504.000	24.230	585.977	176.092
Aiho	900		900	-	-	863	-	-	863	37
Cebola	42.899		42.899	-	-	13.458	10	-	13.468	29.431
Tomate	25.217		25.217	-	-	17.081	-	-	17.081	8.136
Banana	141.308		141.308	14.130	-	15.700	11.304	-	41.134	100.174
Jva	27.300		27.300	-	-	1.725	24.100	-	25.825	1.475
Ameixas	350		350	35	-	862	70	-	967	617
Maçã	8.400		8.400	840	-	5.521	1.680	-	8.041	359
Alfafa	2.850		2.850	285	-	1.725	570	-	2.580	270
Mel	2.190		2.190	219	-	862	438	-	1.519	671
Carne Bovina	54.497		54.497	-	-	57.454	-	-	57.454	2.957
Carne Suína	169.366		169.366	-	-	24.845	-	-	24.845	144.521
Carne de Aves	86.998		86.998	-	-	35.715	-	-	35.715	51.283
Óleo	409.350.420		409.350.420	-	112.150.800	221.755.650	77.837.345	-	411.743.795	2.393.375

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE STA CATARINA - 1977

P R O D U T O	O F E R T A			D E M A N D A				SALDO (±)	
	PRODUÇÃO	CARRY OVER	TOTAL	PERDAS	C O N S U M O		RESERVA PARA SEMENTES		TOTAL
					ANIMAL IN NATURA	HUMANO IN NATURA			
Milho	2.551.415		2.551.415	293.413	1.850.000	49.037	300.000	2.511.890	39.525
Mandioca	1.305.663		1.305.663	13.057	693.550	70.000	529.056	1.305.663	-
Fumo	119.846		119.846	5.992	-	-	113.854	119.846	-
Arroz	332.950		332.950	33.950	-	153.507	-	199.457	133.493
Feijão	133.062		133.062	13.306	-	74.266	-	101.023	32.039
Trigo	20.328		20.328	1.423	-	158.126	-	161.123	- 140.795
Batata Inglesa	125.468		125.468	12.547	-	87.769	-	116.239	9.229
Cana-de-açúcar IND	796.920		796.920	23.908	-	-	747.492	796.920	-
Soja	469.357		469.357	46.936	18.376	-	576.000	669.871	- 200.514
Alho	900		900	-	-	888	-	888	12
Cebola	49.794		49.794	-	-	13.858	10	13.868	35.926
Tomate	22.920		222.920	-	-	17.589	-	17.589	5.331
Banana	163.200		163.200	16.320	-	16.168	12.435	44.923	118.277
Uva	28.300		28.300	-	-	1.777	25.000	26.777	1.523
Ameixa	1.012		1.012	76	-	888	22	986	26
Maça	12.355		12.355	507	-	5.685	3.228	9.420	2.935
Pêssego	1.836		1.836	327	-	1.777	39	2.143	307
Nectarina	2.083		2.083	539	-	888	73	1.500	583
Carne Bovina	55.582		55.582	-	-	59.164	-	59.164	3.582
Carne Suína	177.835		177.835	-	-	25.584	-	25.584	152.251
Carne de Aves	98.000		98.000	-	-	36.778	-	36.778	61.222
Leite (litros)	415.659.810		415.659.810	-	113.879.400	228.341.484	80.164.704	422.385.588	-6.725.778

P R O D U T O	O F E R T A		D E M A N D A						SALDO (+) (-)	
	PRODUÇÃO	CARRY OVER	TOTAL	PERDAS	C O N S U M O			RESERVA PARA SEMENTES		TOTAL
					ANIMAL IN NATURA	HUMANO IN NATURA	INDUSTRIAL			
Milho	2.613.600		2.613.600	300.564	1.900.000	50.501	300.000	22.000	2.573.065	40.535
Mandioca	1.360.000		1.360.000	13.600	788.200	72.092	486.108	-	1.360.000	-
Fumo	130.500		130.500	6.525	-	-	123.975	-	130.500	-
Arroz	276.000		276.000	27.600	-	158.090	-	14.000	199.690	76.310
Feijão	168.136		168.136	16.814	-	76.484	-	16.000	76.310	91.826
Trigo	13.638		13.638	955	-	162.843	-	3.500	167.298	-
Betata Inglesa	123.403		123.403	12.340	-	90.390	-	16.000	118.730	4.673
Cana-de-açúcar IND	988.900		988.900	29.667	-	-	924.233	35.000	988.900	-
Soja	497.743		497.743	49.774	19.774	-	648.000	30.000	747.548	-
Alio	1.200		1.200	-	-	915	-	-	915	285
Cebola	49.731		49.731	-	-	14.272	-	-	14.272	35.459
Tomate	26.433		26.433	-	-	18.115	-	-	18.115	8.318
Banana	186.354		186.354	18.635	-	16.651	14.920	-	50.206	136.148
Uva	29.700		29.700	-	-	1.830	26.400	-	28.230	1.470
Ameixa	7.993		7.993	799	-	915	1.598	-	3.312	4.681
Maçã	31.300		31.300	3.130	-	5.855	6.260	-	15.245	16.055
Pêssego	6.899		6.899	689	-	1.830	1.380	-	3.899	3.000
Nectarina	12.329		12.329	1.232	-	915	2.466	-	4.613	7.716
Carne Bovina	56.677		56.677	-	-	60.931	-	-	60.931	4.254
Carne Suína	186.693		186.693	-	-	26.348	-	-	26.348	160.345
Carne de Aves	112.000		112.000	-	-	37.876	-	-	37.876	74.124
Leite (litros)	422.067.202		422.067.202	-	-	115.634.000	235.159.947	-	433.352.967	-
							82.558.320			11.285.765

V. DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

1. Pesquisa e Experimentação

Em 1975, Santa Catarina foi contemplada com dois importantes organismos voltados à pesquisa agropecuária, a Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. (EMPASC) e o Centro Nacional de Pesquisa em Suínos (CNPSu) da EMBRAPA.

A EMPASC conta com a seguinte estrutura física:

- a) sete (7) Estações Experimentais
- b) um (1) Laboratório de Análises de Sementes
- c) uma (1) Unidade de Beneficiamento de Sementes
- d) um (1) Posto Agropecuário, utilizado na multiplicação de sementes básicas.

Os projetos de pesquisa programados para 1977/78, são em número de 89 (oitenta e nove), compreendendo 280 (duzentos e oitenta) experimentos, contemplando os seguintes produtos: arroz, feijão, mandioca, milho, soja, trigo, sorgo forrageiro, frutíferas de clima tropical e temperado, olericultura e bovino cultura.

Paralelamente, a EMPASC, através de convênio com uma indústria madeireira, está promovendo estudos iniciais de pesquisa da utilização de acículas (folhas) de pinus como suplemento nutritivo animal.

A "muka", produto da transformação de acículas e galhos de pinus, pode ser obtida na poda das árvores, numa quantidade de 3 a 5 toneladas/ha/ano.

Ao Centro Nacional de Pesquisa em Suínos (CNPSu), com sede em Concórdia, está afeta a geração de tecnologia para todo o país, no setor suinícola.

Não somente em Santa Catarina, mas em todo o Brasil, inexiste a pesquisa em avicultura, colocando o país na dependência total da tecnologia externa.

Os trabalhos de pesquisa com a cana de açúcar estão a cargo do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), através do PLANALSUCAR, enquanto que a pesquisa e experimentação do fumo é efetuada pelas companhias que compram esta matéria prima.

2. Insumos Modernos

O abastecimento de insumos para a agropecuária catari - nense é realizado pela iniciativa privada.

Cooperativas agropecuárias, firmas particulares, sindicatos rurais e de trabalhadores rurais, bem como associações rurais, compõem a rede que abastece todo o interior do Estado. Ao Setor Público Agrícola cabe desempenhar o papel de órgão fiscalizador da produção e comercialização, fiscalizando de forma especial a qualidade do produto ofertado.

Para uma melhor análise, a utilização dos insumos modernos é enfocada separadamente.

2.1. Insumos Modernos na Lavoura

2.1.1. Fertilizantes e Corretivos

A utilização de corretivos e fertilizantes tem sofrido um considerável impulso nos últimos anos, graças a ação contínua do Serviço de Extensão Rural junto aos produtores.

Somado ao esforço de difusão desta tecnologia, contribui, ainda, o Fundo de Estímulo à Produtividade (FEPRO), através do qual o Governo subsidia o frete dos citados insumos.

A correção dos solos é tecnicamente orientada pelos órgãos públicos e privados competentes.

A análise dos solos, por sua vez, é realizada pelo Instituto Físico Químico e Biológico da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, com sede em Florianópolis.

2.1.2. Defensivos Agrícolas

O uso de práticas fitossanitárias no Estado, é ainda baixo. Contudo, nota-se uma crescente procura de defensivos agrícolas, motivada pela difusão de medidas fitossanitárias preconizadas pela Assistência Técnica.

2.2 - Insumos Modernos na Pecuária

2.2.1 - Rações e Concentrados

Existem no Estado 37 (trinta e sete) in
dústrias ligadas à produção de concentrados, rações e ingre
dientes para a alimentação animal.

Na avicultura e suinocultura, o uso de concentrado e rações prontas é prática corrente no Estado, prin
cipalmente nas regiões onde as duas atividades adquirem maior expressão econômica e atingem maior grau de tecnificação (Oeste, Vale do Rio do Peixe e Sul do Estado).

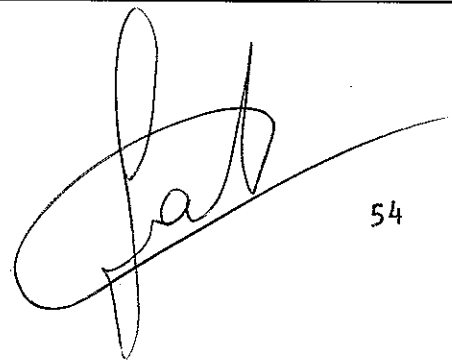
Na bovinocultura, o uso de ração ou con
centrado, para elaboração de ração, fica restrito a um peque
no rebanho leiteiro, sem atingir grande significação no consu
mo total do Estado.

2.2.2 - Produtos Veterinários

A utilização de vacinas é uma prática ple
namente adotada na avicultura industrial, sendo que o avicul
tor recebe toda a orientação técnica através das indústrias
ligadas ao abate de frangos de corte.

Na suinocultura, as práticas sanitárias são restritas apenas aos produtores de matrizes (granjas re
gistradas na Associação Catarinense de Criadores de Suínos) e a um pequeno número de outros criadores notadamente os liga
dos a serviços de fomento realizados pelas indústrias. As prá
ticas mais adotadas são a everminação e as vacinações contra a pneumoenterite dos leitões, enquanto que a vacinação contra a peste suína atinge apenas 30% do rebanho.

Na bovinocultura, a única prática sani
tária plenamente adotada é a vacinação contra a febre aftosa.



54

3, Mecanização Agrícola

A topografia acidentada e o predomínio de minifúndios são fatores que dificultam a introdução de mecanização agrícola.

O número de tratores existentes no Estado é relativamente pequeno, porém, se considerarmos a área do Estado que apresenta reais condições de uso de máquinas e implementos, verifica-se que o número de tratores em relação a área mecanizável é bastante significativo.

A grande maioria das máquinas agrícolas existentes no Estado, são utilizadas de maneira anti-econômica e sem os mínimos cuidados de conservação, observando-se que os operadores destas máquinas não possuem os mínimos conhecimentos das práticas de conservação de solos, sendo poucos os conhecimentos de manejo de máquinas e implementos.

No quadro que segue pode-se observar a evolução do parque de máquinas, previsto para o período 1976/1978.

Cabe no entanto ressaltar, que existe no Estado um significativo número de microtratores, não considerados no quadro.

Quadro nº 37 - Evolução do Parque de Máquinas em Santa Catarina(período 1976/78)

	TRATORES QUATRO RODAS				COLHEIRAS			
	PARQUE EM 1º JANEIRO	INCORPORAÇÃO ANUAL AO PARQUE		PARQUE EM 31 DEZ.	PARQUE EM 1º JANEIRO	INCORPORAÇÃO ANUAL AO PARQUE		PARQUE EM 31 DEZ.
		REPOSIÇÃO (Unidades)	NOVAS UNIDADES			REPOSIÇÃO	NOVAS UNIDADES	
• 1976	9.762	1.212	643	10.405	2.050	50	50	2.100
• 1977 (*)	10.405	1.464	600	11.005	2.200	60	40	2.240
• 1978(*)	11.005	1.560	650	11.655	2.390	70	30	2.420

Fonte: CEPA/SC
 (*) = Previsão

4. Sementes e Mudanças Seleccionadas

A baixa produtividade por unidade de área tem sido uma das características na maioria das culturas exploradas no Estado. Sabe-se que o uso isolado de sementes melhoradas, independente da utilização de outros insumos, pode elevar a produtividade em 20%, dependendo-se daí a importância que o aprimoramento deste insumo representa.

O programa de produção e utilização de sementes e mudas melhoradas desenvolve-se no Estado, com a participação do Ministério da Agricultura (Grupo Executivo de Produção Vegetal - GEPV), Secretaria da Agricultura e Abastecimento, Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. - EMPASC e entidades privadas, notadamente cooperativas.

O GEPV participa efetivamente na fiscalização da produção de sementes melhoradas com 12 Engenheiros Agrônomos e 33 agentes de Atividades Agropecuárias. Participa ainda, com 3 Unidades de Beneficiamento de Sementes; 1 Laboratório de Análise de Sementes em Tijucas; 1 Escritório de Fiscalização de Sementes de Arroz em Joinville e 1 Unidade de Sementes Básicas em Xanxerê.

Os aspectos de melhoramento genético e experimentação, para as diversas culturas, estão a cargo da EMPASC, bem como a produção e multiplicação de sementes genéticas e básicas.

A Secretaria da Agricultura e Abastecimento, com 22 técnicos, atuando junto às cooperativas e produtores, é responsável pela fiscalização da produção e comercialização estadual de semente produzida, colaborando também no armazenamento e beneficiamento.

A fiscalização da comercialização interestadual é de responsabilidade da DEMA/SC, através do GEPV.

A Comissão Estadual de Sementes e Mudanças CESM/SC tem a finalidade de promover, orientar e coordenar a produção e comercialização de sementes e mudas no Estado, sendo constituída por técnicos do Setor Público Agrícola e da iniciativa privada.

Segundo informações da CESM/SC, em junho de 1976, havia registrado no M.A. e na CESM/SC:

- a) 14 produtores de semente de trigo
- b) 22 produtores de semente de arroz
- c) 22 produtores de semente de soja
- d) 06 produtores de semente de feijão
- e) 02 produtores de semente de milho

Trinta e três (33) produtores são os responsáveis pela produção total de sementes do Estado (junho/76).

Observação: Uma mesma unidade produtora pode ser credenciada para produzir sementes de uma ou mais espécies, por exemplo: trigo, arroz, feijão. Por esta razão, o número total de produtores não corresponde à soma dos itens a, b, c, d, e.

Foi recentemente instalada em Florianópolis, a Gerência Regional Sul do Serviço de Produção de Sementes Básicas da EMBRAPA.

O Serviço de Produção de Sementes Básicas foi criado visando:

- a) Promover a manutenção, multiplicação e distribuição de sementes básicas;
- b) Apoiar técnica e financeiramente a multiplicação de material genético promissor, em fase adiantada de experimentação;
- c) Estimular a criação de mecanismos apropriados para o lançamento de novos cultivares;
- d) Estimular a produção de sementes melhoradas de espécies de interesse estratégico;
- e) articular-se com órgãos estaduais, federais e particulares, visando a produção de sementes melhoradas para entrega aos agricultores, em caráter supletivo, e em regiões onde a iniciativa privada não tenha ainda interesse de assumir tal tarefa.

f) Promover , apoiar e estimular programas de capacitação e treinamento para técnicos e produtores de sementes;

g) Propiciar retorno de investimentos realizados pela ... EMBRAPA, na criação de novos cultivares;

h) Promover o registro de cultivares para obtenção de direitos de exclusividade em relação à semente genética.

O SPSB está estruturado em três áreas distintas:

a) Área Diretiva (Brasília)

b) Área Técnico-Administrativa (Brasília)

c) Área Operativa, que compreende as Gerências Regionais e Locais.

Na Área Operativa, o SPSB contará com três Gerências Regionais (Norte/Nordeste; Centro; Sul) e onze Gerências Locais.

Além da Gerência Regional Sul, Santa Catarina contará com uma Gerência Local em Canoinhas. As demais Gerências Locais subordinadas à Gerência Regional Sul serão localizadas nos municípios de Ponta Grossa no Paraná, Passo Fundo e Pelotas no Rio Grande do Sul.

5. Promoção e Extensão Rural

As atividades desenvolvidas neste campo, estão afetas aos seguintes órgãos: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária; Secretaria da Agricultura e Abastecimento; Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina; Eletrificação Rural de Santa Catarina S.A.; Fundação Catarinense do Trabalho; Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul.

Abaixo são descritas as formas de atuação de cada órgão.

A) Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (Coordenadoria Regional de Santa Catarina).

As atividades são realizadas diretamente pelo órgão, ou por delegação, destacando-se as seguintes:

- Assistência técnica, orientação e coordenação para criação

e funcionamento de Cooperativas, Sindicatos e Associações Rurais, bem como treinamento e capacitação de pessoal para este setor.

- Em complementação à ação das Escolas Rurais desenvolve trabalho de educação florestal, agrícola, sanitária e alimentár, bem como, de promoção à iniciativa do Cooperativismo.

- Contratação de técnicos para as Entidades, notadamente Cooperativas, com participação financeira decrescente, de até três anos, com o objetivo de promover a transferência de tecnologia para o meio rural.

- Formar noções básicas de eletrificação rural, orientando no sentido de formar Cooperativas nesse setor.

B) Secretaria da Agricultura e Abastecimento

- Participa com recursos humanos junto ao INCRA, para o desenvolvimento de atividades de apoio ao Cooperativismo.

- Através do FEPRO - Fundo de Estímulo à Produtividade atua, principalmente, no incentivo à utilização de corretivos e fertilizantes, subsidiando o frete que incide sobre o transporte dos mesmos.

A SAA, através deste Fundo, paga os juros dos financiamentos feitos pelos produtores, na aquisição de reprodutores e matrizes de bovinos, suínos e ovinos, sementes e mudas melho-radas, máquinas agrícolas e de agroindústrias.

- Atua também, com recursos financeiros, humanos e materiais nas exposições, feiras, certames e promoções diversas ligadas à agropecuária.

- Através do FAP - Fundo Agropecuário, desenvolve ati-vidades no sentido de colocar à disposição dos pecuaristas, reprodutores de alta linhagem, a preços de custo.

A meta do FAP para 1977 é a importação e revenda de 200 machos e 500 fêmeas de bovinos e igual número de machos e fêmeas de suínos, além de 20 machos e 100 fêmeas da espécie ovi-na.

C) Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina - ACARESC

- É o órgão responsável pelo Serviço de Extensão Rural de Santa Catarina que atua através das seguintes linhas de ação:

- a) Modernização das explorações agropecuárias
- b) Expansão da fronteira agrícola intra e extra-propriedade;
- c) Difusão de explorações de maior densidade econômica;
- d) Organização dos produtores;
- e) Assistência e organização da Juventude Rural
- f) Abastecimento do mercado e formação de excedentes exportáveis;
- g) Educação sanitária e alimentar;
- h) Integração com as agroindústrias;
- i) Programas especiais para a agricultura minifundiária

A ACARESC executa estas tarefas com uma equipe de 818 funcionários, assim distribuídos:

a) TÉCNICOS

a.1 de execução: 457

a.2 de supervisão e coordenação: 35

b) ADMINISTRATIVOS

b.1 em Escritórios Locais: 208

b.2 no Escritório Central: 58

c) PESSOAL EM ÓRGÃOS DE APOIO E NO CETRE: 60

Em maio de 1977, 97,6% dos municípios catarinenses contavam com a assistência da ACARESC, da seguinte forma:

- a) Municípios com escritório180
- b) Municípios atendidos pelo escritório do município vizinho 12
- c) Municípios sem escritório e sem assistência 5

Atualmente são desenvolvidos os seguintes projetos pela entidade: milho, soja, trigo, feijão, arroz, cevada, fruticultura temperada e tropical, olericultura, alho, suinocultura, bovinocultura de corte e leite, educação sanitária e alimentar, cooperativismo, juventude rural, conservação do solo, avicultura.

D) Fundação Catarinense do Trabalho - FUCAT

Atua em convênio com os demais órgãos, em treinamento de recursos humanos.

E) Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul - SUDESUL. Encarregada de efetuar estudos de viabilidade técnico econômica do Projeto de Desenvolvimento Agrícola do Litoral Sul de Santa Catarina.

6. Reprodutores e Matrizes

A pecuária de Santa Catarina tem na suinocultura, avicultura e bovinocultura, suas atividades de maior expressão econômica.

6.1 - Suinocultura

A Associação Catarinense de Criadores de Suínos - ACCS com sede administrativa instalada na cidade de Concórdia, mantém núcleos regionais nos municípios de Chapecó, Xaxerê, São Miguel d'Oeste, Videira e Criciúma.

A comercialização de reprodutores é realizada através de granjas especializadas, devidamente registradas e fiscalizadas pela ACCS.

O quadro a seguir registra a evolução do número dos estabelecimentos registrados, com o respectivo número de criadeiras, no período de 1970/76.

Quadro nº 38 - Estabelecimentos Registrados no PIG-B00K Brasileiro
Santa Catarina - 1970/76

A N O	Nº DE GRANJAS	Nº DE CRIADORES	MÉDIA DE CRIADORES POR GRANJA
. 1970	130	1.700	13,0
. 1971	176	2.500	13,2
. 1972	199	3.000	15,0
. 1973	188	4.300	22,8
. 1974	137	6.747	49,2
. 1975	162	10.037	63,6
. 1976	176	12.437	70,8

FONTE: ACCS

O número de granjas registradas sofreu um declíneo no período 1972/74 devido a fiscalização exercida pela ACCS, que cancelou o registro de granjas que não preenchiam todos os requisitos técnicos preconizados pelo órgão, verificando-se, todavia, um grande aumento do número de criadeiras por granja, denotando o caráter empresarial que assumiu a criação de reprodutores suínos, no Estado.

Independente do aumento verificado no número de animais registrados, tem-se observado um grande aprimoramento na qualidade genética dos animais produzidos, de tal sorte que Santa Catarina assume hoje a liderança na produção de suínos de raças puras no País, tendo inscrito 25.997 animais, ou seja, 57,2% do total dos animais registrados no Pig Book Brasileiro em 1975, enquanto que em 1976 foram inscritos 37.741 animais catarinenses, representando 60,6% do total registrado no País.

Os quadros seguintes registram o número de reprodutores inscritos no PBB por Santa Catarina, no período 1970/76 e o número total de reprodutores registrados no Brasil, por Estado, no período 1972/76.

Quadro nº 39 - Reprodutores inscritos por Santa Catarina
no PIG BOOK Brasileiro - 1970/76

A N O	Nº DE REPRODUTORES REGISTRADOS
. 1970	1.756
. 1971	2.535
. 1972	6.938
. 1973	10.205
. 1974	15.260
. 1975	25.997
. 1976	37.741

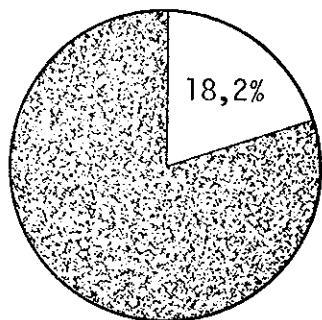
FONTE: ACCS

Quadro nº 40 Inscrição de Reprodutores no Pig Book Brasileiro - 1972/76
(Por Estado)

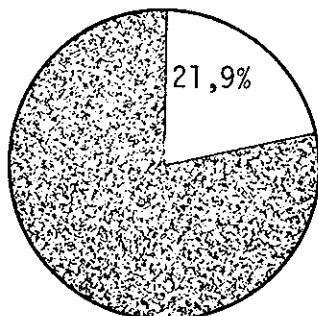
ESTADO/ANO	Nº DE REPRODUTORES INSCRITOS				
	1972	1973	1974	1975	1976
- Santa Catarina	6.938	10.205	15.294	25.997	37.741
- Rio Grande do Sul	5.649	6.558	7.033	10.054	12.169
- São Paulo	3.538	3.651	4.138	4.300	4.375
- Paraná	1.687	1.878	2.610	2.566	5.998
- Minas Gerais	223	1.016	1.822	2.341	1.867
- Outros	151	40	104	153	115
T O T A L	18.186	23.348	30.891	45.411	62.265

FONTE: Relatório do PBB
Arquivos da ACCS

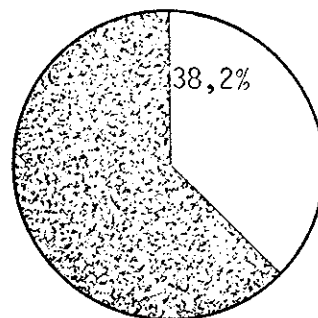
PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DE SANTA CATARINA NO TOTAL DE REPRODUTORES INSCRITOS NO PIG BOOK BRASILEIRO



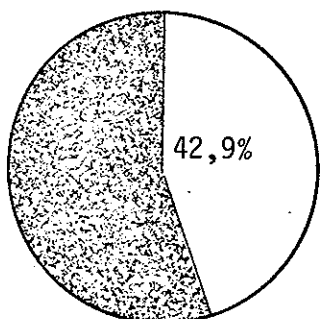
1970



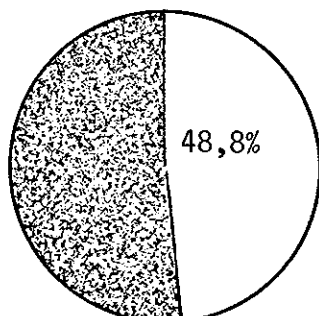
1971



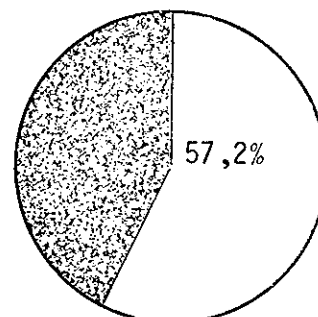
1972



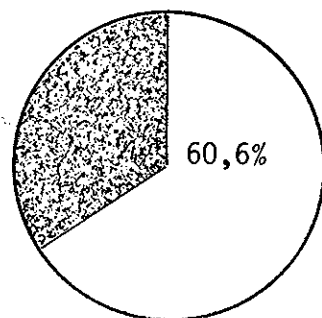
1973



1974



1975



1976

O melhoramento genético do plantel tem representado uma constante preocupação aos órgãos públicos e entidades particulares ligadas ao setor. Além das importações de animais de alta linhagem realizadas nos últimos anos, foi instalada recentemente no município de Concórdia, a Central Regional de Inseminação Artificial de Suínos, que vem trabalhando com sêmen importado da República Federal da Alemanha e com material coletado de animais de altas linhagens, mantidos na própria central, tendo realizado em 1976 um total de 586 inseminações.

A seguir apresentamos um quadro com informações sobre exportações de reprodutores, realizadas por Santa Catarina, em 1975 e 1976.

Quadro nº 42 - Exportação de Reprodutores para outros Estados
1975/76

ANO	Nº DE REPRODUTORES	VALOR (Cr\$)
. 1975	1.827	2.740.500,00
. 1976	3.563	4.177.408,00

FONTE: ACCS

6.2 - Bovinocultura

Em Santa Catarina, o registro genealógico de bovinos está afeto à Associação de Criadores de Bovinos - ACCB, com sede em Florianópolis, a qual realiza também, controle leiteiro em granjas especializadas e controle do desenvolvimento ponderal em bovinos de corte.

Até 1975 o número de animais inscritos na ACCB era de 14.458, pertencentes as seguintes raças: Holandesa, Jersey, Charolesa, Fleckvieh, Flamenga, Devon, Normanda, Hereford, Tarentaise e Red Poled.

Os quadros apresentados a seguir registram, por raça, o número de animais inscritos na ACCB até 1975 e no ano de 1976.

Quadro nº 43 - Bovinos Registrados na ACCB - até 1975

R A Ç A	Nº DE BOVINOS REGISTRADOS	%
. Holandesa	4.161	28,78
. Jersey	1.182	8,18
. Flamenga	3.587	24,81
. Charolesa	1.928	13,34
. Devon	1.502	10,39
. Fleckvieh	228	1,58
. Tarentaise	15	0,10
. Normanda	503	3,47
. Hereford	276	1,91
. Red Poled	1.076	7,44
TOTAL	14.458	100

FONTE: ACCB

Quadro nº 44 Bovinos Registrados na ACCB - 1976

R A Ç A	Nº DE ANIMAIS INSCRITOS	%
. Holandesa Preto e Branco	1.355	51,44
. Holandesa Vermelho e Branco	101	3,83
. Jersey	202	7,67
. Flamenga	95	3,60
. Normanda	105	3,99
. Red Polled	77	2,93
. Fleckvieh	187	7,09
. Charolesa	329	12,49
. Devon	77	2,93
. Hereford	26	0,99
. Tarentaise	27	1,02
. Vermelho Dinamarca	1	0,04
. Schwiz	52	1,97
TOTAL	2.634	100,00%

FONTE: ACCB

Como se pode verificar, o plantel de animais puros em Santa Catarina é bastante reduzido, sendo que a maior parte do rebanho é formado por animais mestiços.

A Comercialização de reprodutores dá-se diretamente entre proprietários, nas exposições-feiras ou nas propriedades.

Objetivando a melhoria da qualidade do rebanho, a Secretaria da Agricultura e Abastecimento tem realizado importações de animais de linhagens puras, predominando a aquisição de reprodutores da raça Holandesa.

A inseminação artificial vem sendo realizada através do Projeto Catarinense de Inseminação Artificial (PROCIA), programa resultante do convenio Secretaria e Ministério da Agricultura. Em 1975, o PROCIA realizou cerca de 14.000 inseminações artificiais em fêmeas de bovinos, sendo que para 1977 as metas foram estabelecidas em 20.000 inseminações.

6.3 - Avicultura

A produção e comercialização de reprodutores está toda a cargo da iniciativa privada, sendo que a importação de matrizes do exterior é prática corrente entre as indústrias.

Em Santa Catarina, o plantel de matrizes de frango de corte vem registrando constantes acréscimos. Em 1975, com um plantel de 526.400 matrizes, Santa Catarina possuía 11,2% do total brasileiro enquanto que em 1976, o total de matrizes existente no Estado era de aproximadamente 1 milhão de aves.

O plantel de matrizes de frango de corte está distribuído conforme o quadro que segue:

Quadro nº 45 - Efetivo de Matrizes de Corte por Micro-Região Santa Catarina - 1976

MICRO-REGIÃO	Nº DE MATRIZES	PARTICIPAÇÃO %
. Colonial do Rio do Peixe	485.321	49,70
. Colonial Oeste	331.200	33,91
. Carbonífera	160.000	16,39
TOTAL	976.521	100,00%

FONTE: CEPA/SC

A produção de frangos de corte e conseqüentemente o plantel de matrizes para obtenção de pintos de um dia, estão diretamente relacionados com os frigoríficos que atuam através do "Sistema Integrado Produtor-Indústria". Os incubatórios que não pertencem às agroindústrias, representam cerca de 25% do total produzido no Estado.

VI. INFRAESTRUTURA AGRÍCOLA

1. Drenagem

O litoral Catarinense, com grande potencial para a produção agrícola, apresenta entre os principais fatores limitantes para o desenvolvimento do setor, problemas de drenagem.

Essa tarefa, envolvendo trabalhos de recuperação de bacias hidrográficas, abertura de canais coletores, retificação de leitos de rios drenagens de áreas assoreadas, está fora do alcance de produtores ou mesmo de municípios, devido ao vulto das inversões, à necessidade de coordenação e à dimensão legal do empreendimento.

Cerca de 42% da população do litoral de Santa Catarina vive no meio rural, a tirar da pesca e da agricultura o seu sustento, sendo responsáveis por 64% da cana de açúcar, 52% do arroz e 38% da mandioca produzida no Estado.

Da área litorânea, cerca de 200.000 hectares de terras agricultáveis permanecem inaproveitáveis em virtude da ausência de drenagem e proteção contra as cheias.

O DNOS — Departamento Nacional de Obras de Saneamento é, atualmente, o único órgão estatal que executa tarefas na área de drenagem e contenção das cheias, proporcionando a recuperação de áreas para a agricultura.

2. Eletrificação Rural

Desde 1975, o Programa Estadual de Eletrificação Rural está sob a responsabilidade da Eletrificação Rural de Santa Catarina S.A. ERUSC, sendo que todos os trabalhos executados neste campo, contam com a participação das Cooperativas de Eletrificação Rural, tanto sob o ponto de vista físico como financeiro, onde 80% dos recursos financeiros são originários de organismos governamentais e 20% das Cooperativas.

Em 1975 existiam 1.700 km de linhas instaladas, atingindo 6.130 propriedades.

No ano de 1976 foram instaladas cerca de 3000 km de linhas, atingindo cerca de 10.500 propriedades.

3. Estradas Vicinais

Embora o Estado seja recortado por extensa malha de estradas vicinais, encontram-se deficiências no tocante a sua conservação e manutenção. As Prefeituras Municipais, não obstante os recursos alocados, normalmente não conseguem atender de forma satisfatória os encargos relativos à implantação e conservação das vias rodoviárias municipais. O Governo do Estado participa do programa, em geral através de convênios com os municípios e especificamente na região Oeste Catarinense, através da Secretaria do Oeste, que atua no campo da infraestrutura e, de forma especial, no subsetor rodoviário.

VII. COMERCIALIZAÇÃO E ABASTECIMENTO

1. Comercialização e Abastecimento

Este instrumento é aqui analisado tendo por base os principais produtos agrícolas do Estado.

1.1. Milho

O consumo interno deste cereal é muito grande, tendo em vista a exploração industrial de aves e suínos, existente no Estado. Pequena parcela da produção total é exportada para o Rio Grande do Sul e para o Exterior enquanto que existe também, importação do produto do Paraná, principalmente pelos criadores de suínos e aves do Vale do Rio do Peixe. Dois motivos levam estes criadores a adquirir o milho do Paraná; o primeiro é o melhor preço, (inferior ao do produto catarinense, em determinadas épocas); o segundo refere-se à época de safra, que no Paraná é anterior a catarinense, dando oportunidade de se adquirir o produto quando em Santa Catarina ele ainda inexistente ou então é disponível a preços muito elevados.

Segundo informações da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado de Santa Catarina - FECOAGRO, as Cooperativas Catarinenses receberam no ano de 1977 (até 30/08/77) 150.000 t de milho e exportaram até a mesma data, 10.600 toneladas, através do porto de Paranaguá. Este milho exportado foi adquirido por compradores da Suíça e da Holanda que, posteriormente, revendem o produto a outros países europeus.

Em 1976, o milho catarinense exportado foi vendido aos compradores da Alemanha, Holanda e Suíça, sendo a maior parte deste, destinado à Espanha.

Segundo ainda, a FECOAGRO, foram os seguintes os destinos da produção de milho em 1976:

a) Consumo Interno - ração animal e humana	1.765.440 ton
b) Indústria	300.000 ton

c) Excedente Comercializável	141.987 ton
d) Perdas	245.200 ton
T O T A L	2.452.627 ton

A grande produção está concentrada na região Oeste do Estado, que é também o maior mercado consumidor. Os polos consumidores, inclusive importadores de outras zonas produtoras são: Itapiranga, Maravilha, Chapecô, Seara, Concórdia, Videira, Xanxerê e Criciúma.

1.2. Mandioca

Enfocam-se três regiões produtoras distintas: Sul Catarinense, Florianópolis e Vale do Itajaí.

Sessenta por cento da produção da região Sul destina-se à fabricação de farinha, que é elaborada por cerca de 2.000 engenhos existentes na região. O restante destina-se ao fabrico de raspa e ao consumo "in natura".

A mandioca da região Sul do Estado é beneficiada principalmente para a produção de farinha industrial e comestível. A farinha industrial é utilizada na composição de rações, sendo exportada para países da Europa, enquanto que a comestível destina-se ao mercado interno.

A produção de raspa da região é comercializada, em sua maior parte, dentro do próprio Estado, junto aos moinhos de trigo. Pequena parcela é vendida para os mercados de Curitiba e São Paulo.

Cerca de 23% do total produzido na região de Florianópolis é consumido "in natura", nas propriedades. Pequena parte é comercializada na Capital para alimentação humana e outra na alimentação do gado leiteiro, enquanto que 64% da produção de raízes destina-se ao fabrico da farinha.

Aproximadamente 1.800 produtores transformam sua produção própria em farinha e, posteriormente, alugam suas instalações a outros produtores das proximidades. Na região existe apenas uma fecularia.

No vale do Itajaí, aproximadamente 50% da produ

ção é utilizada "in natura" na alimentação humana e animal, sendo o restante transformado em farinha, fécula e raspa, destacando-se a produção da fécula que absorve 40% da raiz produzida na região.

Parte da fécula produzida é consumida no mercado interno e parte é exportada para os Estados Unidos e Canadá.

Das 64 fecularias existentes, a maior parte é constituída de pequenas indústrias e estas, vendem metade de sua produção a firmas exportadoras que, por sua vez, exportam 70% e comercializam os 30% restantes no mercado interno.

Na região, alguns agricultores possuem instalações próprias para a transformação de sua produção em farinha, enquanto que outros, valem-se de engenhos próximos, pagando o serviço em espécie; 70% da farinha é comercializada na região e o restante nos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo.

No que se refere a produção de raspa, 70% é exportada e 30% adquirida por moinhos de trigo da região.

1.3. Fumo

A comercialização do fumo é uma das menos complexas quando comparada aos demais produtos agrícolas.

Todos os fumicultores catarinenses operam através de contratos de produção com as empresas compradoras, garantindo antecipadamente a venda do produto.

A comercialização do fumo ocorre no período que vai de dezembro a abril, mediante um único canal: produtor - indústria.

As firmas que compram esta matéria prima, beneficiam previamente o produto, transformando-o após em cigarros e/ou vendendo como "fumo em folha" para outras indústrias instaladas no País, bem como exportando para outros países, tais como EUA, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Países Escandinavos, Argélia, Tunísia, França, Espanha, Itália, Japão, entre outros.

Segundo dados colhidos na Associação dos Fumicultores do Brasil - AFUBRA, de 60 a 65% do fumo produzido no Bra

sil em 1976 foi consumido internamente e 35 a 40%, exportado para os países acima citados.

As empresas que adquirem o fumo produzido em Santa Catarina (informações de 1976) são: Com sede em Santa Catarina - Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio; L.M. do Brasil S.A.; Exportadora Catarinense de Fumos S.A.; Tabacos Blumenau S.A.; TABRA - Exportadora de Tabacos do Brasil Ltda; Rexabex S.A.; R.J. Reynolds S.A.; Companhia de Fumos Santa Cruz; Armada S.A.; SULCA - Sul Catarinense.

Com sede no Rio Grande do Sul: Verafumos S.A.; Kliehmann S.A.

1.4. Arroz

Quase toda a produção é entregue aos intermediários e/ou Cooperativas que submetem o produto a um processo de beneficiamento que compreende a secagem, maceração, descascamento e seleção. Daí segue para os armazéns e posteriormente é distribuído para os mercados consumidores.

Pode-se distinguir três zonas produtoras com suas características de comercialização: a zona nº 1, compreendendo todo o Vale do Itajaí e o Litoral de Florianópolis até Joinville; a zona nº 2, na região Sul Catarinense; e a zona nº 3, da região serrana até o centro-Oeste.

Na zona nº 1, 20% da produção fica para o consumo na própria região e os 80% restantes são comercializados nas praças de São Paulo, Rio, Curitiba, Ponta Grossa, Belo Horizonte e Recife.

Na zona nº 2, 20% fica na região, 10% segue para Florianópolis, Blumenau, e Itajaí e 70% obedece os fluxos para os mesmos centros consumidores da zona nº 1.

Na zona nº 3 identificam-se certas particularidades locais que levam a estabelecer quatro sub-zonas:

- a) - Campos de Lages (micro-regiões 12 e 13) Toda a produção fica para o consumo local.
- b) - Norte (micro-região 16) Quinze por cento

(15%) é retida para consumo e o restante é utilizado para abastecer o sul do Paraná, seguindo ainda para os mercados de Curitiba e São Paulo.

c) - Rio do Peixe - Cerca de 50% permanece na região.

d) - Oeste - Além do volume de arroz que segue para a região do Rio do Peixe, parte (arroz em casca) dirige-se para o Paraná e São Paulo.

Segundo informações da FECOAGRO, as Cooperativas agropecuárias Catarinenses receberam em 1977 (até 20/08) cerca de 40.000 toneladas de arroz.

Os rizicultores entregaram às Cooperativas em 1977 um volume superior ao ano anterior, em consequência dos baixos preços apresentados pelo mercado, nas transações diretas.

1.5. Feijão

Grande parte da produção fica retida nos estabelecimentos agrícolas para atender o consumo próprio.

Os principais consumidores do feijão catarinense fora do Estado são: Rio de Janeiro e São Paulo.

As Cooperativas catarinenses receberam apenas 8.228 toneladas de feijão, sendo o restante vendido diretamente pelos produtores aos cerealistas, em virtude dos altos preços que o produto alcançou no corrente ano, em decorrência das sucessivas frustrações de safras, o que obrigou, inclusive, o Governo Federal a importar o produto.

1.6. Trigo

A comercialização da produção é simples, pois é feita sob controle oficial, através da Comissão do Trigo Nacional (CTRIN), por intermédio das agências do Banco do Brasil S.A.

O produto é todo consumido no próprio Estado e Santa Catarina, que está ainda muito longe da autossuficiência.

A parte não comercializada é utilizada para consu

mo próprio, sendo transformada em farinha pelos moinhos "coloniais" que prestam o serviço por uma simples troca do produto em casca por produto beneficiado.

1.7. Batata

Os problemas de abastecimento deste produto são oriundos, principalmente, das deficiências na estrutura de comercialização.

Aparentemente ocorre um retorno de cerca de 30% do produto que sai do Estado. Isto em virtude das necessidades de atender consumo e devido ao fato de que não havendo um difundido sistema de limpeza e classificação do produto, esses serviços são feitos, em parte, nos Estados vizinhos, principalmente no Paraná. Lá o produto é classificado em batata de "primeira", "segunda" e "refugo". Enquanto a batata de "primeira" é comercializada nas praças de São Paulo e Rio de Janeiro, a "segunda" retorna à Santa Catarina, para atender às necessidades do consumo local.

Não existe um sistema de estocagem da produção e a comercialização é feita com rapidez, havendo uma estocagem precária a nível de produtor.

1.8. Cana de Açúcar Industrial

O processo de comercialização da cana de açúcar é simples pois, parte da matéria prima é produzida pelas próprias usinas, sendo o restante fornecido diretamente pelos produtores, mediante contrato.

A indústria açucareira catarinense vem operando com capacidade ociosa por falta de matéria prima.

Parte do açúcar refinado é destinado diretamente à exportação.

1.9. Soja

Cerca de 90% da produção catarinense desta oleaginosa procede do Vale do Rio do Peixe e Oeste.

Através de informações fornecidas pela FECOAGRO,

sabe-se que as Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina receberam na safra 75/76, 73.276 toneladas de soja em grão, tendo exportado 24.000 ton. para a Alemanha, Suíça, Bermudas e USA, países que atuaram como intermediários, pois, o destino final do produto foi: URSS, China e França.

Já da safra 1976/77, foram entregues pelos produtores às Cooperativas (até 30/08/77), 76.000 toneladas sendo exportadas até a mesma data, 25.200 toneladas de soja em grão para a Espanha, França, Holanda, China, Alemanha Ocidental e Itália.

Segue a relação das Cooperativas responsáveis por estas exportações com os respectivos volumes do produto exportado:

- Alfa - Chapecô	:	13.700 t
- Coperdia - Concórdia	:	2.700 t
- Cooperarco - Palmitos	:	2.500 t
- Coopernorte - Mafra	:	1.820 t
- São Miguel D'Oeste	:	1.700 t
- Cooperlucia - Descanso	:	640 t
- Cooperal - Abelardo Luz	:	600 t
- Cravil - Rio do Sul	:	500 t
- Capinzal	:	500 t
- Auri Verde - Cunha Porã	:	300 t
- Canoinhas	:	180 t
- Coopervil - Videira	:	60 t
		<hr/>
T O T A L	:	25.200 t

A previsão da FECOAGRO é de que até dezembro/77, as exportações totalizem 30.000 toneladas.

A primeira previsão da Federação das Cooperativas era de que seriam exportadas 50.000 t de soja em grão, pois o mercado internacional mostrava-se francamente favorável. Porém, grande parte das Cooperativas ficou no aguardo de condições de mercado ainda melhores, quando foram surpreendidos com sucessivas quedas na cotação do produto, refreando destarte, as exportações. O confisco instituído pelo Governo Federal na exporta

ção da soja deve, também, ter contribuído para a redução das exportações.

A capacidade de industrialização do parque de transformação da soja em óleo e rações, em Santa Catarina, é de 900.000 t/ano obrigando as indústrias a importar a matéria-prima do Rio Grande do Sul e do Paraná, uma vez que a produção catarinense não é suficiente. Entretanto, apesar das importações de soja dos Estados vizinhos, as indústrias de soja vem operando ainda com capacidade ociosa.

1.10. Cebola

Sendo um produto altamente perecível, o produtor é obrigado a comercializar seu produto logo após a colheita, a fim de reduzir ao mínimo as perdas decorrentes de podridão e brotação.

Conseqüentemente, existem épocas com excesso de oferta do produto, refletindo logicamente nos preços, que caem e, em outras épocas, o produto inexistente no mercado, elevando-se os preços e havendo inclusive a necessidade de importação de outros Estados.

Os produtores de cebola, na época da safra, vendem seus produtos para comerciantes locais e de outros centros, que os adquirem por baixos preços, revendendo-os em seguida a terceiros. Nesta transação, o número de intermediários entre o produtor e consumidor, nunca é inferior a três.

A colheita do produto dá-se no período que inicia em fins de novembro, terminando no final de janeiro.

A comercialização processa-se no período compreendido entre os meses de dezembro a junho, sendo que 80% da produção é comercializada de dezembro a fevereiro e 20% de março a junho.

1.11. Banana

A região que engloba os municípios de Corupá, Jaguaruã do Sul e Guaramirim produz cerca de 50% da safra comercial do Estado. Nesta região é cultivada preferencialmente a

variedade "nanicão", variedade esta que não apresenta condições de competir com São Paulo procurando, destarte, mercados mais distantes como a região da fronteira gaúcha com a Argentina e Uruguai, penetrando eventualmente nos mercados desses dois países.

Na sub-região Sul Catarinense, nos municípios de Jacinto Machado, Criciúma, Siderópolis, Nova Veneza e Urussanga desenvolve-se uma produção que representa cerca de 40% da safra comercializada. Aproximadamente 20% da produção é da variedade "nanicão", sendo comercializada no Rio Grande do Sul, na fronteira (Uruguaiana, Livramento e Bagé). Os 80% restantes são da variedade correntemente denominada "banana Branca" ou "enxerto", que são bem aceitas no mercado do Paraná (Ponta Grossa e Curitiba) e São Paulo.

Aproximadamente 10% da produção comercial situa-se na zona mediana do litoral. Essa produção destina-se a atender não só o consumo local e sub-regional "in natura" (50%), mas também atende a demanda de algumas pequenas indústrias de doces.

São Paulo absorve mais de 50% da produção de bananas "branca" catarinense, devido a inexistência dessa variedade naquele Estado, provocando uma melhor cotação do preço do produto.

1.12. Fruticultura de Clima Temperado

A maçã importada tem entrada no Estado durante o ano inteiro. Em épocas de safra, entram no Estado pêssegos, nectarinas e ameixas, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, com destino ao Litoral Catarinense.

A comercialização através das Cooperativas ainda tem uma grande dependência da ação dos distribuidores. Este encaminhamento onera os custos de comercialização, pois, além dos custos operacionais, de processamento na própria cooperativa, incidem ainda sobre a produção, as taxas de comercialização cobradas pelos distribuidores (14 a 16%).

1.1 3 - Bovinos de Corte

Santa Catarina não é autossuficiente no que concerne a produção de carne bovina havendo a necessidade de importação de bovinos do Paraná e Rio Grande do Sul, principalmente.

A comercialização do bovino terminado tem sido executada pelo produtor, sendo realizada diretamente com as indústrias frigoríficas de abate ou com os marchantes, destinando-se aos pequenos abatedouros, a nível de município.

Destacam-se no Estado, apenas dois estabelecimentos industriais de carne bovina com maior significação em abates para o abastecimento estadual, abatendo cerca de 200 animais/dia cada. As demais grandes empresas do ramo, operam com maior destaque nos abates de suínos e aves.

1.1 4 - Suínos

De uma maneira geral, os suínos comercializados no Estado, passam por uma intermediação antes de chegar à indústria. Esta intermediação atinge a totalidade dos animais vivos exportados para outros Estados.

Com a introdução dos "sistemas integrados produtor - indústria", a intermediação na comercialização dos suínos vem sofrendo sensível redução.

O mercado dos produtos derivados de suínos produzidos em Santa Catarina, atinge toda a região Sul, São Paulo e Rio de Janeiro e, secundariamente, outros Estados da Federação. São Paulo absorve cerca de 40%, Santa Catarina consome 26%; o Rio de Janeiro compra 16% da produção catarinense; Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais adquirem em conjunto, cerca de 15% dos produtos derivados de suínos de Santa Catarina.

O mercado internacional representa um potencial de demanda de carne suína, porém o Estado ainda carece de uma estrutura de produção que atenda as exigências do mercado externo, tanto em qualidade da carne como em quantidade e regularidade de fornecimento do produto.

1.15 - Aves

a - Comércio Estadual

A avicultura comercial é sem dúvida um dos setores de maior crescimento na agropecuária catarinense. Segundo os registros de abate feitos pelo DIP0A, o sistema integrado é responsável por 95,5% da oferta de matéria prima, onde o maior dinamismo da atividade avícola se processa nas micro-regiões do Vale do Rio do Peixe e Oeste Catarinense, responsáveis por cerca de 94% da produção do Estado.

No "Sistema Integrado", o fluxo de comercialização é bastante simples, uma vez que a matéria prima sai diretamente do produtor para a indústria que elabora e comercializa o produto.

Segundo estudos do CEAG/SC(1), em 1975, Santa Catarina consumiu apenas 7,3% de sua produção. O excedente destinou-se aos demais mercados consumidores.

O mercado interno é abastecido por produtos oriundos dos grandes frigoríficos que operam sob o "Sistema Integrado" e por pequenos abatedouros instalados nas proximidades dos grandes centros consumidores, que adquirem a matéria prima de pequenos criadores, distribuindo posteriormente o frango abatido, no comércio varejista local.

O cooperativismo restringe-se a ação de uma cooperativa que opera em pequena escala, na micro-região de Florianópolis.

b - Comércio Interestadual

O maior volume da produção catarinense se destina a abastecer o mercado de outros Estados.

Segundo o CEAG/SC em 1974 os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, destacaram-se como os maiores consumidores dos produtos avícolas industrializados em Santa Catarina,

(1) Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina

absorvendo aproximadamente 37,3% e 30,3%, respectivamente. No mesmo ano, o Paraná adquiriu 10,8% da produção total. No momento atual a situação se mantém sem apresentar grandes variações nesta região, verificando-se, todavia, que o frango catarinense vem conquistando o mercado de outros Estados.

c - Comércio Internacional

As primeiras exportações catarinenses de carnes de frangos, foram realizadas em 1975, quando foram exportados no período compreendido entre os meses de janeiro a outubro, um total de 2.895,3 toneladas, assim distribuídas:

. Arábia Saudita	1.731,3 ton
. Kuwait	250,0 ton
. Ilhas Canárias	20,0 ton
. Suíça	894,0 ton
T O T A L	2.895,3 ton

Em 1976, conforme dados fornecidos pelo DIPOA, as exportações para os Países do Oriente Médio, atingiram até o final do mês de setembro, um total de 10.795 toneladas de carnes de frangos e 3,2 toneladas de cortes de carnes de perus.

1.16 - Leite

O Alto Vale do Itajaí, a zona de Joinville, a área de Blumenau espraiando-se pelo Litoral de Itajaí, uma parcela da região metropolitana de Florianópolis, a área polarizada por Tubarão e a zona de influência de Lages, localizaram, com maior ou menor significado, a produção leiteira catarinense.

O leite "in natura" ou é comercializado diretamente entre produtor-consumidor ou destina-se às indústrias de laticínios.

A comercialização direta do leite "in natura" pode ocorrer de dois modos:

1) quando o produtor localiza-se próximo ao centro urbano, faz a entrega direta ao consumidor;

2) de outra forma, o intermediário coleta o produto e revende na cidade.

Quando o produto é vendido à indústria, a coleta é feita diretamente no estabelecimento produtor pela própria empresa (cerca de 80%) ou por intermediários (cerca de 20%). Alguns destes intermediários encarregam-se somente do transporte.

A entrada de leite dos Estados vizinhos é insignificante enquanto que, uma indústria de Porto Alegre faz coleta no Sul Catarinense.

Produtos industrializados derivados do leite são importados de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná e, em contrapartida, Santa Catarina exporta produtos industrializados desse gênero para os mercados de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

Existem no Estado, 30 indústrias de laticínios, sendo que apenas três ~~destas~~ empresas encarregam-se da industrialização de 56% do total de leite absorvido pelas mesmas.

2. Exportação

A obtenção de excedentes exportáveis de produtos agrícolas "in-natura" ou industrializados, está na dependência, como nos demais Estados da Federação, do melhoramento das condições existentes em portos, estradas, assistência técnica, qualidade dos produtos e inclusive, a utilização de insumos modernos pelos agricultores.

Segundo a CACEX, em 1976 o setor primário de Santa Catarina apresentou um volume exportado de 472.435 toneladas, representando uma fonte de recursos para o Estado da ordem de US\$ 166.830 mil ou seja, aproximadamente CR\$ 1.743.779 mil.

Dos produtos agrícolas foram exportados 44.137 toneladas, representando 9,34% do setor.

Os produtos agroindustriais detém 90,66% das exportações, num total de 428.297 toneladas. O farelo de soja, atingiu o volume de 228.042 toneladas, representando cerca de 53,24% dos produtos provenientes da agroindústria, o que equivale a um montante de US\$ 40.848 mil dólares, participando em 26% dos produtos agroindustriais e 24,5% do setor primário. De açúcar refinado, foi exportado um volume de 90.742 toneladas, com o ingresso de US\$... 25.339 mil dólares. Cabe salientar, a participação junto ao mercado internacional, do fumo em folha, com 21.402 toneladas, totalizando um valor de US\$ 40.759 mil dólares, representando 26% das receitas de produtos agroindustriais exportados e 24,43% do setor primário.

Já em 1977, segundo a mesma fonte, de janeiro a julho foram exportados através do setor primário 254.297 toneladas, representando uma receita para Santa Catarina, de aproximadamente US\$.. 105.124.382, ou seja, CR\$ 1.385.500.271,00.

De produtos agrícolas foram exportados 7.418 toneladas, representando 3% das exportações realizadas, com os produtos avícolas participando em 98%.

Quanto aos produtos agroindustriais foram exportados 246.879 toneladas, equivalendo a um montante de US\$ 97.809.467, ou seja CR\$ 1.288.585.234,00

Dos produtos exportados, o fumo em folha alcançou o volume de 131.892 toneladas, com 53,42% de participação junto às agroindustrias. e 51,86% do setor primário.

O volume exportado de açúcar refinado foi de 57.770 toneladas, seguido pelos resíduos de fumo, 14.709 toneladas e finalmente o óleo de soja, 14.500 toneladas.

Os Quadros n^os 46 e 47 mostram respectivamente, o comportamento das exportações agrícolas e industriais em 1976, enquanto que os Quadros n^os 48 e 49 analisam o comportamento das exportações no período de janeiro a julho de 1977.

EXPORTAÇÃO CATARINENSE DE PRODUTOS AGRÍCOLAS - 1976

P R O D U T O	Quilos	US\$	Cr\$
Mudas de Orquídeas	419	3.711	38.327
Qualquer outra muda	20.503	38.666	424.584
Folhas para capa de charuto (fumo capeiro)	2.453	10.174	119.694
Milho em grão, com casca	3.800.000	437.569	5.952.356
Sementes e frutos de soja	40.000.000	8.683.833	92.780.391
Sementes de árvores frutíferas	9	40	361
Sementes de árvores ornamentais	5.057	41.619	301.621
Outras sementes, esporos e frutos p/semeadura	369	4.327	46.258
Flores secas p/ornamentação, não montadas	89.761	337.800	3.504.143
Flores secas montadas em cestas, corôas e semelhant.	12.804	153.448	1.614.151
Folhagem, folhas e ramos para ornamentação	83.058	152.448	1.563.991
Raízes de mandioca	99.600	26.500	281.013
Ameixas frescas	3.280	1.843	20.862
Pêssegos frescos	1.567	1.937	22.740
Outras frutas de caroços, frescas	18.577	13.873	162.040
TOTAL EXPORTADO	44.137.457	9.907.761	105.832.532

FONTE: CACEX

QUADRO Nº 47

PRODUTO	QUILOS	US\$	C\$R\$
Óleo Essencial de Cabouva	225	1.687	15.212
Óleo Essencial de Mandarina Berg. e Tangerina	3.150	49.392	508.150
Óleo Essencial de sassafráz	1.366.989	4.441.503	47.140.179
Óleo Essencial de Palma Rosa	420	5.040	53.446
Outros Óleos Essenciais, líquidos ou sólidos	5	192	2.089
Mistura subst. Odoríf. Nat. O/Art. p/alimentação	1.237	4.343	47.707
Qualquer outro tipo de fumo em folha	21.402.179	40.758.532	414.542.566
Resíduos de fumo	2.767.527	941.240	9.466.350
Qualquer outra preparação açucarada	341	1.351	15.600
Chocolite em qualquer outra forma de preparo	36	135	1.588
Bombons	223	723	8.349
Erva Mate Beneficiada	2.616.300	1.356.172	14.037.964
Farinha e semente de mandioca	182.774	57.500	601.238
Fécula de mandioca	473.646	153.105	1.625.172
Erva Mate, canchada	4.153.058	1.875.412	19.377.058
Polvo, Lula, fresco, refrigerados, congelados	1.720	2.349	22.058
Outros crustáceos frescos, refrigerados ou congelados	19.802	77.101	784.559
Tapioca, inclusive a de fécula de batatas	657.052	252.979	2.589.204
Doce de qualquer outra fruta	750	291	2.624
Qualquer outro molho	588	1.802	18.864
Yô p/preparo de pudins, cremes, sorvetes, etc.	538	792	9.041
Palmitos em conservas	162.699	210.193	2.173.720
Óleo de soja, em bruto	87.810.000	14.740.325	157.634.562
Qualquer outra prep. e conserva de suíno	5.000	3.100	36.471
Outras preparações e conservas de carnes	10.000	6.200	72.941
Preparações e conservas de sardinha	48.329	56.974	581.315
Açúcar refinado, mesmo em tabletes	90.741.694	25.339.126	268.259.917
Outros produtos da confeitaria sem cacau	74.085	45.970	508.326
Carnes de suínos congeladas	3.852.680	3.949.302	39.585.427
Língua de animais classe	6.000	7.906	90.612
Qualquer outro miúdo classe	13.480	7.437	75.214
Carnes de galos, frangos ou galinhas congeladas	15.939.970	15.788.658	164.930.535
Miúdos de Aves Dom. frescos, refrigerados ou congelados	4.982	4.832	53.298
Outras aves domésticas, frescas, refrigeradas ou congeladas	3.990	3.870	42.689
Fígados aves, frescos, congelados ou salgados	4.728	4.584	50.564
Toucinho entrecosto defumado	1.500	2.798	25.230
Outras carnes salgadas	4.059	15.919	164.428
Peixes mortos, congelados, inteiros ou descascados	6.563	3.994	38.147
Qualquer outro peixe, salgado, em salmoura ou seco	4.000	1.890	20.279
Canarões frescos, refrigerados ou congelados	40.000	247.232	2.593.325
Couro bovino semiterminado de flor integral	640	3.795	44.647
Qualquer outro couro bovino	1.317	8.887	84.881
Couros e peles acurruçadas	54	764	8.988
Art. de couro nat. artf. p/usos tóe.	48	166	1.697
Pinho serrado longitud. de espess. superior a 5mm	15.765.218	5.270.528	52.116.234
Imbuia serrada, corte em fl. espess. sup. a 5 mm	40.280	9.698	100.082
Peroba serrada, corte em fl. espess. sup. a 5 mm	5.000	650	6.974
Vírola serrada, cortada em fl. espess. sup. a 5 mm	184.560	41.533	441.938
Aquário serrado, corte em fl. espess. sup. a 5 mm	210.368	60.250	608.786
Outras madeiras, serradas, cort. em fl. espess. sup. a 5 mm	1.664.298	256.647	2.467.151
Fardo de soja	228.042.500	40.847.042	434.258.951
TOTAL EXPORTADO	428.297.049	156.921.938	1.637.946.341

FONTE - CACEX

Quadro nº 48

Exportação Catarinense de Produtos Agrícolas - Janeiro a Julho/1977

<u>P R O D U T O</u>	<u>Quilos</u>	<u>US\$</u>	<u>Cr\$</u>
Carnes de Galos, Frangos ou Galinhas congeladas	7.270.077	7.031.396	93.245.258
Qualquer outra muda	39.471	61.480	785.420
Flores secas p/ornamentação, não montadas	38.158	109.018	1.426.723
Flores secas montadas em cestas, coroas e semelh.	8.047	71.806	938.452
Folhagem, folhas e ramos para ornamentação	12.433	28.875	367.743
Raízes de mandioca	49.800	12.340	151.411
T O T A L	7.417.986	7.314.915	96.915.007

FONTE: FACEX

Quadro nº 49

Exportação Catarinense de Produtos Agroindustriais
- Janeiro a Julho/1977.

PRODUTO	KG	US\$	CR\$
Madeira, não conífera aplainada, entalh.etc.	444.433	161.796	2.026.549
Imbuia serrada long. de espessura igual ou inferior a 5 mm	74.151	72.919	939.919
Madeira compens. const. exol. de folhas de mão	168.514	56.430	699.418
Outras madeiras compensadas ou contraplainadas	258.484	90.767	1.127.374
Óleo essencial de sassafráz	180.460	641.819	8.233.672
Couro bovino curtido de flôr integral	15.047	94.132	1.285.947
Qualquer outro couro bovino	1.695	14.678	105.180
Pinho serrado longitude de espessura superior a 5 mm	10.870.952	2.834.351	37.198.389
Imbuia serrada, cortada em folhas, espessura superior a 5 mm	3.820.129	1.009.269	12.501.568
Pinho aplainado, entalhado, emalhetado	9.691.581	3.411.602	44.010.383
Outros produtos vegetais	15.260	8.250	109.794
Preparações e conservas de sardinhas	4.000	1.890	22.235
Tapioca, inclusive a de fécula de batatas	97.524	58.225	788.938
Doce de banana	78.857	27.822	341.374
Sucos de Uva	100.000	68.000	870.679
Qualquer outro molho	405	1.215	15.779
Palmitos em conservas	108.255	169.106	2.227.424
Farelo de Soja	131.892.000	31.499.961	412.309.944
Qualquer outro tipo de fumo em folha	14.709.361	32.163.350	427.663.204
Resíduos de fumo	1.753.494	593.652	7.750.924
Óleo essencial de cabreuva	123	984	13.085
Outros óleos essenciais, líquidos ou sólidos	45	2.295	30.519
Farinha e semola de mandioca	114.560	41.790	508.273
Fécula de mandioca	46.989	16.976	230.188
Óleo de soja, em bruto	14.500.000	9.803.949	131.354.000
Preparações e conservas de sardinhas	9.400	9.600	127.680
Camarões, em preparações ou conservas	940	2.931	35.963
Açúcar refinado, mesmo em tabletes	57.700.000	14.767.888	193.607.922
Carne de bovino, congelada, sem osso ou ossos	93.214	93.310	1.223.167
Língua de animais class.	18.575	30.140	419.777
Qualquer outro miúdo class.	35.653	23.741	323.744
Peixes mortos, congelados inteiros ou descab.	28.566	8.971	119.295
Camarões frescos, refrigerados ou congelados	1.300	3.223	44.889
Pólvo. lula fresca, refrigerados, congelados	4.120	1.626	21.623
Outros crustáceos frescos, refrigerados ou cong.	120	542	7.549
Outras tripas, bexigas e buchos de animais	40.733	22.267	287.866
T O T A L	246.878.940	97.809.467	1.288.585.234

FONTE: CACEX

3. Informações de Mercado

Basicamente, o setor público agrícola em Santa Catarina atua através de duas atividades distintas no que se refere a área de informações de mercado.

Uma delas é feita pelo Serviço de Extensão Rural, através de uma coleta mensal de preços recebidos pelos produtores agrícolas e preços por eles pagos na aquisição de insumos e material agropecuário. Os dados obtidos por esta pesquisa são enviados à Fundação Getúlio Vargas e esta, depois de submeter as informações a um tratamento estatístico adequado, divulga os referidos dados.

O Serviço de Informação de Mercado Agrícola - SIMA, que funciona através de convênio entre a Secretaria da Agricultura e o Ministério da Agricultura, é diretamente subordinado à Coordenadoria de Produção e Abastecimento - COPRA da Secretaria da Agricultura.

O SIMA/SC levanta diariamente, junto a atacadistas e supermercados, os preços dos produtos agrícolas. Este mesmo trabalho é também realizado em alguns outros Estados Brasileiros.

Diariamente, os Estados que possuem Serviço de Informação de Mercado Agrícola trocam, via telex, as informações coletadas, obtendo-se destarte, uma visão de quais os Estados que estão oferecendo melhores condições de mercado.

De posse das informações de Santa Catarina e dos demais Estados informantes, o SIMA/SC as dissemina entre os órgãos diretamente interessados através de boletins, e aos produtores e demais interessados, através de meios massais de comunicação, tais como, rádio e jornal.

O SIMA/SC visando ampliar sua rede de coleta no Estado, instalou uma agência no Município de Chapecó, contando ainda com um informante em Urubici, onde também será implantada uma agência, tão logo esteja concluído o Mercado de Produtor previsto para aquele Município.

4. Armazenamento

Em 1973 a rede de armazéns instalada se caracterizava assim: 13% para estocagem à granel e 87% para estocagem convencional (para sacaria).

Devido, principalmente, à exportação de parte da produção de soja, construíram-se em 1974 unidades graneleiras (fundo em 'V'), aumentando a estocagem à granel para 20% da capacidade estática total.

No ano de 1975, houve um crescimento substancial de capacidade estática armazenadora, com um aumento de 31% em armazens graneleiros. Segundo dados do Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras da CIBRAZEM, em fevereiro de 1975, a capacidade estática do Estado era de 1.011.000 toneladas. Em 1976, a capacidade estática foi elevada em cerca de 100.000 toneladas, sendo que, deste total, 64% é representado por cooperativas que construíram suas estruturas armazenadoras. Do total construído, 86% constituiu-se em armazenagem a granel, procurando atender, desta forma, as novas necessidades de comercialização.

Nos últimos quatro anos, o setor de armazenagem no Estado cresceu na ordem de 7 a 10% ao ano.

Através do Programa Nacional de Armazenagem - PRONAZEM, no ano de 1976 foram tomados recursos de entidades financeiras no valor de Cr\$-35.366.543,34 sendo construídos através destes financiamentos, armazens que totalizam uma capacidade estática de 88.068 toneladas. Deste total, 64.265 toneladas foram implantadas pelas Cooperativas e 23.803 t. sob responsabilidade de particulares. O restante da capacidade estática construída por particulares em 1976, deu-se através de recursos próprios e/ou específicos.

Nos primeiros meses de 1977 o PRONAZEM aplicou recursos da ordem de Cr\$ 82.066.259,00 com investimentos globais de Cr\$ 102.478.365,00 para a construção de 69.000 toneladas de capacidade estática referentes a uma unidade armazenadora em São Miguel D'Oeste e ao terminal graneleiro da Companhia Catarinense de Armazenamento - COCAR, junto ao porto de São Francisco do Sul.

As cooperativas tem representado papel relevante na implantação de infraestrutura de armazenamento no Estado, de sorte que no ano de 1977, a capacidade estática das Cooperativas Agropecuárias é a seguinte:

Quadro nº 50 Capacidade de Armazenamento das Cooperativas Agropecuárias Catarinenses - 1977

Nº DE COOPERATIVAS	CAPACIDADE ESTÁTICA CONVENCIONAL	CAPACIDADE ESTAT.GRANEL	TOTAL
34	159.060 t	210.780 t	369.840 t

Fonte : FEÇOAGRO, CIBRAZEM

A Delegacia Estadual da CIBRAZEM em Santa Catarina está atualizando o cadastro de unidades armazenadoras do Estado de Santa Catarina, tendo cadastrado no período de janeiro a agosto de 1977, mais sessenta e cinco unidades, das quais 33 convencionais (111.550 t) e 32 a granel (268.262 t), totalizando uma capacidade estática de 379.812 toneladas.

Com referência à capacidade de estocagem a meio ambiente, o Estado de Santa Catarina já dispõe de uma rede que atende satisfatoriamente a atual demanda. Porém, no que concerne à estocagem a frio, o déficit catarinense é muito grande, acarretando sérios prejuízos à comercialização dos produtos perecíveis. Verifica-se um franco crescimento na produção de carnes e derivados, principalmente de suínos e aves, bem como, de frutas e hortaliças. Estes produtos são comercializados com a maior rapidez possível, não havendo forma de aguardar melhores condições de mercado, devido a falta de capacidade de estocagem.

VIII - FINANCIAMENTO

Neste item são analisados os instrumentos crédito e preços mínimos.

1. Crédito

As atividades agropastoris em Santa Catarina estão intimamente ligadas ao Crédito Rural.

Atuam no Estado, além da Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina - ACARESC, outras organizações particulares que fazem planejamento para propriedades de exploração agrícola.

Tanto estas firmas como a ACARESC, atuam na intermediação para obtenção de financiamentos para os produtores rurais, mediante projetos previamente elaborados.

Todos estes órgãos mantêm convênio com uma ou mais entidades bancárias, e para cada órgão que elabora os projetos é fixada uma quota máxima de aplicação de verbas. O Banco do Brasil, no entanto, concede a maior parte de seu montante destinado ao Crédito Rural, diretamente ao agricultor, sem exigir a elaboração prévia de um projeto técnico.

O Crédito Rural é concedido aos produtores e às Cooperativas, com as seguintes finalidades: custeio, investimento e comercialização.

Apresentamos a seguir, um quadro com o número de contratos e valor dos financiamentos concedidos em Santa Catarina, através do Crédito Rural, no ano de 1976 e 1º trimestre de 1977.

TOTAL DE FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E COOPERATIVAS CATARINENSES, Período de 1976 a 1977 (Cr\$ 1.000)

QUADRO Nº 05/

ATIVIDADE	1976												1977			
	CONTRATOS												TOTAL		CONTRATOS	
	Iº TRIMESTRE		IIº TRIMESTRE		IIIº TRIMESTRE		IVº TRIMESTRE		Iº TRIMESTRE		TOTAL		Iº	TRIMESTRE		
	Nº	VALOR	Nº	VALOR	Nº	VALOR	Nº	VALOR	Nº	VALOR	Nº	VALOR	Nº	VALOR		
<u>LAVOURA</u>																
Custeio	11.005	84.180	19.847	155.138	46.375	422.625	27.979	388.115	105.206	1.050.058	2.544	33.258				
Comercialização	3.961	165.437	5.043	174.785	8.151	259.715	5.466	273.913	22.621	873.850	326	91.823				
Investimentos	435	53.199	1.911	342.448	1.350	304.248	190	45.987	3.886	745.882	3.275	135.771				
SUB-TOTAL	15.401	302.816	26.801	672.371	55.876	986.588	33.625	708.015	131.713	2.669.790	6.145	272.450				
<u>PECUÁRIA</u>																
Custeio	4.006	83.029	3.249	224.913	6.134	137.142	4.729	206.994	18.118	652.078	2.148	93.177				
Comercialização	3.694	142.301	2.599	168.756	2.716	128.544	2.433	186.534	11.442	626.135	1.719	124.684				
Investimentos	2.607	121.609	2.889	135.879	3.473	161.909	2.385	174.166	11.354	593.563	2.593	109.871				
SUB-TOTAL	10.307	346.939	8.737	529.548	12.323	427.594	9.547	567.694	40.914	1.871.776	6.460	327.732				
TOTAL (Lavoura + Pecuária)	25.708	649.755	35.538	1.201.919	68.199	1.414.182	43.182	1.275.709	172.627	4.541.566	12.605	600.182				

FONTE - Banco Central do Brasil

2. Preços Mínimos

Na aplicação da política de preços mínimos no Estado de Santa Catarina, detectou-se alguns problemas.

Cumprе destacar que grande parte do produto colocado no mercado, apresenta baixos níveis de qualidade, sendo classificados em tipos inferiores àqueles exigidos pela CFP na sua compra e, conseqüentemente, o Banco do Brasil paga preços inferiores ao preço mínimo em vigor. Urge, portanto, que seja agilizado e intensificado o processo de melhoramento da qualidade do produto colhido em Santa Catarina, o que viria, além de colocar o Estado em condições de maior competitividade com as demais unidades da Federação, ensejar que o excedente fosse adquirido pela CFP, pelo preço mínimo fixado.

É oportuno salientar ainda, que grande parte dos agricultores não se utilizam da política de preços mínimos, por desconhecimento da mecânica do processo ou, e principalmente, por não apresentarem condições de acesso aos benefícios do instrumento.

Outro item que tem preocupado os produtores, diz respeito a fixação dos valores dos preços mínimos.

Sabe-se que uma das variáveis na fixação dos preços mínimos é o custo de produção e que a Comissão de Financiamento da Produção pretende que os preços mínimos se situem, pelo menos, ao nível de uma média do custo de produção de cada produto nas diversas regiões do País. Ocorre, porém, que para certos produtos, o preço mínimo não vem cobrindo o custo de produção.

IX - CONTROLE E FISCALIZAÇÃO

1. Inspeção, Padronização e Classificação

Em Santa Catarina, o setor público agrícola atua na inspeção, padronização e classificação de produtos de origem vegetal e animal, através de dois órgãos específicos, ou seja: CLAVESC - Serviço de Classificação de Produtos de Origem Vegetal de Santa Catarina e GEIPOA/SC - Grupo Executivo de Inspeção de Produtos de Origem Animal.

1.1: Produtos de Origem Vegetal

Os trabalhos neste campo, como foi citado, são executados pelo CLAVESC, através de convênio entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento. De acordo com o convênio, cabe ao Ministério a função de coordenação e à Secretaria a execução das tarefas.

O CLAVESC conta, além da coordenação central em Florianópolis, com a seguinte estrutura:

- Tubarão: Sede da Supervisão dos postos de classificação de Tubarão, Criciúma, Araranguá e Turvo.
- Joinville: Sede da Supervisão dos postos de classificação de Joinville, Jaraguá do Sul, Timbó, Itajaí, Rio do Sul, Brusque e Mafra.
- Joaçaba: Sede da Supervisão dos postos de classificação de Joaçaba e Videira.
- Chapecó: Sede da supervisão dos postos de classificação de Chapecó, São Miguel d'Oeste, Maravilha, São Lourenço d'Oeste e Xanxerê.

O Serviço conta ainda com dois postos de barreira, com a finalidade de classificar produtos de comércio interestadual, sem classificação na origem, localizados em Mafra e Garuva.

Nos quadros que seguem é apresentado o volume físico e o valor comercial dos produtos classificados em 1976.

Quadro nº 52

Levantamento dos Produtos Classificados Destinados à Comercialização Interestadual - CLAVESC 1976

Produtos em Ordem Alfabética	Volume Físico	Valor Comercial (Cr\$ 1.000)
Arroz Beneficiado	148.835	600.380
Arroz em Casca	3.942	6.651
Arroz Quebrado	1.569	2.620
Batata	13.176	31.907
Cebola	12.665	20.988
Farinha	35.699	111.133
Fêcula	34.344	137.537
Feijão	37.053	150.050
Milho	5.044	4.991
Outros (Diversos)	56.611	165.036
Soja	6.987	24.727
Tabaco em Folha	57.483	611.195
TOTAL GERAL	413.408	1.867.215

FONTE: CLAVESC

Quadro nº 53

Levantamento dos Produtos Classificados Destinados para EGF. -
CLAVESC - 1976

Produto	Volume Físico (t)	Valor Comercial (Cr\$ 1.000)
Arroz em Casca	61.334	97.944
Farinha de Mandioca	1.525	1.387
Fécula de Mandioca	3.609	3.987
Feijão	3.118	5.171
Milho em Grãos	157.693	121.520
Soja em Grãos	116.541	145.992
T O T A L	343.820	376.001

FONTE: CLAVESC

Quadro nº 54

Levantamento Total dos Produtos Classificados

CLAVESC - 1976

Produtos em Ordem Alfabética	Volume Físico (t)	Valor Comercial (Cr\$ 1.000)
Arroz Beneficiado	148.835	600.380
Arroz em Casca	65.276	104.595
Arroz Quebrado	1.569	2.620
Batata	13.176	31.907
Cebola	12.665	20.988
Farinha de Mandioca	37.224	112.520
Fêcula de Mandioca	37.953	141.524
Feijão	40.171	155.221
Milho em Grão	162.737	126.511
Outros (Diversos)	56.611	165.036
Soja em Grãos	123.528	170.719
Tabaco em Folha	57.483	611.195
TOTAL GERAL	757.228	2.243.216

FONTE: CLAVESC

1.2. Produtos de Origem Animal

O Grupo Executivo de Inspeção de Produtos de Origem Animal (GEIPOA) é o órgão, a nível estadual, encarregado de exercer as funções de fiscalização e inspeção destes produtos, como unidade de execução do Departamento Nacional de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA) do Ministério da Agricultura.

O GEIPOA/SC tem sua administração centralizada em Florianópolis, possuindo um laboratório de controle físico, químico, bacteriológico e bromatológico dos produtos de origem animal, sediado no município de São José.

Existem nove Postos de Inspeção (POINS) distribuídos pelo interior do Estado, localizados em áreas onde se concentra maior número de indústrias sob inspeção.

Os referidos Postos estão instalados nos municípios de Florianópolis, Blumenau, Joaçaba, Itajaí, Laguna, Videira, Lages, Concórdia e Chapecó. Em cada indústria que recebe a inspeção, há uma Unidade permanente de vigilância do Serviço de Inspeção Federal (SIF).

O quadro que segue, mostra o número de animais abatidos sob inspeção federal, em 1976, no Estado.

Quadro nº 55

Número de Animais Abatidos sob Inspeção Federal em Santa Catarina - 1976

Espécies	Cabeças
. Bovina	112.864
. Suína	1.552.318
. Aves	62.141.869

FONTE: GEIPOA/SC

2. Defesa Sanitária

2.1 Defesa Sanitária Vegetal

As atividades neste campo são desenvolvidas pelo Ministério da Agricultura e Secretaria da Agricultura e Abastecimento.

A coordenação das atividades do Ministério da Agricultura neste campo, está a cargo do Grupo Executivo de Produção Vegetal (GEPV), que conta com um Laboratório de Patologia Vegetal, localizado no município de São José, e com um Posto de Defesa Sanitária Vegetal (PODEF) em São Francisco do Sul.

O Laboratório de Patologia Vegetal desenvolve as seguintes atividades: diagnóstico de pragas e doenças dos vegetais; levantamento fitossanitário das principais culturas econômicas do Estado; prestação de informações sobre medidas de combate e controle das pragas e doenças através de laudos técnicos; organização de mostruário e coleção de parasitos dos vegetais; suporte de atividades da vigilância fitossanitária na importação e exportação de vegetais e partes de vegetais, realizando exames de laboratório e expedindo diagnósticos; suporte das atividades de fiscalização do comércio e uso de defensivos agrícolas e de viveiros de mudas.

As tarefas atinentes ao GEPV são: fiscalização fitossanitária na importação e exportação de vegetais e partes de vegetais, em cumprimento à Convenção Internacional de Proteção de Plantas e do Regulamento da Defesa Sanitária Vegetal; fiscalização do comércio e do uso de defensivos agrícolas; fiscalização dos estabelecimentos viveiristas; divulgação das medidas de combate às pragas e doenças das lavouras; cumprir e fazer cumprir a legislação fitossanitária federal, os acordos, convênios nacionais e internacionais, no Estado de Santa Catarina.

Na Secretaria de Agricultura e Abastecimento, a Defesa Vegetal está a cargo da Coordenação de Operações Técnicas (COTEC), destacando-se como principal atividade, neste campo, a Campanha de Combate à Formiga Saúva, desenvolvida no Oeste do Estado.

2.2. Defesa Sanitária Animal

O programa de defesa sanitária animal em Santa Catarina é executado através de convênio entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento, objetivando cumprir o Programa Nacional de Saúde Animal (PRONASA).

O Grupo Executivo de Produção Animal do Ministério da Agricultura (GEPA) desenvolve, através do Projeto de Defesa e Inspeção Sanitária Animal, atividades de vigilância, controle e fiscalização sanitária.

Os projetos de combate à febre aftosa, raiva e brucelose, são executados pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento, através da Coordenação de Defesa Sanitária Animal (CODESA) em convênio com o Ministério da Agricultura, ao qual cabem os aspectos relacionados com o controle e avaliação.

O Laboratório de Diagnóstico de Zoonoses do Ministério da Agricultura localizado em São José, executa diagnósticos de Febre Aftosa (sorologia), Brucelose, Raiva e diagnósticos bacteriológicos.

No Laboratório são feitas também análises de vacina anti-rábica, para todo o território nacional, bem como, testes de vacina contra a peste suína.

Na Secretaria da Agricultura e Abastecimento, a CODESA tem como atribuições a vigilância, diagnóstico, controle e combate às doenças infectocontagiosas e parasitárias dos animais domésticos.

A CODESA atua por intermédio dos seguintes projetos: combate à febre aftosa; combate à raiva; combate à brucelose e tuberculose; combate à ecto e endoparasitas; premunição; educação sanitária; assistência médico-veterinária.

A assistência médico-veterinária é realizada através de convênio entre a Secretaria da Agricultura e Abastecimento e Municípios interessados.

Os demais projetos são desenvolvidos em todo o Estado, exceto feita ao Projeto de Premunição.

3. Controle e Fiscalização da Fauna e Flora

3.1. Fauna

O controle e fiscalização da fauna está sob a responsabilidade da Secretaria da Agricultura e Abastecimento através da CONATE-Coordenação das Atividades Econômicas dos Recursos Naturais- e visa a preservação das diversas espécies nativas da fauna catarinense que, se não houver uma intensa vigilância, redundará numa rápida e incontrolável extinção das espécies.

Entre as atribuições da CONATE neste campo destacam-se:

- a) Fiscalização, orientação e conscientização;
- b) Registro de criadouros;
- c) Confirmação do registro (anual);
- d) Controle de comercialização

3.2. Flora

As atividades no campo de controle, fiscalização e orientação da derrubada das matas, plantio e replantio de essências florestais, comercialização da madeira, etc., estão afetas à Delegacia Estadual do IBDF que atua por intermédio das seguintes atividades:

- a) Fiscalização, orientação e conscientização;
- b) Registros de serrarias;
- c) Comercialização dos produtos e sub-produtos florestais;
- d) Confirmação do registro;
- e) autorização de desmatamento;
- f) Fiscalização dos projetos de reposição obrigatória.

O Estado de Santa Catarina assinou convênio com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal com a finalidade de montar uma estrutura no Estado, com a função de intensificar o controle e a fiscalização da flora e da fauna catarinense. A CONATE da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e a Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (FATMA) serão os órgãos executores na citada tarefa.

A estrutura contará com 15 (quinze) Bases Regionais espalhadas pelo Estado, contando cada uma com 1 (um) Engenheiro Agrônomo ou Florestal; 2 (dois) Técnicos Agrícolas e com a Polícia Florestal.

X. ESTIMATIVA DAS NECESSIDADES DE INSUMOS E SERVIÇOS

Com o objetivo de orientar os Governos Federal e Estadual bem como a iniciativa privada, foram feitas estimativas das necessidades de insumos e serviços para os anos de 1977 e 1978, dando desta forma, oportunidade às entidades competentes, para providenciar e colocar à disposição dos consumidores, a quantidade necessária e suficiente de insumos para atender a demanda, no momento oportuno.

Segue uma série de quadros com as estimativas das necessidades de insumos e serviços, para 1977 e 1978.

Nestes quadros são utilizadas as seguintes abreviaturas:

HTR = horas/trator

DH = dias/homem

DA = dias/animal

H/COLH=horas/coihedeira

H/TRIL= Horas/Trilhadeira

Necessidades de Insumos por Produto

1977 / 1978

Produtos	S e m e n t e s (t)		C a l c a r i o (t)		H e r b i c i d a s (t)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978
01. Milho	20.462	21.068	91.758	94.477	161	165
02. Mandioca	-	-	27.475	30.225	-	-
03. Soja	22.150	27.101	259.575	317.590	26	32
04. Trigo	3.647	3.647	-	-	31	31
05. Cana	-	-	66.490	75.887	67	76
06. Feijão	9.605	14.839	51.000	78.791	-	-
07. Arroz	15.973	15.973	-	-	3.672	3.672
08. Batata	16.289	16.496	13.345	13.514	7	7
09. Fumo	-	-	-	-	-	-
10. Alho	480	640	3.600	4.800	4	6
11. Cebola	7	8	-	-	-	-
12. Tomate	0,4	0,4	-	-	-	-
13. Banana (+)	-	-	550	580	-	-
T O T A L	88.613	99.772	513.793	615.064	3.968	3.989

(*) 27.416.000 mudas/1977 e 28.854.000 mudas/1978.

Necessidades de Insumos por Produto

1977 / 1978

Produtos	Formicidas (t)		Inseticidas (t)		Fungicidas (t)		Inoculantes (t)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978
01. Milho	92	94	1.652	1.700	-	-	-	-
02. Mandioca	6	7	192	211	-	-	-	-
03. Soia	34	42	4.776	5.844	-	-	81	100
04. Trigo	15	15	487	487	98	98	-	-
05. Cana	-	-	7	8	1,1	1,5	-	-
06. Feijão	-	-	128	196	-	-	-	-
07. Arroz	-	-	233	233	-	-	-	-
08. Batata	-	-	59	59	118	119	-	-
09. Fumo	-	-	145	155	3.635	3.876	-	-
10. Alho	-	-	19	26	7,2	7,2	-	-
11. Cebola	-	-	-	-	-	-	-	-
12. Tomate	-	-	7	8	14	16	-	-
13. Banana	-	-	14	15	27	29	-	-
T O T A L	147	158	7.719	8.942	3.900	4.147	81	100

Necessidades de Insumos por Produto

1977 / 1978

Produtos	F E R T I L I Z A N T E S (t)					
	1977			1978		
	N	P205	K20	N	P205	K20
01. Milho	7.999	17.342	5.038	8.236	17.856	5.187
02. Mandioca	81	298	450	90	330	494
03. Soja	1.246	11.197	3.841	1.524	13.720	4.700
04. Trigo	888	2.000	995	880	2.000	995
05. Cana	1.363	1.395	931	1.555	1.594	1.062
06. Feijão	310	1.112	618	479	1.718	956
07. Arroz	1.032	1.148	458	1.032	1.148	458
08. Batata	555	1.798	910	562	1.820	910
09. Fumo	5.010	12.989	9.779	5.344	13.854	10.430
10. Alho	20	30	15	26	40	20
11. Cebola	44	40	20	46	43	21
12. Tomate	24	35	15	28	40	17
13. Banana	47	16	62	43	15	56
T O T A L	18.619	49.401	23.132	19.845	54.178	25.306

QUADRO Nº 57

Necessidade Total de Insumos - 1977 / 1978
(t)

I N S U M O S	1977	1978
. Sementes	88.613	99.772
. Calcário	513.793	615.864
. Herbicidas	3.968	3.989
. Formicidas	147	158
. Inseticidas	7.719	8.942
. Fungicidas	3.900	4.147
. Inoculantes	81	100
. Fertilizantes N	18.619	19.845
P ₂ O ₅	49.401	54.178
K ₂ O	23.132	25.306

Quadro nº 58-A

NECESSIDADES DE SERVIÇOS POR PRODUTO - 1977/1978

	PREPARO DA TERRA E ARAÇÃO				G R A D A G E M			
	(HTR)		(DA)		(HTR)		(DA)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978
1 - Milho	160.578	188.954	4.404.418	4.534.916	68.819	70.858	275.276	293.432
2 - Mandioca	21.980	24.180	329.700	362.700	8.243	9.067	5.495	5.045
3 - Soja	49.202	63.518	1.505.534	1.842.021	25.053	31.759	1228.655	1.503.258
4 - Trigo	35.116	35.116	81.938	81.938	35.116	35.116	48.773	43.773
5 - Cana	79.787	91.064	34.195	39.028	53.192	60.710	22.796	25.018
6 - Feijão	-	-	153.000	236.372	-	-	12.055	19.698
7 - Arroz	488.255	488.255	297.918	297.918	628.938	628.938	297.918	297.918
8 - Batata	7.065	7.155	40.035-	40.545	7.065	7.155	33.362	33.787
9 - Fumo	-	-	626.768	668.555	-	-	-	-
10 - Alho	5.200	7.000	-	-	5.000	6.600	-	-
11 - Cebola	-	-	-	-	-	-	-	-
12 - Tomate	-	-	-	-	-	-	-	-
13 - Banana	-	-	-	-	-	-	-	-
T O T A L	847.183	905.242	7.473.506	8.103.993	831.426	850.203	2.368.560	2.692.776

Produtos	PREPARO DA TERRA - OUTROS				SEMEADURA E ADUBAÇÃO			
	(HTR)		(DH)		(HTR)		(DH)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978
1- Milho	68.819	70.858	45.879	47.239	91.759	94.477	1.238.742	1.275.445
2- Mandioca	-	-	-	-	-	-	280.245	308.295
3- Soja	-	-	-	-	17.305	21.173	761.420	913.597
4- Trigo	5.853	5.853	3.902	3.902	11.705	11.705	27.313	27.313
5- Cana	26.596	30.355	11.398	13.009	-	-	47.492	54.205
6- Feijão	-	-	55.250	85.357	-	-	280.500	433.350
7- Arroz	182.061	182.061	-	-	34.137	34.137	94.444	97.444
8- Batata	2.355	2.385	42.390	42.930	-	-	134.307	145.485
9- Fumo	-	-	-	-	-	-	1.059.689	1.130.340
10- Alho	-	-	8.400	11.200	-	-	60.000	80.000
1- Cebola	-	-	411.321	435.240	-	-	342.300	362.700
2- Tomate	-	-	926	1.068	-	-	17.594	20.292
3- Banana	-	-	400.000	360.745	-	-	120.000	108.202
TOTAL	285.684	291.512	979.466	1.000.692	154.906	161.492	4.467.046	4.956.568

Quadro nº 58 - C - NECESSIDADES DE SERVIÇOS POR PRODUTO - 1977/1978

Produtos	CULTIVO E ADUBAÇÃO DE COBERTURA					
	(HTR)		(DH)		(DA)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978
1 - Milho	91.759	94.479	1.101.104	1.133.747	-	-
2 - Mandioca	-	-	1.335.285	1.468.932	329.700	362.700
3 - Soja	17.305	21.173	4.978.610	6.097.723	-	-
4 - Trigo	14.047	14.047	7.804	7.804	-	-
5 - Cana	39.894	45.532	625.000	713.338	61.740	70.466
6 - Feijão	-	-	1.313.359	2.028.866	46.758	72.225
7 - Arroz	-	-	431.361	431.361	74.480	74.480
8 - Batata	-	-	-	-	47.100	47.100
9 - Fumo	-	-	109.846	117.169	549.229	585.847
10 - Alho	-	-	12.000	16.000	-	-
11 - Cebola	-	-	438.144	464.256	-	-
12 - Tomate	-	-	306.759	353.800	-	-
13 - Banana	-	-	128.000	115.416	16.000	14.427
T O T A L	163.005	175.231	10.787.163	12.948.412	1.124.999	1.227.845

	APLICAÇÃO DE DEFENSIVOS				APLICAÇÃO DE HERBICIDAS			
	(HTR)		(DH)		(HTR)		(DH)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978
1- Milho	45.879	47.239	91.759	94.477	45.870	47.239	-	-
2- Mandioca	-	-	5.495	6.045	-	-	-	-
3- Soja	17.305	21.173	467.235	571.662	34.610	43.345	-	-
4- Trigo	23.661	23.661	33.100	33.166	8.194	8.194	-	-
5- Cana	-	-	-	-	13.298	15.177	15.607	15.607
6- Feijão	-	-	8.500	13.132	-	-	-	-
7- Arroz	-	-	12.413	14.413	12.413	12.413	159.303	159.303
8- Batata	23.550	23.850	125.600	127.200	-	-	-	-
9- Fumo	-	-	113.077	120.616	-	-	-	-
10- Alho	-	-	30.000	40.000	-	-	12.000	16.000
11- Cebola	-	-	-	-	-	-	-	-
12- Tomate	-	-	20.636	23.800	-	-	-	-
13- Banana	-	-	56.000	50.494	-	-	-	-
TOTAL	110.395	115.923	963.881	1.095.005	114.385	126.368	186.910	190.910

Necessidades de Serviços por Produto - 1977/1978

Produtos	COLHEITA									
	(HTR)		(DH)				(DA)		(H/COLH)	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978
1. Milho	321.156	330.676	4.496.177	4.629.394	-	-	-	-	-	-
2. Mandioca	-	-	741.825	816.075	-	-	-	-	-	-
3. Soja	-	-	2.526.530	3.091.207	-	-	-	-	13.844	16.938
4. Trigo	-	-	238.010	238.010	-	-	-	-	13.876	13.876
5. Cana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6. Feijão	-	-	773.500	1.194.994	-	-	-	-	-	-
7. Arroz	-	-	727.550	727.550	-	-	-	-	49.653	49.653
8. Batata	4.710	4.710	142.719	163.770	13.345	13.515	-	-	-	-
9. Fumo	-	-	3.521.528	3.756.314	880.382	939.079	-	-	-	-
10. Alho	-	-	96.000	128.000	-	-	-	-	-	-
11. Cebola	-	-	177.996	188.604	-	-	-	-	-	-
12. Tomate	-	-	120.380	138.840	-	-	-	-	-	-
13. Banana	-	-	112.000	100.989	-	-	-	-	-	-
TOTAL	325.866	335.446	13.674.215	15.173.747	893.727	952.594	77.373	80.467		

Necessidades de Serviços por Produto - 1977/1978

Produtos	TRANSPORTE, TRILHA, CLASSIFICAÇÃO E BENEFICIAMENTO												
	(HTR)		(DA)		(H/TRILHA)		(DH)						
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978	
1. Milho	91.759	94.477	2.454.545	2.527.271	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2. Mandioca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3. Soja	-	-	-	-	761.420	931.597	-	-	-	-	-	-	-
4. Trigo	-	-	-	-	48.772	48.772	-	-	-	-	-	-	-
5. Cana	13.298	15.177	49.392	56.373	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6. Feijão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7. Arroz	37.240	37.240	100.000	100.000	74.480	74.480	-	-	-	-	-	-	-
8. Batata	23.550	23.850	66.725	67.575	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9. Fumo	-	-	-	-	-	-	-	-	5.427.674	5.789.548	-	-	-
10. Alho	-	-	-	-	-	-	-	-	18.000	24.000	-	-	-
11. Cebola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12. Tomate	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13. Banana	-	-	48.000	43.281	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	165.847	170.744	2.718.662	2.794.500	884.672	1.054.849	5.445.674	5.813.548					

Quadro nº 58-G

Necessidades de Serviços por Produto - 1977/1978

Produtos	Inoculação Semente		Irrigação e Drenagem	
	(DH)		(DH)	
	1977	1978	1977	1978
1. Milho	-	-	-	-
2. Mandioca	-	-	-	-
3. Soja	27.687	33.876	-	-
4. Trigo	-	-	-	-
5. Cana	-	-	-	-
6. Feijão	-	-	-	-
7. Arroz	-	-	165.510	165.510
8. Batata	-	-	-	-
9. Fumo	-	-	-	-
10. Alho	-	-	-	-
11. Cebola	-	-	-	-
12. Tomate	-	-	-	-
13. Banana	-	-	-	-
TOTAL	27.687	33.876	165.510	165.510

Necessidade Total de Serviços por Fase e por Unidade de Tempo - 1977/1978

Serviços	Hora/Trator		Dias/Homem		Dias/Animal		Hora/Colhetad.		Hora/Trilh.	
	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978	1977	1978
1. Aração	847.183	905.242	-	-	7.473.506	8.103.993	-	-	-	-
2. Gradagem	831.426	850.203	-	-	2.368.560	2.692.776	-	-	-	-
3. Prep.da Terra - Outros	285.684	291.512	979.466	1.000.692	-	-	-	-	-	-
4. Semeadura - Adubação	154.906	161.492	4.467.046	-	-	-	-	-	-	-
5. Aplicação Defensivos	110.395	115.923	963.881	1.095.005	-	-	-	-	-	-
6. Aplicação Herbicidas	114.385	126.368	186.910	190.910	-	-	-	-	-	-
7. Cultivo e Adub. Cobert.	163.005	175.231	10.787.163	12.948.412	1.124.999	1.227.845	-	-	-	-
8. Colheita	325.866	335.446	13.674.215	15.173.747	893.727	952.594	77.373	80.467	-	-
9. Transp. Trilh. Clas.	165.847	170.744	5.445.674	5.813.548	2.718.662	2.794.500	-	-	884.672	1.054.849
10. Inoculação Semente	-	-	27.687	33.876	-	-	-	-	-	-
1. Irrigação e Drenagem	-	-	165.510	165.510	-	-	-	-	-	-
T O T A L	2.998.697	3.132.161	36.697.552	41.378.368	14.579.454	15.771.708	77.373	80.467	884.672	1.054.849

QUADRO Nº 60

Necessidades de Serviços de Trator e Colhedeira
1977

Produto	Trabalho Trator (horas)	Trabalho Colhedeira (horas)
Arroz em Casca	1.383.044	49.653
Milho	986.398	-
Trigo	133.692	13.876
Soja	160.780	13.844
Alho	110.200	-
Batata	68.295	-
Cebola	-	-
Tomate	-	-
Feijão	-	-
Mandioca	30.223	-
Cana de Açúcar	226.065	-
T D T A L ...	2.998.697	77.373

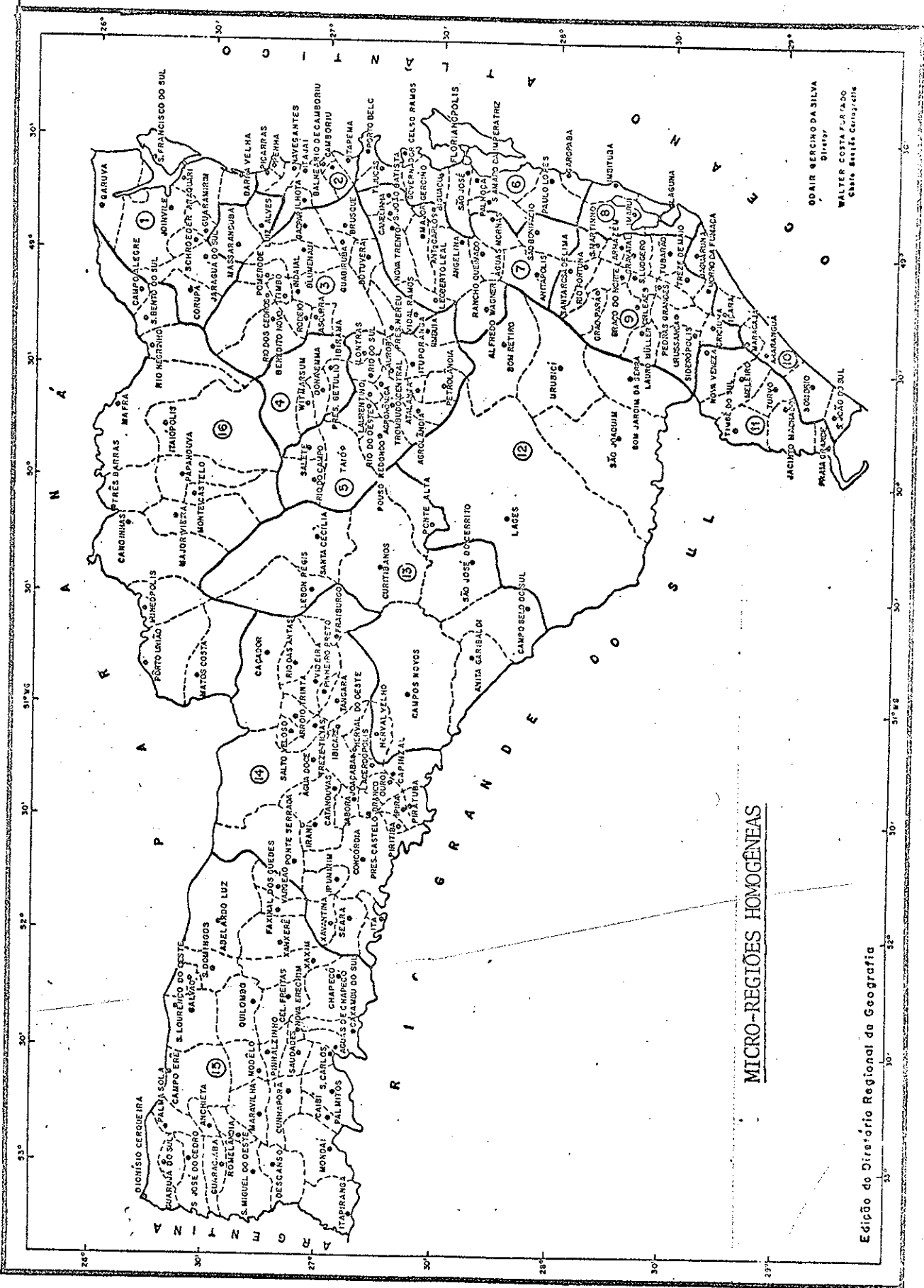
QUADRO Nº 61

Necessidades de Serviços de Trator e Colhedeira

1978

Produto	TRABALHO TRATOR (horas)	TRABALHO COLHEDEIRA (horas)
Arroz em casca	1.383.044	49.653
Milho	1.039.257	-
Trigo	133.692	13.876
Amendoim em casca	-	-
Soja	202.141	16.938
Alho	13.600	-
Batata	69.165	-
Cebola	-	-
Tomate	-	-
Feijão	-	-
Mandioca	33.247	-
Cana de açúcar	258.015	-
T O T A L	3.132.161	80.467

XI A N E X O S



MICRO-REGIÕES HOMOGÊNEAS DE SANTA CATARINA

01 - COLONIAL DE JOINVILLE	(292)
02 - LITORAL DE ITAJAÍ	(293)
03 - COLONIAL DE BLUMENAU	(294)
04 - COLONIAL DE ITAJAÍ NORTE	(295)
05 - COLONIAL DO ALTO ITAJAÍ	(296)
06 - FLORIANÓPOLIS	(297)
07 - COLONIAL SERRANO CATARINENSE	(298)
08 - LITORAL DE LAGUNA	(299)
09 - CARBONÍFERA	(300)
10 - LITORAL SUL CATARINENSE	(301)
11 - COLONIAL SUL CATARINENSE	(302)
12 - CAMPOS DE LAGES	(303)
13 - CAMPOS DE CURITIBANOS	(304)
14 - COLONIAL DO RIO DO PEIXE	(305)
15 - COLONIAL DO OESTE CATARINENSE	(306)
16 - PLANALTO DE CANOINHAS	(307)

1 (292) - COLONIAL DE JOINVILLE

1. Araquari ✓
2. Barra Velha ✓
3. Corupá
4. Garuva
5. Guaramirim
6. Jaraguá do Sul
7. Joinville
8. São Francisco do Sul
9. Schroeder

2. (293) - LITORAL DE ITAJAÍ

1. Balneário de Camboriú ✓
2. Camboriú ✓
3. Ilhota ✓
4. Itajaí ✓
5. Itapema ✓
6. Navegantes ✓
7. Penha ✓
8. Piçarras ✓

3 (294) - COLONIAL DE BLUMENAU

1. Ascurra ✓
2. Benedito Novo ✓
3. Blumenau ✓
4. Botuverã ✓
5. Brusque ✓
6. Gaspar
7. Guabiruba * em 1975 foi retirado
8. Indaial ✓

9. Luiz Alves ✓
10. Massaranduba ✓
11. Pomerode ✓
12. Presidente Nereu ✓
13. Rio dos Cedros ✓
14. Rodeio ✓
15. Timbó ✓
16. Vidal Ramos ✓

4 (295) - COLONIAL DE ITAJAÍ NORTE

1. Dona Emma ✓
2. Ibirama ✓
3. Presidente Getúlio ✓
4. Witmarsum ✓

5 (296) - COLONIAL DO ALTO ITAJAÍ

1. Agrolândia ✓
2. Agronômica ✓
3. Atalanta ✓ *NT tem 1975*
4. Aurora ✓
5. Imbuia ✓
6. Ituporanga ✓
7. Laurentino ✓
8. Lontras ✓
9. Petrolândia ✓
10. Pouso Redondo ✓
11. Rio do Campo ✓
12. Rio do Oeste ✓
13. Rio do Sul ✓

14. Salete - *N tem 1975*

15. Taió -

16. Trombudo Central -

6 (297) - FLORIANÓPOLIS

1. Biguaçu -

2. Florianópolis -

3. Garopaba

4. Governador Celso Ramos -

5. Palhoça -

6. Paulo Lopes -

7. Porto Belo -

8. Santo Amaro da Imperatriz -

9. São José -

10. Tijucas -

7. (298) - COLONIAL SERRANA CATARINENSE

1. Águas Mornas -

2. Alfredo Wagner - *N tem 1975*

3. Angelina -

4. Anitápolis -

5. Antonio Carlos -

6. Canelinha -

7. Leoberto Leal -

8. Major Gercino -

9. Nova Trento -

10. Rancho Queimado -

11. São Bonifácio -

12. São João Batista - *N tem 1975*

8 (299) - LITORAL DE LAGUNA

1. Imaruĩ
2. Imbituba
3. Laguna

9 (300) - CARBONÍFERA

1. Armazem ✓
2. Braço do Norte ✓
3. Criciúma ✓
4. Grão Pará ✓
5. Gravatal ✓
6. Lauro Muller ✓
7. Morro da Fumaça ✓
8. Orleães ✓
9. Pedras/Grandes ✓
10. Rio Fortuna ✓
11. Santa Rosa de Lima ✓
12. São Ludgero ✓
13. São Martinho ✓
14. Siderópolis ✓
15. Treze de Maio ✓
16. Tubarão ✓
17. Urussanga ✓

10 (301) - LITORAL SUL CATARINENSE

1. Araranguá
2. Içara ✓
3. Jaguaruna ✓
4. Maracajá ✓
5. São João do Sul
6. Sombrio ✓

11 (302) - COLONIAL SUL CATARINESE

1. Jacinto Machado ✓
2. Meleiro ✓
3. Nova Veneza ✓
4. Praia Grande ✓
5. Timbê do Sul ✓
6. Turvo ✓

12 (303) CAMPOS DE LAGES

1. Bom Jardim da Serra ✓
2. Bom Retiro ✓
3. Lages ✓
4. São Joaquim ✓
5. Urubici ✓

13 (304) CAMPOS DE CURITIBANOS

1. Anita Garibaldi ✓
2. Campo Belo do Sul ✓
3. Campos Novos ✓
4. Curitibaos ✓
5. Lebon Régis ✓
6. Ponte Alta ✓
7. Santa Cecília ✓
8. São José do Cerrito ✓

14 ((305) - COLONIAL DO RIO DO PEIXE

1. Água Doce ✓
2. Arroio Trinta ✓
3. Caçador ✓
4. Capinzal ✓
5. Catanduvas ✓
6. Concórdia ✓

7. Erval Velho ✓
8. Fraiburgo ✓
9. Herval D'Oeste ✓
10. Ibicarê ✓
11. Ipira ✓
12. Ipumirim ✓
13. Iranf ✓
14. Itá ✓
15. Jaborã ✓
16. Joaçaba ✓
17. Lacerdópolis ✓
18. Ouro ✓
19. Peritiba ✓
20. Pinheiro Preto ✓
21. Piratuba ✓
22. Ponte Serrada ✓
23. Presidente Castelo Branco ✓
24. Rio das Antas ✓
25. Salto Veloso ✓
26. Seara ✓
27. Tangará ✓
28. Treze Tílias ✓
29. Videira ✓
30. Xavantina ✓

15 (306) - COLONIAL DO OESTE CATARINENSE

1. Abelardo Luz ✓
2. Águas de Chapecó ✓
3. Anchieta ✓
4. Caibi ✓
5. Campo Erê ✓

6. Caxambu do Sul ✓
7. Chapecô ✓
8. Coronel Freitas ✓
9. Cunha Porã ✓
10. Descanso ✓
11. Dionísio Cerqueira ✓
12. Fachinal dos Guedes ✓
13. Galvão ✓
14. Guaraciaba ✓
15. Guarujá do Sul ✓
16. Itapiranga ✓
17. Maravilha ✓
18. Modêlo ✓
19. Mondai ✓
20. Nova Erechim ✓
21. Palma Sola ✓
22. Palmitos ✓
23. Pinhalzinho ✓
24. Quilombo ✓
25. Romelândia ✓
26. São Carlos ✓
27. São Domingos ✓
28. São José do Cedro ✓
29. São Lourenço D'Oeste ✓
30. São Miguel D'Oeste ✓
31. Saudades ✓
32. Vargeão ✓
33. Xanxerê ✓
34. Xaxim ✓

16 (307) - PLANALTO DE CANOINHAS

1. Campo Alegre ✓
2. Canoinhas ✓
3. Irineópolis ✓
4. Itaiópolis ✓
5. Mafra ✓
6. Major Vieira ✓
7. Matos Costa ✓
8. Monte Castelo ✓
9. Papanduva ✓
10. Porto União ✓
11. Rio Negrinho ✓
12. São Bento do Sul ✓
13. Três Barras ✓

ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS

1. Região da Grande Florianópolis (GRANFPOLIS)
2. Região da Foz do Rio Itajaí (AMFRI)
3. Região do Médio Vale do Itajaí (AMMVI)
4. Região do Alto Vale do Itajaí (AMAVI)
5. Região Nordeste de Santa Catarina (AMUNESC)
6. Região do Planalto Norte (AMPLA)
7. Região do Alto Rio do Peixe (AMARP)
8. Região do Alto Rio Uruguai (AMAUC)
9. Região do Meio Oeste Catarinense (AMMOC)
10. Região do Oeste de Santa Catarina (AMOSC)
11. Região do Extremo Oeste de Santa Catarina (AMEOSC)
12. Região Serrana (AMURES)
13. Região de Laguna (AMUREL)
14. Região Sul de Santa Catarina (AMSESC)